UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E
LITERATURA ALEMÃ

Raoni Naraoka de Caldas

**Criação e uso de onomatopeias em língua alemã: proposta de estudo
com a utilização de quadrinhos**

São Paulo
2014

RAONI NARAOKA DE CALDAS

**Criação e uso de onomatopeias em língua alemã: proposta de estudo
com a utilização de quadrinhos**

Dissertação apresentada ao Departamento
de Letras Modernas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração:

Língua e Literatura Alemã

Orientadora:

Profa. Dra. Selma Martins Meireles

São Paulo

2014

Autor : CALDAS, Raoni Naraoka de

Título: Criação e uso de onomatopeias em língua alemã: proposta de estudo com a utilização de quadrinhos

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ **Instituição:** _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Prof. Dr. _____ **Instituição:** _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Prof. Dr. _____ **Instituição:** _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer os professores e funcionários do Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, especialmente à Profa. Dra. Selma Martins Meireles, orientadora da pesquisa.

Agradeço também à minha família pelo apoio constante, destacando o apoio intelectual e emocional que recebo diariamente de minha esposa, Moara Feola Cappellari.

RESUMO

A presente pesquisa foi elaborada com o objetivo de verificar empiricamente se o processo de criação de onomatopeias segue as regras das estruturas fonológica, silábica e grafemática do idioma alemão, além de determinar possíveis peculiaridades do processo de criação e uso de onomatopeias referentes às formas de realização oral e escrita. Apesar de utilizadas há muito tempo tanto na linguagem oral quanto na linguagem escrita, as onomatopeias ganharam um novo *status* quando passaram a ser utilizadas na linguagem das histórias em quadrinhos no século XX. A fim de compilar um *corpus* de onomatopeias orais e escritas, foi desenvolvida uma pesquisa empírica para a coleta de dados e uma metodologia para analisar as onomatopeias. A metodologia proposta para a constituição do *corpus* e para a análise dos dados atendeu aos objetivos da pesquisa. As onomatopeias analisadas foram elicitadas de falantes da língua alemã a partir de quadros de histórias em quadrinhos em que estão representadas ações que produziram um ruído. As onomatopeias originais não figuram nas cenas que foram apresentadas aos informantes tendo sido retiradas com a utilização de um editor digital de imagens. As onomatopeias sugeridas foram analisadas comparativamente em relação a cada um dos quadros, bem como em relação às formas oral e escrita para cada um dos quadros. Através da análise foi possível a constatação de tendências relativas à utilização de determinados fones para a representação de determinadas características sonoras, de acordo com a posição desses sons nas onomatopeias, corroborando as observações de NOGUEIRA (1950). Também constatamos tendências ao emprego de onomatopeias consagradas no idioma alemão, utilizadas com frequência quando havia a chance. Foi possível identificar aspectos do processo de imitação sonora através de meios linguísticos, além de peculiaridades referentes aos meios de realização oral e escrito. Constatou-se uma tendência à conformidade com os padrões linguísticos nas onomatopeias sugeridas de forma escrita, em relação àquelas sugeridas de forma oral. Também foi perceptível a utilização de recursos extralinguísticos, como a variação tonal, para a sugestão de movimentos realizados rapidamente ou de um corpo se movimentando rapidamente. Exceções e onomatopeias peculiares foram destacadas e discutidas ao longo da análise.

Palavras-chave: onomatopeias, língua alemã, quadrinhos, fonética, linguística.

ABSTRACT

This research was conducted in order to verify empirically if the process of onomatopoeia creation follows the rules of the phonological, syllabic and graphematic structures of the German language, and to determine possible peculiarities of the processes of creation and use of onomatopoeia relating to oral and written media. Although used for a long time both in oral and written language, onomatopoeia gained a new status in the language of comics in the twentieth century. In order to compile a corpus of oral and written onomatopoeia, an empirical research to collect data was conducted, and a methodology was developed to analyze it. The proposed methodology and analysis of the data has met the research objectives. German speakers provided examples of onomatopoeia after being presented comics panels, in which were represented actions that would produce noises. The original onomatopoeia were not present in the panels shown to the informants. They were removed from the panels with a digital image editor. The thus provided onomatopoeia have been analyzed comparatively regarding each one of the comic panels, as well as concerning the oral and written media. Through the analysis, it was possible to evidence trends regarding the use of certain phones for the representation of specific sound characteristics concerning the position of these sounds in the onomatopoeia, thus endorsing the observations from NOGUEIRA (1950). There was also a tendency to the use of already established German onomatopoeia, when possible. It was possible to identify certain aspects of sound imitation process on basis of linguistic resources, as well as peculiarities related to oral and written media. A tendency towards conformity to the linguistic patterns was verified in the onomatopoeia provided in writing form, compared with those provided in oral form. It was also noticed the use of extra linguistic expressions, such as pitch variation for suggesting movements performed quickly or the quick moving of an object or a person. Exceptions and peculiar onomatopoeia were characterized and discussed along the analysis.

Keywords: onomatopoeia, German language, comics, phonetics, linguistics.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Studie hat als Ziel empirisch zu überprüfen, in wie weit die Schaffung von Onomatopöien den Regeln der phonologischen, syllabischen und graphematischen Strukturen der deutschen Sprache folgt. Außerdem soll sie ermöglichen, Besonderheiten bezüglich ihrer Entstehung und Verwendung in gesprochener und geschriebener Sprache zu erforschen. Obwohl sie schon lange in der mündlichen und schriftlichen Sprache verwendet werden, gewannen Onomatopöien in den 20. Jahrhundert einen neuen Status in der Sprache der Comics. Um ein Korpus von mündlichen und schriftlichen Onomatopöien zu kompilieren, wurde eine empirische Forschung durchgeführt, und eine Methodologie wurde zur Analyse der gewonnenen Daten entwickelt, die sich als geeignet für die Forschungsziele erwiesen hat. Deutsche Muttersprachler haben Onomatopöien vorgeschlagen, nachdem ihnen Comics-Einzelbilder vorgestellt wurden, in denen Geräusch erzeugende Aktionen dargestellt waren. Die Informanten sahen die originalen Onomatopöien nicht; diese wurden mit einer graphischen Software vor dem Interview entfernt. Die zu jedem Einzelbild vorgeschlagenen Onomatopöien wurden komparativ analysiert, auch bezüglich der mündlichen und schriftlichen Produktion. Die Analyse ermöglichte es, Tendenzen der Verwendung von bestimmten Lauten für die Darstellung spezifischer akustische Merkmale bezüglich ihrer Position in den Onomatopöien festzustellen, was die Beobachtungen von NOGUEIRA (1950) bestätigt. Es gab auch eine Tendenz zur Verwendung von vorhandenen deutschen Onomatopöien, wenn es solche gab. Es war möglich, bestimmte Aspekte der akustischen Nachahmung durch linguistische Mittel zu identifizieren, sowie Besonderheiten, die mit den mündlichen und schriftlichen Medien zusammenhängen. Im Vergleich zu den mündlich vorgeschlagenen Onomatopöien wurde für die geschriebenen Onomatopöien eine größere Tendenz zur Konformität bezüglich der linguistischen Struktur festgestellt. Die Verwendung von extra-linguistischen Mitteln, wie Tonveränderung zur Darstellung von schnellen Handlungen oder schneller Bewegung eines Objektes oder einer Person war auch bemerkenswert. Ausnahmen und besondere Onomatopöien wurden während der Analyse hervorgehoben und diskutiert.

Schlüsselwörter: Onomatopöien; deutsche Sprache; Comics, Phonetik, Linguistik.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Interesse do tema	1
Objetivos do trabalho.....	3
 CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	6
1.1 Histórias em quadrinhos	6
1.2 Onomatopeias em histórias em quadrinhos	7
1.3 Onomatopeias	10
1.4 Interjeições.....	12
1.5 Estrutura Fonética do Alemão	16
1.6 Estrutura Silábica do Alemão	20
1.7 Estrutura Grafemática do Alemão	23
 CAPÍTULO 2 - MATERIAL E MÉTODO.....	26
2.1 Constituição do corpus.....	26
2.1.1 Seleção das figuras utilizadas nas entrevistas.....	27
2.1.1.1 Quadro 1 - Impacto contra objeto duro.....	29
2.1.1.2 Quadro 2 - Impacto contra objeto mole	30
2.1.1.3 Quadro 3 - Impacto contra o vidro.....	31
2.1.1.4 Quadro 4 - Impactos sucessivos contra a água	31
2.1.1.5 Quadro 5 - Personagem é cuspidas.....	32
2.1.1.6 Quadro 6 - Personagem escorrega	33
2.1.1.7 Quadro 7 - Tiros de revólver.....	34
2.1.1.8 Quadro 8 - Mordidas na madeira	35
2.1.2 Procedimento de execução das entrevistas	36
2.1.2.1 Sugestões orais	37
2.1.2.2 Sugestões escritas.....	38
2.3 Procedimentos da análise.....	40
2.3.1 Sons utilizados.....	41
2.3.2 Estrutura silábica	42
2.3.3 Formas consagradas e formas criadas ad hoc.....	42

2.3.4	Formal oral e forma escrita	43
CAPÍTULO 3 – PESQUISA EMPÍRICA		45
3.1	Resultados da análise.....	45
3.1.1	Quadro 1 - Impacto contra objeto duro.....	46
3.1.2	Quadro 2 - Impacto contra objeto mole	48
3.1.3	Quadro 3 - Impacto contra o vidro.....	52
3.1.4	Quadro 4 - Impactos sucessivos contra a água	56
3.1.5	Quadro 5 - Personagem é cuspid.....	60
3.1.6	Quadro 6 - Personagem escorrega	65
3.1.7	Quadro 7 - Tiros de revólver.....	69
3.1.8	Quadro 8 - Mordidas na madeira	72
3.2	Discussão dos resultados	76
3.2.1	Relações entre a estrutura fonética e os sons representados	76
3.2.2	Estrutura silábica	84
3.2.3	Uso de formas consagradas em relação a criações ad hoc	85
3.2.4	Relações entre formas orais e escritas.....	87
CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS		89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		92
ANEXO À VERSÃO EM CD-ROM - DADOS DO CORPUS		

INTRODUÇÃO

Interesse do tema

Segundo HOUAISS (2001), o termo onomatopeia designa um processo de criação de palavras que consiste na imitação dos sons naturais através do uso do sistema linguístico. Além disso, são denominadas onomatopeias as palavras criadas através desse processo.

A onomatopeia é considerada, por um lado, um dos recursos mais antigos empregados na criação de palavras. NOGUEIRA (1950b), por exemplo, acredita que esse foi o principal modo de criação das palavras nos primórdios da linguagem. Por outro lado, trata-se de um processo linguístico cuja ocorrência é constante e produtiva na linguagem atual. Na língua oral, os falantes geralmente recorrem à onomatopeia quando sentem a necessidade de representar um acontecimento sonoro natural no discurso. Ocorre nesses casos, ao nosso ver, o uso da onomatopeia que classificaremos como **imitativo**. Ao invés de um falante descrever, em um diálogo, um som natural em detalhes, como: “estava trabalhando e, de repente, ouvi um som de pancadas seco, repetitivo e estridente - era o vizinho martelando”; ele pode usar a onomatopeia: “estava trabalhando e, de repente, ouvi o vizinho martelando - PÁ, PÁ, PÁ...”.

As onomatopeias também podem ser utilizadas de uma forma que denominaremos forma **evocativa**. Nesse caso, o falante não deseja imitar um acontecimento sonoro natural, mas sim utilizar uma expressão onomatopaica cuja sonoridade evoca uma ação ou um modo de agir. Por exemplo, a ação de beber um copo de líquido rapidamente não faz nenhum ruído facilmente reconhecível, exceto aquele produzido por quem está bebendo. Mesmo assim, é possível que um falante produza, durante um diálogo, a enunciação: “ele olhou bem para o copo, fechou os olhos e PÁ! - bebeu tudo de uma vez”. Nesse caso, a onomatopeia “PÁ!” exerce a função, no discurso, de indicar que a ação descrita foi realizada de modo brusco, ou seja, uma função adverbial. O caráter adverbial dessas onomatopeias é destacado por ERBEN (1972) e por DUDEN (2005).

Muitas vezes o uso de onomatopeias na linguagem oral é acompanhado pelo uso de gestos ou de expressões faciais que auxiliam na imitação da situação descrita ou

na evocação intentada. Ao descrever um som estridente, o falante pode fazer uma expressão facial de alguém que ouve incomodado um som estridente, com os dentes cerrados e olhos semicerrados. Ao fazer isso, o falante dá maior expressividade a seu discurso, indicando que, além de ouvir o ruído estridente, este ruído o estava incomodando no momento descrito.

Ao utilizar uma onomatopeia com função evocativa, conforme descrito, é comum que os falantes também realizem gestos ou expressões faciais concomitantemente, para intensificar o efeito evocativo. Quando um falante diz, em um diálogo: “estava cheio de dinheiro e quando viu – PÁ! – não tinha mais nada”, ele pode acompanhar a expressão onomatopaica com um estalo de dedos, por exemplo, para intensificar a expressividade da onomatopeia que indica uma ação repentina.

Apesar de utilizada constantemente na linguagem falada e de ter dado origem a diversas palavras que se tornaram consagradas em diversos idiomas, ainda são escassos os estudos linguísticos que tratam da onomatopeia. A maior parte das gramáticas e dos manuais de linguística geral pesquisados não trata do tema, ou o faz brevemente, limitando-se a tentar definir o processo e a oferecer alguns exemplos. Estudos linguísticos específicos relativos ao tema são raros, geralmente fazendo um levantamento ou uma análise do ponto de vista da tradução desse tipo de expressão de um idioma para outro, na linguagem dos quadrinhos (p.ex. CALDAS, 2011; LEITÃO, 2010; MEIRELES, 2007; 2009, AIZEN, 1977).

Acreditamos que tal escassez de estudos se deve, em grande parte, ao fato desse tipo de expressão não contar com uma utilização padronizada na comunicação escrita tradicional, na qual, ao contrário da linguagem oral, não é comumente utilizada.

Podemos dizer que a onomatopeia na linguagem escrita somente tornou-se largamente utilizada dentro da linguagem das histórias em quadrinhos, ao longo do século XX. Nessa linguagem, as expressões onomatopaicas passaram a ser utilizadas com a função de compensar a ausência do aspecto auditivo da linguagem.

Os quadrinhos se popularizaram na cultura ocidental durante as primeiras décadas do século XX, ao mesmo tempo em que ocorria a popularização da linguagem do cinema (cf. p. ex. MCCLOUD, 2005; ECO, 2004; GRÜNEWALD, 2000; BARBIERI, 1998; EISNER, 1995). Conforme evoluíram essas duas linguagens, os criadores do cinema e dos quadrinhos começaram a criar novos meios para suprir as limitações de cada uma.

A dinâmica da linguagem cinematográfica deu um grande passo com o advento da sonorização nas filmagens. Os filmes deixaram logo contavam com diálogos falados,

música incidental e efeitos sonoros, que intensificavam as ações e emoções representadas na tela. Isso ajudou a criar o apelo necessário para tornar o cinema uma das formas de arte mais rentáveis do século XX, o que resultou no nascimento de uma indústria para a produção cinematográfica.

No caso dos quadrinhos, as expressões onomatopaicas foram uma forma desenvolvida pelos autores para intensificar o efeito resultante das ações e emoções representadas no papel. É fácil imaginar que uma cena de quadrinhos que representa um homem dando um soco em outro, por exemplo, pode ser mais facilmente interpretada pelos leitores com o uso de uma expressão onomatopaica (como “PÁ!”, “PAU!”, “SOC!” etc.). Em conjunto com outros meios específicos desenvolvidos especificamente para a linguagem dos quadrinhos ao longo do século XX, o advento das onomatopeias contribuiu, a nosso ver, para que essa forma de arte se tornasse extremamente popular e rentável ao longo do século XX, assim como também contribuiu para o sucesso da linguagem cinematográfica o advento do aspecto sonoro.

Hoje, é possível dizer que mesmo aqueles que não são leitores assíduos de quadrinhos reconhecem facilmente as expressões onomatopaicas comumente empregadas nessa linguagem. Isso se deve à consolidação dessas expressões na linguagem dos quadrinhos.

A partir da segunda metade do século XX, diversas onomatopeias convencionalmente utilizadas nos quadrinhos se tornaram consagradas, e passaram a ser exportadas para a linguagem do cinema e da propaganda. Acreditava-se que a utilização dessas onomatopeias nesses meios comunicativos produziria um efeito comunicativo tão satisfatório quanto aquele produzido por elas nos quadrinhos (HAVLIK, 1981: 13).

Objetivos do trabalho

Apesar da consagração de certas expressões nas histórias em quadrinhos em determinados idiomas (por exemplo, “CRASH!” e “BANG!” em inglês; “RONC!” e “PIMBA” em português; “KLIRR!” e “KRACH” em alemão), é possível encontrar em quadrinhos de diversas épocas, produzidos em diversos idiomas, onomatopeias que nunca foram utilizadas previamente e que, provavelmente, não serão utilizadas novamente da mesma forma. Esse fato é importante, porque delineia a existência de

dois tipos principais de onomatopeias nos quadrinhos, as que são consagradas pelo uso constante a aquelas que são criadas *ad hoc*.

Embora muitas vezes aparentemente aleatórias em sua realização, nota-se que tais onomatopeias tendem a seguir o padrão linguístico do idioma ao qual pertencem, de acordo com a motivação da imitação sonora. Em CALDAS (2011), constatou-se que existem determinados padrões de imitação linguística no processo onomatopaico como, por exemplo, o uso de consoantes oclusivas como primeiro fone da onomatopeia para a representação de ruídos que possuem um início abrupto ou de consoantes nasais como último fone para representar a duração prolongada de um ruído (exemplificando os dois casos, é possível a utilização da onomatopeia “BUMMMM” para representar o som de uma explosão, ruído caracterizado por um início brusco e por um final prolongado).

Um dos poucos textos a abordar a questão, o dicionário de onomatopeias de HAVLIK (1981) apresenta uma análise quantitativa em sua introdução, verificando quais letras aparecem com mais frequência como primeira e segunda letras nas onomatopeias por ele coletadas. Porém, esse estudo é apresentado em poucas páginas, sem uma análise linguística aprofundada, e há apenas poucas considerações sobre o levantamento empírico efetuado pelo autor. HAVLIK destaca que, na maior parte das onomatopeias por ele coletadas, a primeira letra é uma consoante oclusiva ou uma fricativa e a segunda letra uma vogal. As considerações de HAVLIK resultantes dessa análise, porém, não conduzem ao entendimento de nenhum tipo de questão linguística relativa ao processo onomatopaico.

Desde a realização de nosso estudo prévio, constatamos a inexistência de estudos que analisem linguisticamente os processos linguísticos referentes às onomatopeias na linguagem das histórias em quadrinhos. Não foram encontrados, por exemplo, trabalhos que analisam como são criadas expressões onomatopaicas novas ou qual o nível de uso daquelas consideradas consagradas em um determinado idioma, na linguagem dos quadrinhos, proposta de análise desta pesquisa.

Desta forma, o presente estudo busca investigar a produção e o uso de onomatopeias em língua alemã, no contexto das histórias em quadrinhos, considerando as diferenças nas formas oral e escrita.

A partir desta questão de pesquisa, o estudo tem como objetivos específicos:

1. documentar empiricamente o processo de criação e emprego de onomatopeias em alemão, através de sugestões elicitadas junto a falantes nativos do idioma;
2. verificar se os fones utilizados em tais sugestões apresentam regularidades em relação aos sons representados (conforme proposta de NOGUEIRA 1950a);
3. verificar se o processo de criação de onomatopeias segue as regras das estruturas silábica e grafemática do idioma alemão;
4. verificar a frequência de uso de formas consagradas em relação a criações *ad hoc*;
5. detectar possíveis peculiaridades do processo onomatopaico referentes às formas de realização oral e escrita.

O capítulo a seguir apresenta os pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa. No Capítulo 2 são apresentados o processo de constituição do corpus e a metodologia empregada para a análise dos dados. No capítulo 3 é apresentada a análise em dois momentos, primeiramente com o detalhamento da pesquisa empírica efetuada e em seguida a discussão relativa aos dados obtidos. Considerações sobre tendências gerais, sobre a metodologia empregada e sobre os resultados obtidos são apresentadas no capítulo 4.

CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão apresentados conceitos básicos relativos à linguagem das histórias em quadrinhos, bem como a discussão linguística sobre as onomatopeias e sobre sua classificação gramatical. Em seguida, serão apresentados e discutidos os conceitos de fonética, fonologia e grafemática empregados na elaboração da metodologia de análise e na própria análise.

1.1 Histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos são uma linguagem artística específica, que possui convenções e utiliza meios próprios para transmitir uma mensagem, em geral uma narrativa. Entre esses meios específicos está o tema desta pesquisa: o uso e criação constante de onomatopeias para conferir uma dimensão sonora a um meio visual e estático.

A definição do termo histórias em quadrinhos não é unânime entre os estudiosos e artistas do gênero. EISNER (1995: 05-12), um dos primeiros quadrinistas a tentar explicar sua linguagem artística, cunhou o termo “arte sequencial” (*sequential art*), denominando uma forma artística ou método de expressão cuja principal característica é a superposição e a integração entre palavras e imagens. De acordo com EISNER, essa forma de arte engloba as histórias em quadrinhos (*comics*) e outras manifestações artísticas mais antigas, caracterizadas pela combinação de ilustrações e textos.

MCCLOUD (2005: 09), levando em consideração o termo “arte sequencial”, de EISNER, define as histórias em quadrinhos (*comics*) como "imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada, destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador".

Trata-se de uma definição abrangente, que engloba desde pinturas egípcias de 1300 a.C., que contêm narrativas, a obras mais recentes produzidas por artistas plásticos europeus (como a história em seis ilustrações chamada "O progresso de uma prostituta" de William Hogarth, publicada em 1731, ou o "romance em colagem" intitulado "A

week of kindness", produzido por Max Ernst no século XX). Além disso, essa definição abrange as histórias em quadrinhos ocidentais do século XX.

GRÜNEWALD prioriza o conceito alemão mais amplo de *Bildgeschichte* ("histórias ilustradas"). Segundo o autor, essa forma de arte engloba qualquer ciclo de pinturas ou gravuras que, em conjunto com textos, dos quais são codependentes, apresentam uma narrativa (cf. 2000: 01-15). Ele considera as histórias em quadrinhos (também "*Comics*" em alemão) como um subgênero de "*Bildgeschichte*" produzido a partir da década de 1890, incorporando novas características ocidentais mercadológicas (altas tiragens, veiculação em jornais e revistas, publicação periódica) e formais (integração maior dos textos com as imagens, balões de fala para representar o discurso direto ou pensamentos, onomatopeias para a representação sonora).

Nenhuma dessas definições trata da forma como as histórias são contadas ou como as mensagens são transmitidas, sendo totalmente abrangentes quanto ao conteúdo da obra ou quanto à qualidade da comunicação (o sucesso ou fracasso do artista em relação às suas intenções estéticas e narrativas). Público alvo, estilo do artista ou gênero da história também não são determinantes para tais definições de quadrinhos.

A definição do termo "histórias em quadrinhos", ou simplesmente "quadrinhos", não é unânime ou de fácil delimitação. Portanto, nenhum desses critérios não essenciais (qualidade, público alvo, gênero) influenciou na seleção dos quadros que foram utilizados para a elaboração do material empregado nesta pesquisa.

1.2 Onomatopeias em histórias em quadrinhos

As onomatopeias criam a representação de uma dimensão sonora inexistente nos quadrinhos ("tradicionais", impressos, já que as produções para mídias eletrônicas, ainda exceções, podem contar com uma reprodução sonora fiel). Trata-se de um dos signos específicos mais populares da linguagem dos quadrinhos, mesmo entre aquelas pessoas que não estão familiarizadas com esta linguagem. Tal familiarização é necessária, pois essa linguagem precisa ser aprendida pelos leitores, exigindo uma leitura ativa (e não somente reativa) para a decodificação dos diversos signos específicos nela contidos (balões de fala, linhas que indicam movimento, onomatopeias, mudanças de perspectiva etc. – cf. GRÜNENWALD 2000: 37-45; ECO 2004: 145).

Talvez a obra específica mais abrangente sobre o tema, o "Léxico das onomatopeias" (HAVLIK, 1981) lista centenas de onomatopeias encontradas em

quadrinhos produzidos em vários idiomas ocidentais, apresentando a descrição do som imitado (tiro de pistola laser, pancada contra uma bigorna etc.). Além disso, a obra conta com uma introdução na qual são apresentadas as principais características da utilização de onomatopeias nos quadrinhos, sendo especialmente interessante para esta pesquisa a sequência das letras e sílabas e a sua disposição gráfica.

No que se refere à sequência das letras e sílabas das onomatopeias nos quadrinhos, as possibilidades apresentadas são: a duplicação, a repetição de letras e sílabas, a separação de sílabas, a união de duas ou mais onomatopeias numa só expressão, o isolamento de grupos de letras, que permite a identificação de afixos, o uso de sinais como o hífen (para separação de sílabas), a utilização de pontos de exclamação e interrogação (além de combinações de ambos, com possibilidade de repetição desses sinais) (HAVLIK 1981: 17-19). Quanto à disposição gráfica das onomatopeias, são apresentadas as seguintes características: tamanho da letra, local de colocação no quadrinho, o formato e tipo de traçado utilizado, a cor, a possibilidade de figuração no cenário ou nos balões de fala e a utilização (em geral) de letras maiúsculas (op. cit.: 20-23).

Todos esses fatores são relevantes para uma análise linguística das onomatopeias: a sequência das letras e sílabas e a disposição gráfica empregadas pelo artista são responsáveis por suas múltiplas possibilidades de expressão: duas onomatopeias parecidas, com a mesma sequência de sons, podem ter valores semânticos diferenciados, de acordo com o emprego destas diversas possibilidades expressivas (por exemplo "argh!" e "AAAA-AAARRRRGGHHHHHH!!!!!!!?!!?!!!!!").

Essas características são importantes para a compreensão do caráter icônico assumido pelas onomatopeias dentro da linguagem dos quadrinhos. Porém, a pesquisa efetuada não contempla a análise desse tipo de peculiaridade. Mais importante para o presente estudo é a diferenciação entre onomatopeias **propriamente ditas** (*eigentliche*) e **descritivas** (*umschreibende*) proposta pelo autor (op. cit. p. 38. s.). Onomatopeias propriamente ditas são aquelas que parecem ter uma forma aleatória, criadas sem nenhum tipo de derivação linguística. Já as onomatopeias descritivas são aquelas derivadas de um determinado verbo. O autor exemplifica a distinção (op. cit.: 38) citando as onomatopeias "BUAAA" ou "IIIEEEH", que podem se referir ao som de uma pessoa chorando e de algo chiando, respectivamente. Ao invés dessas expressões, é possível a utilização, em língua alemã, das onomatopeias "HEUL" e "KREISCH", radicais dos verbos *heulen* (chorar), e *kreischen* (guinchar, chiar).

Em língua alemã, é muito comum o uso de onomatopeias descritivas nos quadrinhos. Em inglês também é comum, existindo diversas onomatopeias consagradas nesse idioma formadas por verbos (“CRASH!”, “BANG”). Em português o uso desse tipo de onomatopeia não é tão comum, mas pode ser encontrado em quadrinhos traduzidos e produzidos no Brasil. Há algumas onomatopeias derivadas de verbos (como “RONC” ou “SOC”) que podem ser consideradas consagradas em língua portuguesa.

Na obra de HAVLIK também é discutida uma característica fundamental das onomatopeias, a restrição da arbitrariedade do signo linguístico, visto que estas expressões são criadas com base numa aproximação fonética (*phonetische Ähnlichkeit*). No caso das onomatopeias encontradas nas histórias em quadrinhos, os significantes têm uma relação mais direta com os significados, sendo que uma expressão como "PFFT" seria tão inadequada para representar o som de um sino badalando quanto a expressão "DONG" para representar o som de gás escapando (op. cit.: 39).

A linearidade sintática é outra característica linguística que tem aplicação irregular nas onomatopeias em histórias em quadrinhos. Nesse contexto, elas podem ser representadas de diferentes formas, como, por exemplo, da esquerda para a direita ou de cima para baixo, podendo ser justapostas, misturadas ou até mesmo ter o sentido da escrita invertido (op. cit.: 40).

HAVLIK, além de catalogar onomatopeias em língua alemã, inglesa e francesa, faz um levantamento dos fones mais frequentes de acordo com a posição na palavra (1ª letra, 2ª letra etc.), procurando encontrar padrões. O levantamento indica uma frequência maior de oclusivas e fricativas na 1ª posição (1ª letra) e uma predominância de vogais na segunda posição, além de uma presença constante das consoantes "R" e "L". A letra "S" é predominante na primeira posição, sendo que foram encontradas muitas ocorrências de letras na segunda posição que estabelecem uma união frequente com ela, como, por exemplo, "SP...", "SC..." e "SV..." (op. cit.: 44-46).

A análise efetuada pelo autor é demasiadamente simples, e apenas contabiliza os dados registrados de acordo com essa sistemática, sem apresentar uma análise qualitativa dos dados reunidos. A presente pesquisa propõe a análise de dados semelhantes com base em objetivos demarcados de modo mais específico e da elaboração de uma metodologia mais complexa para a realização dessa análise.

1.3 Onomatopeias

No âmbito da linguística, há pouca informação sobre o conceito de onomatopeia nos dicionários específicos: enquanto CRYSTAL (1988) e TRASK (2008) sequer trazem o verbete, DUBOIS et al. (1998: 442) definem-na como “uma unidade léxica criada por imitação a um ruído natural”, diferenciando-a da “imitação não linguística” por integrar-se no padrão linguístico da língua considerada, sendo suscetível ao seu sistema de distribuição e marcas (por exemplo, o plural: *cocoricó* – *cocoricós*).

Os dicionários de uso geral e gramáticas consultados definem o termo “onomatopeia” como o processo de imitação sonora através de meios linguísticos. Trata-se de um processo que gera palavras de diversas classes gramaticais. As palavras geradas através desse processo também são denominadas onomatopeias. NOGUEIRA (1950a; 1950b) discute sobre a possibilidade de diversas palavras do idioma português terem sido criadas como resultado desse processo.

Na gramática alemã DUDEN 2005 (cf. p. 606ss.), as onomatopeias recebem um subcapítulo específico. As onomatopeias (*Onomatopoetikum*) são descritas como palavras que “pintam/desenham” os sons (*lautmalendes Wort*), servindo para a imitação de diversos sons e acontecimentos sonoros (*Schallereignissen*). São discutidas ainda brevemente algumas das possibilidades expressivas (alongamento, duplicação) e sintáticas (autonomia, possibilidade de formação de uma frase completa) das onomatopeias.

À semelhança de DUBOIS et al., no verbete “onomatopeia” do dicionário HOUAISS (2001) é estabelecida uma distinção entre onomatopeias linguísticas, integradas ao sistema fonológico da língua, e que por isso possuem uma forma similar a das palavras comuns (por exemplo: “blém-blém” e “bibí-fonfom”) e não linguísticas, que procuram imitar os sons com maior fidelidade, usando combinações fônicas e representações gráficas que fogem dos padrões fonéticos e ortográficos da língua (por exemplo: o motor falhou: “fffrtttoct”). Outra distinção é realizada entre onomatopeias brutas (invariáveis e frequentemente sintaticamente autônomas, ou seja, que não se combinam facilmente com outras palavras para formar frases) e onomatopeias gramaticalizadas, derivações efetuadas a partir das onomatopeias brutas, como, por exemplo, o verbo “tiquetaquear” ou o adjetivo “tiquetaqueante”, ambos derivados da onomatopeia bruta “tiquetaque”.

NOGUEIRA, (1950a: 16-19), estabelece uma distinção semelhante à do dicionário HOUAISS para a classificação das onomatopeias. Segundo sua terminologia, há a distinção genética entre as onomatopeias **puramente fonéticas** (cujo conceito é semelhante ao das onomatopeias não linguísticas de HOUAISS) e as **fonético-ideológicas** (conceito de que se aproxima ao das onomatopeias linguísticas de HOUAISS), com as quais procura-se "[...] imitar os sons que representam [...] por vocábulos ou expressões frásicas de pronúncia mais ou menos semelhantes (ex.: "estou fraca, estou fraca" [para o som de uma ave])" (cf.: 17).

NOGUEIRA também realiza uma análise de diversas onomatopeias da língua portuguesa em seus três estudos compilados nesta edição. Seus critérios são fonético-fonológicos, procurando mostrar como as características dos sons da natureza (timbre, entoação, quantidade, sonoridade, ressonância, brusquidão, intensidade, continuidade, repetição, rapidez da repetição e a suspensão) são reproduzidas pelo aparelho fonador (e posteriormente na linguagem escrita), cujas limitações caracterizam uma imitação apenas aproximada, interpretativa. Trata-se de um foco de pesquisa semelhante ao do presente estudo, e portanto forneceu o cerne da base teórica aqui utilizada.

NOGUEIRA procura por regularidades fonético-fonológicas na expressão de sons de batidas, de tiros, de explosões, de vozes de animais, entre vários outros. Os três estudos que compõem o volume *Estudos sobre as onomatopeias* (1950a) avançam no sentido de encontrar características onomatopaicas na criação das palavras. Em um quarto estudo sobre o assunto, intitulado *As onomatopeias e o problema da origem da linguagem* (1950b), são investigadas hipóteses sobre uma possível origem onomatopaica de todos os vocábulos da língua, assunto que foge do foco deste trabalho.

Uma tendência verificada em autores contemporâneos (AZEREDO, 2008; GONÇALVES, 2002, KOLLER, 2003) é a classificação das onomatopeias como as que são encontradas na linguagem das histórias em quadrinhos como uma subclasse das interjeições, com função comunicativa predominante de representação do contexto.

O processo onomatopaico pode gerar palavras de diversas classes gramaticais, como substantivos (tique-taque), verbos (tiquetaquear) e interjeições (PÁ!, PUM!, PIMBA!). Essa última classe gramatical compreende as onomatopeias que são objeto de nosso estudo. A classificação dessas expressões como interjeição não é unanimidade entre os linguistas, mas é encontrada em obras especializadas, que estudam as interjeições com maior profundidade.

O termo interjeição gera divergências entre os gramáticos, não sendo consenso sua classificação como classe de palavras, partícula invariável ou palavra/locução com valor de predicação de uma frase. Na seção seguinte serão apresentadas diversas abordagens em relação a essa questão, com a finalidade de estabelecer os parâmetros para a definição do objeto de estudo da pesquisa.

1.4 Interjeições

A maior parte das obras consultadas, tanto em alemão quanto em português, apresenta definições semelhantes: interjeições e locuções interjetivas são expressões invariáveis que usamos para expressar nossos sentimentos e sensações de modo vivo. A classificação também é semelhante na maioria das obras consultadas, de acordo com o sentimento ou sensação denotado: de alegria, de espanto, de dor etc. Já LUFT (1976), CEGALLA (1970) e KURY (1990) apresentam uma classificação a partir da forma da interjeição: ou se tratam de formas próprias, exclusivamente interjeições, ou de aproveitamentos de vocábulos já existentes, critério também presente em HOUAISS (2001) e DUDEN (2005).

Entre os dicionários e gramáticas de língua portuguesa e alemã consultados, o dicionário HOUAISS (2001) é o que apresenta mais informações tanto em relação às onomatopeias quanto às interjeições. Estudos mais detalhados foram encontrados nos artigos de KOLLER (2003) e GONÇALVES (2002), ambos produzidos em Portugal.

Na tese de GONÇALVES (2002) são apresentadas, ao longo da história da gramática, posições divergentes sobre o assunto, desde o surgimento dos estudos linguísticos ocidentais na Grécia antiga. Isso demonstra que uma definição para o termo gera discussão e dúvidas há muitos séculos (op. cit.: 46-89). A gramática de Dionísio, o Trácio (embora não haja total certeza, entre os filólogos, sobre a autenticidade autoral), datada do séc. II a.C., foi a primeira a estabelecer uma divisão de oito classes gramaticais (*partes orationis*), sendo que o que hoje reconhecemos como interjeição constava nessa obra como uma subclasse dos advérbios (op. cit.: 47-48). Na Gramática de VÁZQUEZ CUESTA e DA LUZ (1980: 460- 461), encontra-se um reflexo dessa antiga classificação: nessa obra, as interjeições também se encontram em um capítulo dedicado

aos advérbios. A seguir, são elencados resumidamente os tratamentos dispensados à questão nas duas línguas.

Entre as gramáticas consultadas, as de BECHARA (1980: 166-167), PINTO (1996: 150), SAID ALI (1964: 105), CEGALLA (1970: 227-229), KURY (1990: 221-222) e LUFT (1976: 144), da língua portuguesa, e DUDEN (2005: 604-606), da língua alemã, classificam as interjeições como uma **classe de palavras**. Outros gramáticos preferem considerar a interjeição como uma **palavra (ou locução) com o valor de uma frase completa**; entre eles estão CUNHA (1980: 546), BACK e MATTOS (1972: 349-350), AZEREDO (2008: 77-78) e GÄRTNER (1998: 632-683), nas obras sobre a língua portuguesa e ERBEN (1972: 61) e ENGEL (1988: 772-773) nas obras sobre a língua alemã. BARROS (1985: 32-33) afirma categoricamente que interjeições não constituem uma classe de palavras por se realizarem exclusivamente na fala e pertencerem à "linguagem afetiva".

AZEREDO (2008: 77 e 78) considera as interjeições como palavras com valor de frases que realizam atos de fala diretivos ou expressivos. São classificadas, de acordo com a intenção do locutor, em sintomáticas (que não implicam a participação do interlocutor), interativas (que implicam a participação do interlocutor) e onomatopaicas. Essas classes, simplifadamente, correspondem às funções expressiva, apelativa/fática e representativa presentes em KOLLER (2005), apresentadas adiante.

A gramática da língua portuguesa em alemão de GÄRTNER (1998: 632-683) apresenta as interjeições na seção referente às formas dos diferentes tipos de enunciados. Não há uma definição da interjeição, mas são apresentados muitos exemplos de sua utilização, classificados de acordo com a função das frases que compõem (interrogativas, apelativas, exclamativas etc.).

Em relação à língua alemã, ERBEN (1972: 61) considera que, assim como as partículas "sim" e "não" utilizadas em respostas, as interjeições têm o valor de uma frase, mas não a capacidade de predicação de uma frase (*"satzwertig, doch keineswegs satzfähig"*). Portanto elas não participam do sistema de classes cooperativas de palavras (*kooperierenden Wortklassen*). No capítulo dedicado aos adjetivos e advérbios (*Bei-Wörter*; vocábulos que acompanham outros), há um comentário sobre a propriedade de interjeições como "Ah!", "Au!", "Ei!", "I!", e "O!" na caracterização de estados internos ou externos do falante. A diferença em relação aos advérbios e adjetivos é que elas não se integram à frase, sendo enunciados independentes (*eigenständige, "zwischen-geworfene" Äußerungen*) de surpresa, dor, prazer ou relutância (op. cit.: 188).

Na *Deutsche Grammatik* (ENGEL, 1988: 772s.), a interjeição encontra-se em um capítulo dedicado a palavras equivalentes a enunciados (*Satzäquivalente*). Estas palavras são subdivididas em partículas de resposta (*Antwortpartikeln*: "ja", "nein", "doch", "hm-m"), partículas reativas (*Reaktive Partikeln*: "bitte", "danke") e interjeições ("ah", "ach", "bums", "hoppla", "o ratsch", etc.).

ENGEL faz um comentário sobre as interjeições que imitam sons (*schallnachahmend*), porém sem usar o termo onomatopeia (*Onomatopoi*, *Onomatopoetikum*). Também destaca, do mesmo modo que a gramática DUDEN, o fato de tais interjeições combinarem elementos estranhos ao sistema fonético alemão, apresentando sequências incomuns de sons, e também o fato de que novas interjeições podem ser continuamente criadas. Após essas considerações, o autor questiona se as interjeições devem ser consideradas palavras alemãs, preferindo deixar a questão em aberto e apresentando exemplos classificados de acordo com as sensações denotadas.

A gramática DUDEN (2005: 604-606) considera a interjeição uma classe de palavras inflexíveis, distinguindo entre interjeições expressivas (consideradas prototípicas, geralmente atitudinais, reativas) como "au", "ach", "iggit" e apelativas (*Apellinterjektionen*), que servem para exigir um comportamento determinado do interlocutor (ex: "pst", exigindo silêncio). É feita também a distinção entre formas próprias e aproveitamentos de vocábulos já existentes, além das interjeições inflectivas (*Inflektive*, *Lexeminterjektionem* ou *Deverbative*), com uma definição semelhante à que HAVLIK (1981: 38) propõe em relação às onomatopeias descritivas.

KOLLER (2003) estabelece uma classificação baseada nas distinções atribuídas às funções elementares da comunicação por Karl Bühler (1. representação do contexto, 2. apelo ao interlocutor, 3. expressão do falante) e Roman Jakobson (4. função fática, 5. metalinguística, 6. poética).

É importante para o presente estudo o conceito de interjeição com função comunicativa de representação do contexto (*darstellungsfunktionale Interjektionen*), pois uma subdivisão dessa categoria contempla as onomatopeias da forma como são encontradas nos quadrinhos.

Essas interjeições podem ser tanto arbitrárias (não dependendo de um processo de imitação sonora) quanto onomatopaicamente motivadas (op. cit.: 175-184). As interjeições com função comunicativa de representação do contexto são então subdivididas de acordo com o tipo de motivação: **ótico-mimética** (*optisch-mimetisch*) ou **acústico-mimética** (*akustisch-mimetisch* - *Schallwort*). Exemplos de onomatopeias

ótico-miméticas são expressões como "ZACK!" em alemão ou "PÁ!" em português, que são utilizadas na representação de ações realizadas de modo brusco, evocando-os através de sua forma e sonoridade.

HOUAISS usa o termo “**palavras expressivas**” para denominar as palavras que provocam esse tipo de efeito, enquanto ERBEN utiliza o termo *Schallwörter* (palavras sonoras – 1972: 188). DUDEN (2005: 606) chega a comentar a existência desse tipo de expressão, mas não estabelece nenhum tipo de denominação para essas expressões. Tanto ERBEN quanto DUDEN destacam que esse tipo de palavra possui função adverbial.

KOLLER não foi o único a desenvolver uma classificação baseada nas diferentes funções da comunicação. GONÇALVES (2002: 342-345) apresenta tentativas de classificação das interjeições realizadas por diversos autores. Entre eles, AMEKA propôs, para a definição de interjeições da "The Encyclopedia of Language and Linguistics" (1994), uma classificação que apresenta a divisão entre interjeições expressivas, apelativas e fáticas (sem incluir as categorias propostas por Jakobson).

GONÇALVES (op. cit.: 345-360) também propõe um critério de classificação, dividindo as interjeições entre gritos articulados (diferentes dos gritos irracionais por portarem um "sentido convencional" e uma estrutura fônica sujeita às regras do sistema fonológico da língua em questão, podendo ser de sentido imitativo "Pum!", "Zás!" ou de sentido afetivo "Ah!", "Oh", "Eh!", "Hã!"), marcas de conjuração (injúrias ou insultos, juras, pragas, imprecações, blasfêmias e invocações) e ditados e frases feitas. Esses “gritos articulados” de sentido imitativo correspondem à maior parte das onomatopeias descritas nos outros estudos, já os de sentido afetivo correspondem à maior parte das expressões descritas como interjeições nas gramáticas e dicionários.

Do ponto de vista linguístico, os estudos de GONÇALVES (2002) e de KOLLER (2003), por tratarem o assunto de forma mais detalhada, serviram como principais linhas de referência durante a realização desta pesquisa. De acordo com a definição proposta por esses autores, todas as onomatopeias que compõem o *corpus* da pesquisa podem ser consideradas interjeições, classificadas de acordo com a função linguística predominante. A maior parte delas pode ser classificada como interjeição com função comunicativa de representação do contexto e motivação onomatopaica, geralmente sonora, mas também ótico-mimética em alguns casos.

Consideramos importantes os estudos relativos à classe das interjeições por oferecerem uma classificação gramatical coerente para as onomatopeias, da forma como são encontradas na linguagem das histórias em quadrinhos.

A definição que KOLLER dá às interjeições com função predominante de representação do contexto e motivação onomatopaica ótico-mimética foi importante para a análise das onomatopeias empregadas em relação às cenas representando deslocamentos de objetos em alta velocidade. Também foi importante para a análise a distinção estabelecida por HAVLIK (1981: 38) entre onomatopeias propriamente ditas e descritivas.

Portanto, será empregado neste estudo o termo **“onomatopeia”** para designar as interjeições com função comunicativa de representação do contexto, de acordo com a definição de KOLLER. Também serão empregados os termos **“onomatopeias descritivas”**, de acordo com HAVLIK, e **“onomatopeias ótico-miméticas”**, de acordo com KOLLER. Interjeições constantes no *corpus* que possuem a característica de representação de emoções ou sentimentos serão denominadas **“interjeições expressivas”**.

1.5 Estrutura Fonética do Alemão

No capítulo “Justificação dos Modos de Interpretação” das onomatopeias, NOGUEIRA (1950a: 20-28) discute as possibilidades e regularidades do processo de imitação de ruídos naturais em português. Como o aparelho fonador humano é considerado limitado, impossibilitado de reproduzir os sons naturais de forma perfeita, os sons naturais são interpretados e imitados pelos falantes de modo aproximado. Os modos de interpretação indicam os recursos linguísticos utilizados neste processo de imitação e serão discutidos ao longo da análise dos dados do corpus. As considerações sobre critérios fonológicos e sua reprodução pelo aparelho fonador contribuem de modo importante para as conclusões gerais da pesquisa.

Nosso intuito neste estudo é compreender os padrões de imitação dos sons naturais na criação de onomatopeias, através da comparação entre expressões sugeridas por diversos falantes para uma mesma cena de quadrinhos. Assim, faz-se necessária uma apresentação resumida dos sistemas das vogais e das consoantes em alemão.

Após o exame de diversos autores (BLASCO FERRER, 1996; CLÉMENT, 2000; VATER, 1994), optamos pela utilização do sistema apresentado por DUDEN (2005), que apresenta tabelas com exemplos que, ao nosso ver, permitem uma visualização clara do sistema fonético alemão.

Fones consonantais do alemão

Os 23 fones consonantais do alemão são definidos a partir de quatro parâmetros, a saber: ponto, órgão e modo de articulação e sonoridade, como mostra a tabela abaixo (cf. DUDEN 2005: 29s.):

Símbolo IPA	Exemplo	Ponto de Articulação	Órgão de articulação	Modo de articulação	Sonoridade
[b]	Ball	labial	labial	plosiva	vozeada
[ç]	China	palatal	dorsal	fricativa	desvozeada
[d]	Dampf	alveolar	coronal	plosiva	vozeada
[f]	Frosch	dental	labial	fricativa	desvozeada
[g]	Gans	velar	dorsal	plosiva	vozeada
[h]	Haus	glotal	glotal	fricativa	desvozeada
[j]	Jacke	palatal	dorsal	fricativa	vozeada
[k]	Kamm	velar	dorsal	plosiva	desvozeada
[l]	List	alveolar	coronal	lateral	vozeada
[m]	Milch	labial	labial	nasal	vozeada
[n]	Napf	alveolar	coronal	nasal	vozeada
[ŋ]	Ring	velar	dorsal	nasal	vozeada
[p]	Pult	labial	labial	plosiva	desvozeada
[r]	Rand	alveolar	coronal	vibrante	vozeada
[ʀ]	Rand	uvular	dorsal	vibrante	vozeada
[s]	Muße	alveolar	coronal	fricativa	desvozeada
[ʃ]	Schal	pós-alveolar	coronal	fricativa	desvozeada
[t]	Teer	alveolar	coronal	plosiva	desvozeada
[v]	Wald	dental	labial	fricativa	vozeada
[x]	Kachel	velar	dorsal	fricativa	desvozeada
[z]	Sinn	alveolar	coronal	fricativa	vozeada
[ʒ]	Genie	pós-alveolar	coronal	fricativa	vozeada
[ʔ]	Uhr	glotal	glotal	plosiva	desvozeada

Tabela 1 – Consoantes

Uma consoante peculiar do idioma alemão, em relação ao português, é a oclusiva glotal desvozeada [ʔ] (comumente denominada *Knacklaut*), que precede vogais acentuadas, ocorrendo sempre quando a palavra ou sílaba é iniciada por uma vogal, (como por exemplo em “*alt*” [ʔalt], “*am Abend*” [amʔabent] ou “*zuerst*” [zuʔɛʁst]). No caso de vogais no início de uma sílaba no meio de uma palavra, essa consoante só ocorrerá no caso dessa vogal ser acentuada. Desse modo, em palavras como “*gehen*”

['ge:ən], não há a ocorrência da oclusiva glotal, sendo esse tipo de sílaba denominada “nua” (*nackte Silbe*) (DUDEN, 2005: 39).

Como será exposto adiante, a maioria das onomatopeias que compõem o *corpus* compilado para a presente pesquisa é monossilábica, além de possuírem uma consoante como fone inicial. Desse modo, não consideramos importante o registro das oclusivas glotais desvozeadas. Além disso, o registro da presença desse tipo de consoante não contribuiria para a análise e para as conclusões do estudo, pois isso não contribuiria para a análise fonológica comparativa.

Vogais do alemão

A *Duden Grammatik* define 21 fones vocálicos do alemão a partir da posição da língua na cavidade bucal nos eixos vertical (para cima: fechado – para baixo: aberto) e horizontal (para frente: anterior – para trás: posterior), bem como da posição dos lábios (arredondados – não-arredondados) no momento da fonação. A tabela a seguir apresenta as diversas possibilidades (cf. DUDEN 2005: 30):

Símbolo IPA	Exemplo	Aberta/Fechada	Anterior/Posterior	Arredondamento
[a]	kalt	aberta	anterior	não arredondada
[ɑ]	Kahn	aberta	posterior	não arredondada
[ɐ]	Schieber	quase aberta	central	não arredondada
[ã]	Gourmand	aberta	anterior	não arredondada
[æ]	nähme	quase aberta	anterior	não arredondada
[e]	Reh	meio fechada	anterior	não arredondada
[ɛ]	Bett	meio aberta	anterior	não arredondada
[ē]	Teint	meio aberta	anterior	não arredondada
[ə]	Rabe	neutra	central	não arredondada
[i]	Brief	fechada	anterior	não arredondada
[ɪ]	Sinn	quase fechada	quase anterior	não arredondada
[o]	Hof	meio fechada	posterior	arredondada
[ɔ]	Topf	meio aberta	posterior	arredondada
[õ]	Fasson	meio aberta	posterior	arredondada
[ø]	Föhn	meio fechada	quase anterior	arredondada
[œ]	Körner	meio aberta	quase anterior	arredondada
[œ̃]	Parfum	meio aberta	quase anterior	arredondada
[u]	Mut	fechada	posterior	arredondada
[ʊ]	Hund	quase fechada	quase posterior	arredondada
[y]	süß	fechada	quase anterior	arredondada
[ʏ]	Sünde	quase fechada	quase anterior	arredondada

Tabela 2 – Vogais

É ainda importante para o idioma alemão a diferenciação entre as vogais denominadas “longas” e “curtas”. A ocorrência de uma ou de outra vai depender da tensão (*Gespanntheit*) da vogal e da acentuação da palavra. Se uma vogal tensa (*gespannt*; [o]; [e], [u]; [i]) for acentuada, então ela será articulada como uma vogal longa, como, por exemplo, [o:] em *Ofen*, [e:] em *edel*, [u:] em *Buche* e [i:] em *Biene*.

Se a vogal for relaxada (*ungespannt*; [ɔ], [ɛ], [ʊ], [ɪ]) e acentuada, ela será articulada como uma vogal curta, como, por exemplo, em [ɔ] em *offen*, [ɛ] em *Henne*, [ʊ] em *Mutter* e [ɪ] em *Rinne*. Como as vogais tensas são acentuadas, na maior parte das vezes (com exceção das palavras estrangeiras), geralmente são longas as vogais tensas e curtas as vogais relaxadas (DUDEN, 2005: 29).

Em relação às vogais tensas, a oposição entre arredondadas e não arredondadas existe somente no caso das vogais anteriores fechadas e meio fechadas. As vogais posteriores [u] e [o] são arredondadas e as vogais abertas [æ] e [ɑ] não o são, não havendo oposição. Os dois sistemas de vogais são análogos, com a exceção da ausência da vogal aberta anterior relaxada.

DUDEN (2005: 36) apresenta o seguinte conjunto de tabelas, com exemplos para cada um desses tipos de vogal:

	anterior		posterior
	não arredondada	arredondada	
fechada	i	y	u
meio fechada	e	ø	o
aberta	æ		ɑ

<i>nie</i>	<i>früh</i>	<i>Kuh</i>
<i>Reh</i>	<i>Bö</i>	<i>Floh</i>
<i>jäh</i>		<i>nah</i>

Tabela 3 – Vogais tensas

	anterior		posterior
	não arredondada	arredondada	
fechada	ɪ	ʏ	ʊ
meio fechada	ɛ	œ	ɔ
aberta			ɑ

<i>Wind</i>	<i>hübsch</i>	<i>Hund</i>
<i>Welt</i>	<i>Mönch</i>	<i>Volk</i>
		<i>Rand</i>

Tabela 4 – Vogais relaxadas

A literatura pesquisada diverge em alguns aspectos da transcrição fonética. Um desses aspectos é o modo como são considerados os fones que acompanham as vogais

em um ditongo. DUDEN denomina esses fones como “vogais não silábicas” (cf. op. cit: 43) ou semivogais e realiza a sinalização de uma vogal não silábica com a utilização de um diacrítico: [ˈtɔɪ̯ə] (*teuer*), [ˈfraɪ̯] (*frei*), [ˈʃtaʊ̯] (*Stau*).

No entanto, esses fones são considerados consoantes por diversos linguistas. VATER (1994: 37), por exemplo, também utiliza os termos “vogal não silábica” e “semivogal”, mas inclui esses fones no capítulo e na tabela relativos às consoantes, denominando-os “*glides*”. O autor diz que o fone [j], um glide palatal, é um [i] não silábico e que o fone [w], glide labial, é um [u] não silábico (ibid.).

BLASCO FERRER (1996: 40) utiliza, para os fones [w] e [j], as denominações “semivogal”, “semiconsoante” e “*glide*”, comentando que eles sempre são parte integrante de ditongos. Essas informações encontram-se, nessa obra, na seção referente às vogais. KOHLER inclui o fone [j] na categoria das consoantes “aproximantes”.

Importante para nossa análise é o fato desses fones não serem considerados núcleos silábicos, constituindo sempre parte do *onset* ou da coda da sílaba. Considerou-se ideal a utilização de um diacrítico para indicar esse fenômeno em nosso processo de transcrição das onomatopeias. Através do uso do diacrítico [̯], torna-se fácil a visualização das semivogais e do núcleo das sílabas das onomatopeias transcritas.

1.6 Estrutura Silábica do Alemão

A principal característica analisada neste estudo foi o emprego dos diferentes modos de articulação dos fones em relação a cada tipo de ruído imitado, além da posição desses fones na sílaba.

As onomatopeias muitas vezes consistem de uma sílaba que não segue as os padrões normais de formação do idioma, especialmente nos casos em que ocorre a criação *ad hoc*. Para uma melhor compreensão do posicionamento dos fones nas expressões monossilábicas sugeridas, foi realizada a análise da estrutura das sílabas das onomatopeias que compõem o corpus da pesquisa. Para tal análise, foi necessária a comparação da formação silábica das onomatopeias que compõem o *corpus* com a formação silábica padrão do idioma alemão

A gramática DUDEN (2005), também selecionada como referência básica em relação à estrutura silábica alemã, por descrever tal estrutura de modo breve e claro, indica primeiramente que, durante a articulação da sílaba, é realizado um movimento de

abertura da boca, seguido pelo seu fechamento. O ponto de maior abertura desse movimento é o núcleo da sílaba, o que o precede é a parte anterior da sílaba, ou *onset*, e o que o sucede é a parte posterior, ou coda (op. cit. p. 40)

Em relação à formação sonora da sílaba, nas extremidades (primeiro e último som) encontram-se frequentemente consoantes obstruentes (oclusivas e fricativas) desvozeadas. No núcleo da sílaba, por via de regra, encontra-se uma vogal. Entre a vogal e a consoante obstruente desvozeada encontram-se as consoantes obstruentes vozeadas e as consoantes nasais e líquidas (*Sonoranten*). Esse ordenamento é chamado **hierarquia de sonoridade**, demonstrada no seguinte esquema (ibid.):

Figura 1 – Hierarquia da sonoridade

As vogais são, assim, os fones que apresentam maior sonoridade, seguidas pelas consoantes líquidas, nasais, obstruentes vozeadas e as consoantes obstruentes desvozeadas, que possuem o menor índice de sonoridade.

A hierarquia indicada é observada no início da sílaba. Após a vogal a ordem se inverte, como mostra o esquema para a sílaba completa (com base em DUDEN 2005: 41):

Figura 2 – Hierarquia da sonoridade – sílaba completa

A parte anterior da sílaba, ou *onset*, pode ser formada por até três consoantes, sendo isso possível em palavras alemãs somente quando a primeira delas for um [ʃ], como em “*Sprung*”, “*Splint*” e “*Stricht*”, que são as três combinações de três consoantes no *onset* possíveis em alemão. Palavras estrangeiras ainda podem apresentar as combinações [skr] (*Skrupel*, *Skript*) e [skl] (*Sklave*, *Sklerose*). Nos dois casos, só são possíveis sequências de três consoantes quando a primeira for uma fricativa coronal desvozeada e a segunda for uma oclusiva desvozeada. Desse modo, as possibilidades de combinação são bastante restritas.

Já as possibilidades de combinação de duas consoantes no *onset* são bem maiores, conforme indicado na seguinte tabela (op. cit. p. 42), que inclui as consoantes africadas [t͡s] e [p͡f] (consideradas uma única consoante, pois apresentam uma fricativa que segue uma oclusiva com o mesmo ponto de articulação):

1ª posição → 2ª posição ↓	p	t	k	b	d	g	f	ʃ	v	t͡s	p͡f
R	+	+	+	+	+	+	+	+	+		+
l	+		+	+		+	+	+			+
n			+			+		+			
m								+			
v			+					+		+	

Tabela 6 – Combinações de consoantes no *onset*

Os sinais positivos indicam as combinações possíveis em palavras alemãs. Por exemplo, o [p] pode ser a primeira consoante do *onset*, podendo ser seguida pelos fones [R] ou [l]. É importante notar que só há consoantes obstruentes na primeira posição e apenas líquidas e nasais na segunda posição, com exceção do [v], que se encontra no limite entre a diferenciação de sonoras e obstruentes, aparecendo tanto na primeira quanto na segunda posição.

Além dessas combinações, encontram-se no léxico alemão palavras estrangeiras com as combinações [t͡ʃ], como em “*Tschador*” e [d͡ʒ], como em “*Dschungel*”. Porém, a combinação normal das palavras em alemão segue o padrão de uma consoante obstruente seguida por uma líquida ou nasal (*Sonoranten*), não podendo haver no *onset* mais de uma líquida ou nasal (*Sonoranten*). O *onset* pode também contar com apenas uma consoante, com exceção de [ŋ], [s], [ç] e [x] (op. cit. pp. 43-44).

No núcleo da sílaba, conforme dito anteriormente, pode figurar qualquer uma das vogais do idioma. DUDEN destaca o caso dos ditongos, cujos glides ou semivogais ([ʊ] e [ɪ]) não devem ser considerados integrantes do núcleo, mas sim do *onset* ou da coda. São citados ainda os ditongos abertos [io], [iɛ], [ia], [ʊa] e [ʊɛ], que ocorrem apenas em palavras estrangeiras como *Region*, *Union*, *speziell*, *Duel*, *sozial*, *Guano* e *Suada*, por exemplo. Já os ditongos fechados [ai], [au] e [ɔi] são encontrados em palavras alemãs como *Mai*, *Frau* e *Heu*, por exemplo (op. cit. p. 43-44).

Na posição de coda, são possíveis diversas combinações do *onset*, porém de forma invertida, como mostrado anteriormente (além de mais algumas poucas combinações – op. cit.: 44s). Por exemplo, a combinação possível no *onset* [ʃm] (*Schmuck*) pode ocorrer como [mj] na coda (*Ramsch*). O mesmo ocorre com as combinações [kl] – [lk] (*Klang* – *Kalk*) e [fl] – [lf] (*Flug* – *Wolf*).

Na posição de coda não há a limitação a apenas uma líquida ou nasal (*Sonoranten*), sendo possíveis palavras como *Garn*, *Arm*, *Köln* e *Halm*, por exemplo.

Segundo o autor, uma importante característica da sílaba alemã é a de que nessa posição não ocorrem consoantes obstruentes vozeadas, sendo possíveis as sílabas [ru:s], [bunt] e [hɛrpst], mas não [ru:z], [bʊnd] e [hɛrbst].

1.7 Estrutura Grafemática do Alemão

Grafemática é o ramo da gramática que estuda os grafemas, menores unidades de sentido formadas pelas letras ou combinações de letras de um idioma em sua linguagem escrita (DUDEN 2005: 66). Um grafema é como um fonema para a fonologia, assim, existe também uma estrutura grafemática das palavras no alemão.

A gramática DUDEN, novamente utilizada como referência, apresenta o seguinte inventário de grafemas usados nas palavras alemãs do léxico do idioma (os grafemas são sempre transcritos entre parênteses angulares) (op. cit. p. 67):

Vogais:

⟨a⟩, ⟨e⟩, ⟨i⟩, ⟨ie⟩, ⟨o⟩, ⟨u⟩, ⟨ä⟩, ⟨ö⟩, ⟨ü⟩

Consoantes:

⟨p⟩, ⟨t⟩, ⟨k⟩, ⟨b⟩, ⟨d⟩, ⟨g⟩, ⟨f⟩, ⟨w⟩, ⟨s⟩, ⟨ß⟩, ⟨j⟩, ⟨h⟩,
⟨m⟩, ⟨n⟩, ⟨l⟩, ⟨r⟩, ⟨qu⟩, ⟨ch⟩, ⟨sch⟩, ⟨v⟩, ⟨x⟩, ⟨z⟩

A separação entre vogais e consoantes tem por fim facilitar a aproximação com a fonologia, mas isso não significa que os grafemas sejam as menores unidades segmentais da linguagem escrita, independente de sua relação com os fonemas. Segundo a gramática DUDEN, apresenta maior interesse para a disciplina a comparação entre os comportamentos oral e escrito, sendo possível estabelecer uma regra de

correspondência entre fonemas e grafemas, chamada “regra de correspondência de grafemas para fonemas” (regra GPK).

Na obra, são apontadas as seguintes relações entre fonemas e grafemas das vogais de palavras alemãs (op. cit. p. 69):

Vogais tensas

[i] → ⟨ie⟩ [ʃpi:s] - ⟨Spieß⟩
 [y] → ⟨ü⟩ [ty:ʀ] - ⟨Tür⟩
 [e] → ⟨e⟩ [ve:k] - ⟨Weg⟩
 [ø] → ⟨ö⟩ [ʃø:n] - ⟨schön⟩
 [æ] → ⟨ä⟩ [træ:gə] - ⟨träge⟩
 [ɑ] → ⟨a⟩ [pfa:t] - ⟨Pfad⟩
 [o] → ⟨o⟩ [ʃro:t] - ⟨Schrot⟩
 [u] → ⟨u⟩ [hu:t] - ⟨Hut⟩

Vogais relaxadas

[ɪ] → ⟨i⟩ [ʃplɪnt] - ⟨Splint⟩
 [ʏ] → ⟨ü⟩ [gə'ʀʏst] - ⟨Gerüst⟩
 [ɛ] → ⟨e⟩ [vɛlt] - ⟨Welt⟩
 [œ] → ⟨ö⟩ [gœnən] - ⟨gönnen⟩
 [a] → ⟨a⟩ [klat] - ⟨kalt⟩
 [ɔ] → ⟨o⟩ [frɔst] - ⟨Frost⟩
 [ʊ] → ⟨u⟩ [kunst] - ⟨Kunst⟩

Scwha

[ə] → ⟨e⟩ [zɔnə] - ⟨Sonne⟩

Percebe-se que, com exceção do [i], cujo grafema correspondente é o ⟨ie⟩, (sendo o correspondente à variante relaxada [ɪ] o grafema ⟨i⟩), as vogais tensas e relaxadas são grafadas com a mesma letra. O fonema [æ] não possui correspondente relaxada. O mesmo esquema é apresentado para as consoantes:

Consoantes

[p] → ⟨p⟩ [pʊlt] - ⟨Pult⟩
 [t] → ⟨t⟩ [ta:l] - ⟨Tal⟩
 [k] → ⟨k⟩ [kalt] - ⟨kalt⟩
 [kv] → ⟨qu⟩ [kva:l] - ⟨Qual⟩
 [b] → ⟨b⟩ [bʊnt] - ⟨bunt⟩
 [d] → ⟨d⟩ [do:m] - ⟨Dom⟩
 [g] → ⟨g⟩ [ɡʊnst] - ⟨Gunst⟩
 [f] → ⟨f⟩ [fɪʃ] - ⟨Fisch⟩
 [s] → ⟨ß⟩ [Ru:s] - ⟨Ruß⟩
 [ʃ] → ⟨sch⟩ [ʃro:t] - ⟨Schrot⟩

[χ] → ⟨ch⟩ [va χ] - ⟨wach⟩
 [v] → ⟨w⟩ [vɪnt] - ⟨Wind⟩
 [z] → ⟨s⟩ [zɔnə] - ⟨Sonne⟩
 [j] → ⟨j⟩ [ja:ʀ] - ⟨Jahr⟩
 [h] → ⟨h⟩ [hu:t] - ⟨Hut⟩
 [m] → ⟨m⟩ [mu:s] - ⟨Mus⟩
 [n] → ⟨n⟩ [no:t] - ⟨Not⟩
 [ŋ] → ⟨ng⟩ [rɪŋ] - ⟨Ring⟩
 [l] → ⟨l⟩ [lʊft] - ⟨Luft⟩
 [ʀ] → ⟨r⟩ [Rɪŋ] - ⟨Ring⟩

Africada:

[$\widehat{ts}$] → <z> [$\widehat{tsa:n}$] - <Zahn>

Algumas observações:

- A oclusiva glotal desvozeada (*Knacklaut*) [ʔ] não possui representação grafemática.
- A consoante fricativa coronal vozeada [ʒ] aparece somente em palavras estrangeiras.
- Há um caso único na lista, onde é apresentada a sequência de fones [kv], por corresponderem ao grafema <qu>.
- A africada [$\widehat{pf}$] não necessita de uma regra especial, pois é representada pelos mesmos grafemas, bastando as regras do [p] e do [f] (op. cit. pp. 69-70).

Em relação à formação de sílabas (op.cit. p. 70-73), a sílaba escrita possui uma maior regularidade em relação à sílaba oral. As sílabas escritas tendem a ter o mesmo comprimento, sendo realizadas compensações em determinados casos. Sons que possuem um papel específico na sílaba oral possuem uma representação escrita padronizada, diferente daquela apresentada na regra GPK, seguindo regras especiais relacionadas à formação silábica escrita.

Por exemplo, palavras iniciadas pelo fone [ʃ] seguido por outra obstruente, como [ʃtriç] ou [ʃplit], segundo a regra GPK, seriam grafadas como <schlich> e <schplit>, o que tornaria a grafia dessas sílabas complexas ainda maiores. Desse modo, nesses casos a grafia correta é <stich> e <split>. Esse é um tipo de regra fixa que define a ortografia das palavras. Outra peculiaridade são as grafias dos ditongos fechados [ai] → <ai> e <ei>, [aʊ] → <au> e [ɔi] → <eu> e <äu>.

As características das estruturas fonéticas, silábicas e grafemáticas do alemão servirão, assim, de parâmetro comparativo na análise dos dados empíricos coletados junto aos informantes, conforme descrito no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2 - MATERIAL E MÉTODO

2.1 Constituição do *corpus*

Como não foram encontrados estudos linguísticos semelhantes, que procurassem verificar de modo empírico como ocorre a criação e utilização das onomatopeias em relação a estímulos provenientes da linguagem das histórias em quadrinhos, foi necessário o estabelecimento de uma metodologia própria para a realização do presente estudo. Para esse fim, serviu como base o método empregado para a análise fonético-fonológica contida em nosso estudo prévio (CALDAS, 2011).

Nesse estudo prévio, foi elaborado para a coleta dos dados um questionário composto por duas partes: uma página introdutória e cenas de quadrinhos para as quais o entrevistado deveria sugerir as onomatopeias que julgasse adequadas (sendo que as onomatopeias originais haviam sido apagadas). Foram elaborados questionários nas duas línguas, alemão e português, e a transmissão aos entrevistados foi realizada através do correio eletrônico. Na página introdutória os entrevistados deveriam informar o nome, idade, língua materna e tipo de contato com os quadrinhos. Esses dados ajudaram a avaliar o nível de conhecimento linguístico dos entrevistados e também sua familiaridade com a linguagem das histórias em quadrinhos.

O questionário foi respondido por 13 falantes da língua alemã e 14 falantes da língua portuguesa, tendo sido analisadas 169 onomatopeias (69 sugeridas por falantes da língua alemã e 100 sugeridas por falantes da língua portuguesa) e 30 interjeições expressivas (16 sugeridas por alemães e 14 sugeridas por brasileiros). A análise foi realizada primeiramente em cada conjunto de expressões correspondente a cada um dos nove estímulos apresentados e posteriormente foi realizada uma análise geral dos dados obtidos. Os resultados indicaram que esse tipo de metodologia foi eficiente para evidenciar alguns padrões linguísticos quanto à sequência fonética e a organização silábica das onomatopeias nesses idiomas, tanto gerais quanto específicos em relação aos idiomas estudados.

O estudo citado, porém, consistia somente na análise de onomatopeias produzidas de forma escrita, coletadas à distância, com a utilização de um questionário transmitido via correio eletrônico. No presente trabalho, que propõe a análise de onomatopeias produzidas de forma oral e de forma escrita, é importante para os

resultados a comparação entre essas duas formas de realização linguística, o que determinou o procedimento adotado para a coleta dos dados do *corpus*.

A presente pesquisa segue uma metodologia semelhante, ampliada para a obtenção de dados orais além dos escritos e restrita a falantes alemães, a fim de concentrar as análises no idioma alemão. Foram novamente selecionadas imagens provenientes de histórias em quadrinhos, das quais foram retiradas as onomatopeias. Estas imagens manipuladas foram apresentadas a falantes nativos do alemão para que fizessem sugestões de “sons” pertinentes a cada situação. No entanto, para esta pesquisa foram realizadas entrevistas individuais entre o pesquisador e os informantes, e os dados sonoros obtidos foram gravados em mídia digital.

Os itens a seguir apresentam os detalhes de elaboração do material e da coleta dos dados do *corpus*.

2.1.1 Seleção das figuras utilizadas nas entrevistas

Para a realização das entrevistas, foram selecionadas oito cenas de histórias em quadrinhos para servirem como estímulo para a sugestão de onomatopeias por parte dos informantes. Os quadrinhos utilizados foram escolhidos de acordo com a expressividade das cenas e com a clareza da ação ou reação que está provocando o ruído nelas representado.

O primeiro critério para a seleção dessas figuras foi a presença de uma ação que produziria um ruído específico, diferente daquele que seria produzido pelas ações representadas nas outras figuras utilizadas na pesquisa.

O segundo critério empregado para a seleção foi a clareza das ações. No estudo prévio citado (CALDAS 2011), foi possível perceber uma maior segurança nas sugestões dos informantes em relação a cenas mais comuns nas histórias em quadrinhos mais populares, e também que vários entrevistados não souberam quais expressões sugerir em relação aos quadros que representavam cenas menos convencionais.

Por essa razão, na presente pesquisa as cenas de quadrinhos foram selecionadas a fim de que não houvesse dúvidas por parte dos entrevistados em relação às ações nelas representadas. Para esse fim, foram selecionadas cenas com ilustrações simples, nas quais o foco da atenção recai sobre a ação principal, que geraria um ruído.

Todas as cenas selecionadas foram retiradas de histórias em quadrinhos da Disney Enterprises Inc., populares na Alemanha há muitas décadas. Apesar de todas as cenas de quadrinhos selecionadas terem sido ilustradas por diversos artistas, há uma similaridade entre todas elas. Isso se deve a um padrão gráfico existente nos quadrinhos da Disney.

A linguagem das histórias em quadrinhos possibilita aos desenhistas uma enorme variedade de modos de disposição gráfica, mas cada um deles necessita de uma interpretação específica, que podem gerar dificuldades de interpretação especialmente para pessoas que não são familiarizadas com a linguagem. Procuramos evitar qualquer tipo de estranhamento dos entrevistados em relação às ilustrações apresentadas através da utilização de figuras pertencentes a um mesmo “universo gráfico”.

A utilização exclusiva de quadrinhos da Disney teve por fim contribuir para que os entrevistados se sentissem rapidamente familiarizados com os quadros da pesquisa. Ainda assim, alguns dos quadros podem ser considerados de difícil interpretação, inclusive pelo fato de a onomatopeia original ter sido removida dos quadros. Por esse motivo, foram selecionados quadros semelhantes em relação à apresentação gráfica, a fim de que a interpretação das ações não fosse dificultada ainda mais pela necessidade de interpretação de diferentes modos de disposição gráfica das imagens.

A seguir são apresentadas as figuras utilizadas para a pesquisa empírica, juntamente com comentários relativos às características que definiram seu emprego na presente pesquisa. Primeiramente, é apresentado o quadrinho original, contendo a onomatopeia utilizada na obra, e em seguida, o quadrinho modificado, sem a onomatopeia, do modo como foi apresentado aos informantes.

2.1.1.1 Quadro 1 - Impacto contra objeto duro

Figura 3 – Figuras utilizadas

O primeiro quadro utilizado nas entrevistas mostra uma cena em que um personagem é atingido na cabeça por uma fruta. O impacto é brusco e intenso, como é possível verificar pela expressão de dor da personagem e pela mudança de trajetória efetuada pela fruta, representada por linhas que indicam o movimento. O ângulo formado por essas linhas gráficas, cujo vértice encontra-se no ponto no qual a fruta atinge a cabeça da personagem, indica que a fruta está em movimento e que sua trajetória é alterada após o impacto.

Essa cena foi escolhida por apresentar com clareza o impacto brusco e intenso, mesmo após a remoção da onomatopeia presente na edição em alemão. Essa clareza também levou essa figura a ser selecionada como primeira para as entrevistas. Considera-se baixa a dificuldade para a interpretação dessa cena, por isso o entrevistado deveria começar por ela. Desse modo, foi feita a suposição de que os entrevistados se sentiriam mais seguros para prosseguirem com as sugestões para os outros quadros, pois alguns deles exigem um maior esforço de interpretação, conforme comentado.

NOGUEIRA (1950a: 150) comenta que a brusquidão sonora é expressada foneticamente pelo emprego de uma consoante oclusiva como primeiro fone da onomatopeia. Portanto, havia a expectativa de que houvesse a predominância de consoantes oclusivas, principalmente como primeiro fone do *onset*, nas onomatopeias sugeridas para este quadro.

O ruído resultante da cena representada possuiria grande intensidade, porém uma duração breve. É possível afirmar que se trataria de um ruído “seco”, pois a fruta apenas bate na cabeça da personagem, ao contrário da fruta presente no quadro 2, que se espatifa ao sofrer o impacto contra a cabeça da personagem.

Há diversas onomatopeias consagradas que poderiam ser utilizadas em uma cena como essa. A onomatopeia “ZACK!”, empregada na publicação alemã desses quadrinhos, é um exemplo disso.

2.1.1.2 Quadro 2 - Impacto contra objeto mole

Figura 4 – Figuras utilizadas

Neste quadro também é representado o impacto de uma fruta contra cabeça de uma personagem. O impacto também é intenso, mas diferente daquele retratado no quadro 1. Neste caso, a fruta atinge a personagem e se espatifa em seu rosto. O ruído que seria produzido por tal impacto seria diferente daquele relativo ao quadro 1.

Este quadro foi selecionado com o intuito de que os entrevistados comparassem diretamente esta cena com aquela apresentada anteriormente. Essa diferença entre o impacto de um objeto sólido e de um objeto mole, que se desfaz ao atingir o alvo, é suficiente para que seja possível o emprego de dois tipos distintos de onomatopeias.

A apresentação desta imagem em seguida daquela contida no quadro 1 foi realizada a fim de induzir os entrevistados a sugerirem expressões diferentes para cada uma delas. Caso esta figura fosse a última da entrevista, estando muito distanciada do quadro anterior, seria possível que os entrevistados não se preocupassem em sugerir expressões diferentes. Um entrevistado poderia sugerir, nesse caso, a onomatopeia “ZACK!” para as duas imagens, por exemplo.

2.1.1.3 Quadro 3 - Impacto contra o vidro

Figura 5 – Figuras utilizadas

Neste quadro é apresentado outro tipo de impacto. Trata-se da representação de uma personagem que é arremessada, chocando-se contra uma janela de vidro, que é estilhaçada pelo impacto. Após o impacto contra o vidro, a personagem segue sua trajetória. Novamente, é possível compreender a trajetória que teria sido realizada pela personagem através das linhas gráficas que indicam o movimento rápido e o percurso efetuado por ela.

O ruído que seria provocado por essa ação seria mais estridente do que aqueles que seriam provocados pelas ações representadas nos quadros 1 e 2. Essa diferença tonal entre os ruídos justifica a colocação deste quadro como o terceiro na pesquisa. Imaginou-se que o entrevistado faria uma relação entre este quadro e os dois primeiros, sendo induzido a sugerir três onomatopeias diferentes. Tal resultado produziria dados mais úteis para o *corpus*, pois tornaria mais fácil a identificação dos diferentes sons utilizados para cada um desses tipos de impacto.

2.1.1.4 Quadro 4 - Impactos sucessivos contra a água

Figura 6 – Figuras utilizadas

Este quadro representa uma personagem correndo sobre a água. As linhas curvas que representam a trajetória da personagem indicam que foram dados diversos

passos ou saltos sobre a água. Trata-se da representação de um impacto realizado de forma repetitiva. Havia a expectativa de que fossem sugeridas onomatopeias repetidas, para indicar a sucessão de impactos dos pés da personagem contra a água.

Esta cena foi selecionada porque supúnhamos que ela permitiria uma interpretação clara por parte dos entrevistados, em relação ao fato do movimento ser repetitivo e do impacto ocorrer contra a água. Durante as entrevistas, nenhum entrevistado teve dificuldades para entender a ação representada neste quadro, ao contrário do que ocorreu com alguns outros quadros.

Como pode ser observado, foram empregadas na edição alemã as onomatopeias “PLITSCH!” e “PLATSCH”, alternadamente. A expressão “PLATSCH” é uma onomatopeia descritiva derivada do verbo “*platschen*”, utilizado para representar uma ação ruidosa em que há o impacto entre alguma coisa contra a água.

2.1.1.5 Quadro 5 - Personagem é cuspidada

Figura 7 – Figuras utilizadas

Neste quadro, uma personagem é cuspidada por um peixe. É possível compreender que ela foi cuspidada pela expressão facial do peixe, desenhada de forma a imitar a expressão humana. Os olhos e os lábios estão fechados, estes últimos juntos e formando um “bico”, como uma pessoa que acabou de cuspir algo que a estava engasgando. Além disso, é possível observar gotas de saliva que teriam sido expelidas pelo peixe e as linhas gráficas que indicam a movimentação e a trajetória efetuadas pela personagem.

Trata-se, no entanto, de um quadro difícil de ser interpretado, pois o ruído representado é produzido pela ação de cuspir, efetuada com a língua e os lábios, partes do aparelho linguístico. Dessa forma, era possível que os entrevistados se confundissem

e, ao invés de fornecerem uma imitação do ruído produzido por uma pessoa cuspiando, imitassem a ação de cuspir propriamente dita. Apesar disso, considerou-se que o fato de o idioma alemão possuir uma onomatopeia descritiva consagrada para esta ação (“SPUCK”) poderia facilitar o processo de interpretação linguística do ruído imitado.

Por se tratar de uma cena que poderia apresentar dificuldades de interpretação aos entrevistados, ela foi colocada após outros quadros cuja interpretação consideramos mais fácil. A suposição foi de que a colocação de um quadro como esse no início da pesquisa poderia gerar estranhamento nos entrevistados, o que os levaria a não sugerir com segurança expressões para as cenas seguintes.

2.1.1.6 Quadro 6 - Personagem escorrega

Figura 8 – Figuras utilizadas

Este quadro representa uma personagem escorregando em uma casca de banana. A imagem retrata a personagem no momento em que ela está caindo, após escorregar e antes de atingir o chão. Linhas gráficas circulares servem para indicar o movimento que foi realizado pela personagem, e outras linhas gráficas mais retas indicam a trajetória efetuada pela banana.

A onomatopeia utilizada na edição alemã é “GLITSH”, derivada do verbo “*glitschen*” (escorregar), é descritiva, assim como as expressões utilizadas nos quadros 3, 4, 5 e 6.

A ação de escorregar não produz nenhum ruído marcante. Uma ação como essa produziria algum ruído marcante somente no momento em que a pessoa atingisse o chão. Porém, a cena retrata um momento anterior ao impacto da personagem contra o chão.

Esta cena foi escolhida porque havia a expectativa de que fossem utilizadas onomatopeias ótico-miméticas, tornando possível a análise do uso desse tipo de

expressão pelos alemães. De acordo com HOUAISS, que denomina esse tipo de onomatopeia “palavra expressiva”, essas expressões sugerem, por seu aspecto fônico/acústico, alguma característica da ação designada.

Outra expectativa em relação a este quadro era a de que seriam utilizadas onomatopeias descritivas. Como a cena não possui um som específico, a utilização de uma descritiva derivada de um verbo como “escorregar”, por exemplo, poderia ser um meio empregado pelo informante para apresentar uma sugestão, caso ele se encontrasse em dificuldade.

Optou-se por apresentar essas duas imagens (esta e a do quadro 5) em sequência, após os outros quadros. Acreditávamos que essa disposição tornaria mais fácil o processo de interpretação desta cena, pois os informantes já teriam realizado os quatro exercícios prévios semelhantes, tornando-se habituados ao processo de sugestão de expressões representativas de ruídos naturais. Conforme mencionado anteriormente, os quatro primeiros quadros foram selecionados por poderem ser interpretados mais facilmente, além do fato de os três primeiros quadros comporem uma sequência temática.

2.1.1.7 Quadro 7 - Tiros de revólver

Figura 9 – Figuras utilizadas

Nesta cena estão representadas duas personagens atirando com revólveres. Na versão em alemão, foi utilizada duas vezes a onomatopeia “PENG!”. Trata-se de uma onomatopeia recorrentemente utilizada em língua alemã, do mesmo modo como a expressão “BANG!” é recorrentemente utilizada em língua inglesa.

A cena retrata de modo claro uma ação que pode ser considerada corriqueira nas histórias em quadrinhos. Este quadro foi colocado nesse ponto da entrevista a fim de

que os entrevistados fossem confrontados com uma cena cuja interpretação seria mais fácil do que a dos dois quadros anteriores.

Consideramos que a interpretação dos quadros 6 e 7 poderia ser realizada com dificuldade, e este quadro foi colocado após esses dois com o intuito de que houvesse um relaxamento por parte dos entrevistados, em relação à interpretação das ações representadas nos quadros constantes na pesquisa.

2.1.1.8 Quadro 8 - Mordidas na madeira

Figura 10 – Figuras utilizadas

Neste quadro estão representados dois tubarões mastigando uma jangada de madeira. Através do desenho de pedaços de madeira que já foram separadas da jangada, destroçada devido às mordidas, é possível interpretar a natureza repetitiva da ação realizada. Algumas linhas de movimento também indicam que o tubarão à direita está em movimento constante.

Na edição em alemão foram utilizadas as onomatopeias descritivas “SCHNAPP” e “BEISS”, derivadas dos verbos “*schnappen*” (agarrar) e “*beissen*” (morder), respectivamente. Trata-se de duas onomatopeias que evocam as ações dos verbos, mas que possuem uma sonoridade muito distinta do ruído que seria produzido pela madeira sendo quebrada a mordidas. O tipo de ruído que seria produzido por essa ação de quebra da madeira possui semelhanças com o ruído que seria produzido pela quebra do vidro, como aquele que seria produzido pela ação representada no quadro 3.

Após a apresentação das figuras utilizadas como estímulo para a produção de onomatopeias pelos informantes, passamos agora à descrição dos procedimentos utilizados para a coleta dos dados.

2.1.2 Procedimento de execução das entrevistas

Para a coleta dos dados compilados para o *corpus*, foram realizadas entrevistas com 14 falantes nativos alemães. As entrevistas foram conduzidas individualmente, e os informantes deveriam sugerir onomatopeias de forma oral e escrita, além de lerem em voz alta as onomatopeias escritas por eles sugeridas. Os dados foram gravados com um gravador portátil, em formato mp3*.

Os participantes deveriam informar se gostavam e se tinham o costume de ler histórias em quadrinhos. Consideramos que essas informações poderiam ser relevantes durante o processo de análise das onomatopeias sugeridas: um informante que gostasse e tivesse o costume de ler quadrinhos poderia tender a sugerir expressões consagradas nessa linguagem, por exemplo. O fato de um informante não gostar ou não possuir contato com a linguagem dos quadrinhos poderia justificar uma sugestão de onomatopeia que fugisse a algum tipo de padrão evidenciado no restante do conjunto de expressões sugeridas para um determinado quadro.

Para a realização da pesquisa empírica, que possibilitou a compilação dos dados constantes no *corpus* do presente estudo, foram apresentados aos informantes os quadros selecionados e editados, com as onomatopeias removidas. As figuras foram impressas em cores, em formato A5 (148 x 210 centímetros), e encadernadas na sequência em que foram apresentadas na seção anterior.

* Cópias dos arquivos contendo as gravações encontram-se na versão em CD-ROM, dentro da pasta intitulada “gravações”. As gravações foram dispostas em duas subpastas, intituladas “sugestões orais” e “leituras das sugestões escritas”. Os arquivos encontram-se nomeados de acordo com os informantes e de acordo com o tipo de sugestão efetuada.

2.1.2.1 Sugestões orais

Primeiramente, solicitamos a cada um dos 14 informantes a realização de uma observação atenta de todas as oito imagens constantes na pesquisa. Até o fim dessa primeira análise das figuras por parte dos informantes, nenhuma informação relativa às onomatopeias ou ao procedimento de realização da pesquisa foi fornecida a eles. Simplesmente mencionou-se o fato de se tratar de uma pesquisa em que seria gravada a fala dos participantes.

Após os informantes terem observado atentamente as figuras, eles eram informados sobre o fato de que em todas essas cenas está representada uma ação que geraria um ruído que poderia ser representado de forma linguística. Solicitava-se então aos informantes que cada uma das figuras fosse novamente observada com atenção a esse fato. Durante essa segunda observação, eles deveriam imaginar quais os ruídos que seriam produzidos pelas ações representadas nos quadros, assim como quais deveriam ser as representações linguísticas desses ruídos.

Em seguida, os informantes deveriam interpretar de forma oral os ruídos representados em cada um dos quadros. Nesse momento foram realizadas as gravações das sugestões orais dos informantes. Os informantes foram instruídos a apresentarem suas sugestões orais duas vezes. Na primeira vez, elas deveriam ser proferidas de modo natural. Na segunda vez, elas deveriam ser proferidas de modo mais lento e com a maior ênfase possível a cada um dos sons da onomatopeia. Foi facultada aos informantes a possibilidade de sugerir mais de uma expressão, caso eles julgassem adequado.

O registro da versão proferida lentamente deveria auxiliar no processo de interpretação e transcrição fonética das onomatopeias. Esperava-se que esse registro seria útil caso algum dos informantes possuísse um volume de voz baixo, e também nos casos em que algum dos informantes efetuasse seu pronunciamento com uma velocidade demasiadamente elevada.

2.1.2.2 Sugestões escritas

Após a gravação das sugestões orais, os informantes deveriam registrar suas sugestões escritas. Eles foram orientados a observar novamente cada um dos quadros e a escreverem as onomatopeias que considerassem adequadas para figurar de modo escrito neles, a fim de que fosse efetuada uma representação sonora linguística adequada.

Foi informado a cada um dos participantes que eles não deveriam simplesmente tentar reproduzir de modo escrito as sugestões apresentadas de modo oral. Eles foram orientados a imaginar que palavra escrita sugerida deveria ser adequada para figurar em cada um dos quadrinhos apresentados, de modo que representasse de modo escrito o som que estaria sendo produzido em cada uma das cenas. Foi informado aos participantes que eles poderiam sugerir mais de uma palavra por quadro, ou ainda escrever comentários, caso julgassem necessário.

Após terem escrito todas as sugestões, solicitou-se aos entrevistados a leitura em voz alta das palavras registradas. Essa leitura foi gravada e realizada do mesmo modo que foi realizada a sugestão de expressões orais. Os informantes deveriam realizar a leitura duas vezes, a primeira de modo natural e a segunda de modo mais lento e com a maior ênfase possível a cada um dos sons das palavras. A intenção da segunda leitura também era a de facilitar o processo de interpretação e transcrição das onomatopeias.

2.2 Tratamento dos dados

Para possibilitar a análise comparativa dos dados, foi feita a transcrição fonética das sugestões realizadas de forma oral e das leituras das onomatopeias sugeridas de forma escrita. Os dados transcritos foram organizados em tabelas referentes a cada um dos quadros.

As onomatopeias sugeridas de forma escrita foram transcritas da forma como foram grafadas pelos informantes, com a representação de letras maiúsculas e minúsculas e da sinalização gráfica empregada por eles. As variações ortográficas não foram fundamentais para a presente pesquisa, servindo em alguns casos apenas como elementos auxiliares para a análise. Mesmo assim, foi preservada a forma das

expressões escritas, para possibilitar o uso futuro dos dados constantes no *corpus* da presente pesquisa para outros estudos.

Ressaltamos que as transcrições fonéticas foram efetuadas com o intuito de possibilitar a comparação entre as expressões orais, além da comparação entre as expressões orais e as leituras em voz alta das expressões escritas. Desse modo, não foi feita uma transcrição exaustiva em termos linguísticos. Procuramos realizar um processo de transcrição voltado para a evidenciação de características fonéticas relevantes para o presente estudo, a fim de possibilitar a análise comparativa. Além disso, alguns fenômenos específicos presentes nos dados (por exemplo, de fundo prosódico) demandaram a utilização e/ou criação de símbolos específicos para a sua transcrição, apresentados adiante.

As onomatopeias sugeridas de forma oral nas entrevistas foram transcritas foneticamente para a análise, a fim de possibilitar a análise comparativa entre as onomatopeias coletadas. Do mesmo modo, as leituras das onomatopeias escritas realizadas pelos entrevistados também foram gravadas e transcritas foneticamente.

Como existem divergências na caracterização dos sistemas fonéticos do alemão nos autores pesquisados, foi necessário o estabelecimento de um padrão para as transcrições fonéticas, adotando-se os símbolos utilizados pela *Duden Grammatik* (DUDEN 2005: 29-30), conforme as tabelas apresentadas anteriormente no item 1.5 da dissertação. Apenas em relação à nomenclatura, ressaltamos que é comum entre os linguistas alemães a utilização do termo consoante plosiva. Como em língua portuguesa essas consoantes são geralmente denominadas **oclusivas**, será mantida esta denominação para a presente pesquisa.

Por serem utilizadas geralmente em contextos onde a expressividade é uma característica fundamental, as onomatopeias e interjeições possuem características específicas em relação à prosódia, podendo ser pronunciadas de maneiras diversas. Portanto, os exemplos de onomatopeias sugeridas na presente pesquisa não seguem necessariamente as regras do idioma alemão em relação ao emprego de consoantes tensas e relaxadas, havendo casos em que uma mesma onomatopeia foi sugerida por mais de um falante com entoações diversas. Por esse motivo, não se considerou para a análise as regularidades de emprego de vogais tensas e relaxadas; limitamo-nos a registrar as vogais da forma como foram pronunciadas pelos informantes.

Algumas peculiaridades da pronúncia dos informantes, consideradas relevantes para a análise, foram transcritas com a utilização de diacríticos do alfabeto fonético internacional. Os diacríticos empregados nas transcrições deste estudo foram os seguintes:

Símbolo IPA	Efeito	Exemplo
:	prolongamento do segmento	[dy:]
̃	segmento não silábico	[bɔ̃ĩŋ]
ᵏ	aspiração do segmento	[pʰit]kʰ]
◌̥	desvozeamento do segmento	[d̥oŋ]
◌͡	segmentos realizados em coarticulação	[plɛ͡pplɛ͡pplɛ͡plek]

Tabela 5 – Diacríticos empregados na pesquisa

Conforme comentado anteriormente, as expressões que compõem o *corpus* desta pesquisa possuem uma pronúncia peculiar, carregada de expressividade. Uma dessas peculiaridades de entonação verificadas é, por exemplo, uma variação tonal empregada para representar, de modo mimético, um movimento rápido ou para criar a impressão, do mesmo modo, de que uma pessoa ou objeto realiza um movimento rápido que implica em seu afastamento em relação ao sujeito que interpreta linguisticamente o ruído que seria produzido por ação.

Dessa forma, foram utilizados diacríticos específicos para indicar a variação tonal verificada em algumas das onomatopeias sugeridas. A variação tonal pode ser ascendente, de modo que o som se torna mais agudo no final da pronúncia da palavra, ou descendente, de modo que o som se torna mais grave no final da pronúncia. A variação ascendente foi representada pela utilização da barra normal (Ex. [tʃɪŋ/]) e a variação descendente foi representada pela utilização da barra invertida (Ex. [xui:\]).

2.3 Procedimentos da análise

Nosso estudo prévio (CALDAS, 2011) consistia somente na análise de onomatopeias produzidas de forma escrita, coletadas à distância, com a utilização de um questionário transmitido via correio eletrônico. O presente estudo, porém, inclui a análise de onomatopeias produzidas de forma oral, sendo importante para os resultados a comparação entre essas duas formas de realização linguística.

No estudo prévio, constatamos que, em sua forma escrita, as onomatopeias podem apresentar sequências de letras que não são comuns ao idioma no qual foram produzidas. Por esse motivo, considerou-se para esta análise a estrutura silábica das onomatopeias coletadas. Esse parâmetro permitiu a compreensão da conformidade ou não conformidade das onomatopeias sugeridas em relação às convenções silábicas da língua alemã escrita.

A conformidade das onomatopeias que compõem o corpus da presente pesquisa com os padrões silábicos e grafemáticos do idioma alemão não consiste, no entanto, em parte fundamental, mas sim auxiliar, da análise efetuada. A não conformidade com esses padrões de uma onomatopeia constante em nosso *corpus* pode indicar que ela foi criada especificamente para a pesquisa, mas não ajuda a determinar de que modo o informante que a sugeriu procurou realizar a imitação linguística de um ruído natural.

Em relação ao número de sílabas, muitas vezes é difícil uma definição, pois as onomatopeias são muitas vezes pronunciadas com uma expressividade e entoação peculiares. Isso faz com que não fiquem claros os limites da sílaba. Casos nos quais ocorrer tal dúvida serão comentados individualmente.

Os dados empíricos que formam o corpus foram analisados a partir dos seguintes parâmetros:

2.3.1 Sons utilizados

Nesta parte da análise, foram traçadas relações entre o tipo de fone utilizado e a imitação dos sons naturais considerados em cada quadro, tendo por referência os conceitos estabelecidos por NOGUEIRA (1950a). A análise visa possibilitar a identificação dos tipos de fones que são empregados para a representação linguística em determinado idioma (neste caso, no alemão), das diferentes características sonoras presentes nos ruídos naturais.

2.3.2 Estrutura silábica

As sugestões de onomatopeias orais e escritas para cada quadro foram agrupadas e analisadas em conjunto, conforme sua estrutura silábica e os sons que a compõem. Investigaram-se os sons que compunham o *onset*, o núcleo e a coda de cada uma das onomatopeias sugeridas, nas formas oral e escrita, comparando os resultados com a descrição da estrutura silábica padrão alemã apresentada no Capítulo 1.

As onomatopeias que compõem o *corpus* desta pesquisa são constituídas por apenas uma sílaba na maioria dos casos (as exceções serão comentadas). Isso contribuiu para a sistematização da análise sonora com a consideração da posição dos sons na sílaba, pois na maioria dos casos foi possível dividir as onomatopeias em três partes (*onset*, núcleo e coda), o que facilitou a análise comparativa e a visualização de recorrências e tendências.

Para a análise dos sons utilizados, portanto, consideramos sempre suas posições nas sílabas. A presença de uma determinada consoante em posição de coda, por exemplo, recorrente em diversas onomatopeias relativas a um mesmo estímulo, poderia indicar algum modo de imitação sonora específico. Procuramos destacar os casos em que recorrências de um determinado tipo de som em uma determinada posição na sílaba indicassem um possível modo de imitação sonora específico.

2.3.3 Formas consagradas e formas criadas *ad hoc*

Entre os objetivos do trabalho está a análise da criação e do uso de onomatopeias. Usamos o termo “uso” pensando no emprego de uma onomatopeia previamente conhecida, que compõe o inventário de representações sonoras linguísticas do informante, para o exercício proposto. Esse inventário é constituído conforme o falante é exposto a esse tipo de onomatopeias em seu cotidiano, tanto de forma oral quanto de forma escrita. Como as histórias em quadrinhos são uma linguagem na qual as onomatopeias possuem uma presença significativa, pode-se, portanto, supor que aqueles informantes que tiveram maior contato com histórias em quadrinhos durante a vida provavelmente possuirão um inventário mais amplo de onomatopeias.

É difícil definir o termo “onomatopeia consagrada”. Apenas um levantamento extensivo de onomatopeias em quadrinhos em alemão poderia constatar quais as onomatopeias que são mais empregadas no idioma, podendo ser consideradas consagradas.

Para o presente estudo, um dos critérios para definir uma onomatopeia que denominamos consagrada é sua recorrência nos dados que compõem o *corpus* da pesquisa. O fato de vários informantes terem utilizado onomatopeias como “KRACH” e “KLIRR” de modo escrito em relação ao estímulo do quadro 3 indica que não se trata de uma onomatopeia criada especificamente para o exercício.

Em relação à “criação” de onomatopeias, utilizamos o termo “onomatopeias criadas *ad hoc*” para designar onomatopeias que provavelmente foram criadas, tanto de forma oral quanto escrita, especificamente para o exercício. Desse modo, o fato de uma onomatopeia não possuir nenhuma recorrência no *corpus* da pesquisa serviu para indicar que se tratava de uma expressão criada especificamente para a pesquisa.

2.3.4 Formal oral e forma escrita

Também foram consideradas para a análise as diferenças entre as onomatopeias sugeridas de forma oral e de forma escrita para cada quadro, a fim de investigar peculiaridades específicas do processo de criação e utilização de onomatopeias, referentes a cada uma dessas formas de realização linguística.

Nesta etapa foram analisadas também, mais especificamente, as diferenças entre as sugestões orais e escritas de cada informante, na tentativa de identificar possíveis padrões. Esse tipo de análise permitiu a verificação de tendências relativas à utilização de onomatopeias consagradas e criadas *ad hoc* em cada um dos meios linguísticos. A tendência à utilização de onomatopeias consagradas de forma escrita será discutida na segunda parte do Capítulo 3.

Os dados foram agrupados de acordo com as onomatopeias relativas a cada quadro, e são frequentemente apresentados em termos de porcentagens. É importante ressaltar que esse procedimento tem apenas a finalidade de fornecer uma base para a análise qualitativa e facilitar sua visualização, sem pretensão de validade estatística.

Os dados são aqui apresentados de acordo com o posicionamento dos sons nas sílabas. A apresentação dos dados obtidos relativos a cada posição silábica é acompanhada por uma exposição dos casos considerados relevantes e que serão retomados na discussão efetuada na segunda seção do Capítulo 3. Os casos relevantes são, na maior parte dos casos (as exceções serão comentadas), aqueles em que houve uma recorrência perceptível de algum tipo de som em determinada posição em relação a um dos quadros da pesquisa.

Em seguida, são apresentados os dados relativos aos empregos de expressões consideradas consagradas e criadas *ad hoc*. A apresentação desses dados também foi efetuada concomitantemente a uma exposição dos casos considerados importantes e peculiares a cada um dos quadros da pesquisa.

Na sequência, são apresentados os dados relevantes referentes à análise comparativa entre as onomatopeias sugeridas de forma oral e de forma escrita para cada um dos quadros da pesquisa. Da mesma forma, dados relevantes são expostos e considerados para a discussão final sobre a análise.

Por fim, foram efetuados comentários sobre casos peculiares de cada um dos quadros, a fim de destacar esses casos, além de algumas exceções, e de reunir mais informações sobre tendências gerais de imitação sonora para a discussão efetuada na seção final do Capítulo 3.

CAPÍTULO 3 – PESQUISA EMPÍRICA

Conforme mencionado anteriormente, a inexistência de estudos similares levou-nos à criação de uma metodologia própria, que se desenvolveu em grande parte durante a feitura do próprio trabalho. A análise dos dados consistiu na comparação entre as sugestões referentes a cada um dos quadros, com o intuito de verificar se era possível identificar algum tipo de padrão na forma das onomatopeias sugeridas. Para tanto, foram considerados os seguintes fatores, nas formas oral e escrita:

- os tipos de fones empregados nas onomatopeias, de acordo com sua posição nas sílabas;
- o grau de conformidade com a estrutura silábica do alemão;
- o uso de formas consagradas;
- as relações entre formas orais e escritas.

Os itens a seguir apresentam os resultados da análise dos dados do corpus, agrupados pelo quadro que serviu de estímulo à produção das sugestões. São contempladas as relações entre a estrutura silábica (*onset*, núcleo e coda) e o tipo de sons utilizados, bem como as relações entre formas orais e escritas sugeridas. Optou-se, contudo, por apresentar as considerações de forma discursiva, enfatizando-se as relações entre os diferentes parâmetros, ao invés de abordá-los isoladamente.

Os resultados referentes a cada um dos quadros foram então comparados. Esse momento da análise revelou tendências que são discutidas na segunda seção do capítulo, em relação a cada um dos objetivos propostos para a análise.

3.1 Resultados da análise

Conforme descrito anteriormente, as onomatopeias presentes na linguagem das histórias em quadrinhos podem frequentemente desrespeitar a estrutura de um idioma, em relação à conformidade grafemática e silábica, devido a suas peculiares expressivas e à possibilidade de formação independente dessas estruturas. Desse modo, empreendemos a análise dos fones empregados nas onomatopeias para a representação

de cada tipo de ruído apresentado, de acordo com seu posicionamento nas sílabas sugeridas, como base para as demais reflexões, a fim de evidenciar o processo de criação e uso de onomatopeias em relação aos diferentes tipos possíveis de ruídos naturais.

3.1.1 Quadro 1 - Impacto contra objeto duro

Foram sugeridas 30 onomatopeias para esta cena, 16 escritas e 14 orais, como mostrado na tabela a seguir. Três ocorrências de interjeição expressiva ([aʊ], presente em duas ocorrências escritas e uma oral) foram excluídas da análise quantitativa por representarem o som que teria sido emitido pela personagem (grito de dor), e não o ruído do impacto da fruta contra a cabeça da personagem, sobre o qual recai o foco da pesquisa.

INFORMANTE	ORAIS	ESCRITAS	LEITURAS
1	[pɪɔ:ʊn]	PING	[piŋ]
		BOING	[boɪŋ]
2	[ɔɪŋ]	DOIIING	[ɔɪ:ɪnk]
3	[boɪŋ]	Boing	[boɪŋ]
4	[bum]	Bumm	[bum]
5	[bæm]	BÄNG	[pɛŋ]
6	[dɪf:]	Düüsch	[dɪf:]
7	[bax]	bach	[bax]
8	[duf]	Duff	[duf]
9	[bum]	Bumm	[bum]
		Peng	[pæŋ]
10	[datʃ]	BAFF!	[baf]
11	[pæŋ]	au	[aʊ]
12	[aʊ]	Au	[aʊ]
13	[boɪŋ]	Boing	[boɪŋ]
14	[boɪŋ]	Boing	[boɪŋ]

Segundo NOGUEIRA (1950a: 150), a característica da brusquidão do ruído produzido pelo impacto com essa característica é adequadamente interpretada pelo emprego de uma consoante oclusiva em posição inicial na onomatopeia. No caso deste

quadro, todas as onomatopeias sugeridas possuem uma oclusiva como primeiro fone do *onset*.

NOGUEIRA indica ainda que as consoantes oclusivas bilabiais, por provocarem o maior acúmulo de ar na boca possível, são mais adequadas do que as linguodentais ou velares para a representação de um ruído com grande ressonância (op. cit. pp. 79-81). O ruído que seria produzido pela cena representada, apesar de possuir curta duração, possuiria grande intensidade, pois a fruta parece atingir com força a personagem.

A maior parte das oclusivas que figuram como primeiro fone do *onset* (74% do total) é bilabial (Ex. [bɔ̃ɪ̃], [pæ̃]). Predominam as vozeadas (55,5% do total) como primeiro som das onomatopeias, representando o início brusco do ruído (Ex. [bɔ̃ɪ̃], [bum]). Além delas, também há a presença de 18,5% de consoantes bilabiais desvozeadas (Ex. [pɛ̃], [pæ̃]) e de 26% de consoantes oclusivas alveolares vozeadas (Ex. [dʏf:], [datf]).

Em relação ao núcleo das sílabas, as ocorrências mais frequentes são de vogais posteriores meio fechadas como [bɔ̃ɪ̃] e [ɔ̃ɪ̃], totalizando 29,6% das onomatopeias deste quadro, e vogais posteriores fechadas, como [bum] e [duf], totalizando 18,5% das onomatopeias sugeridas para este quadro.

Há um grande número de ocorrências de consoantes nasais nessas sugestões. Dentre as 27 onomatopeias sugeridas, 66,6% possuem a presença de uma consoante nasal, sempre na posição de coda. NOGUEIRA (op. cit. p. 150) comenta que as consoantes nasais são normalmente empregadas na interpretação linguística da ressonância de um ruído natural.

Conforme esperado, as onomatopeias sugeridas para este quadro apresentam uma quantidade baixa de consoantes fricativas em relação ao quadro 2. Apenas em 29,6% das onomatopeias sugeridas para este quadro foi constatada a presença de consoantes fricativas. Trata-se de um percentual baixo em relação ao quadro 2, como será visto adiante.

A maior parte das onomatopeias sugeridas (63%), como [pĩ] e [bɔ̃ɪ̃], possui a estrutura formada por uma oclusiva como primeiro fone do *onset* e pelo núcleo seguido por uma consoante nasal. Esse fato pode ser explicado pela utilização de expressões consagradas como [pɛ̃] e [bɔ̃ɪ̃]. Além disso, essa estrutura é apontada por NOGUEIRA como ideal para a representação linguística de ruídos caracterizados pelo início brusco (representado pela consoante oclusiva) e grande ressonância (representada pela consoante nasal).

A maior parte dos informantes sugeriu expressões similares tanto de forma oral quanto escrita. Não houve dificuldade por parte dos informantes para a elaboração de sugestões tanto orais quanto escritas, talvez também por esta se tratar de uma cena cuja interpretação foi considerada fácil pelos entrevistados. Contudo, três entrevistados (21,4% do total) sugeriram expressões escritas com estrutura bem diversa das próprias sugestões orais.

Em um desses casos, o primeiro informante sugeriu a onomatopeia [pɪɔ:ʏn] na forma oral. Trata-se de uma expressão que não respeita o padrão silábico do alemão, caso seja considerada uma monossílabo.

Como não se trata de uma palavra do vocabulário alemão, é possível também analisá-la como uma onomatopeia formada por duas sílabas ([pɪɔ:] e [ʏn]). No entanto, o modo como foi pronunciada pelo entrevistado apresenta características mais compatíveis com um vocábulo monossílabo.

Considerando esta onomatopeia como monossilábica, nota-se que ela possui duas semivogais, uma antes e uma depois do núcleo da sílaba, formando um tritongo. Esta sequência de fones não está de acordo com a estrutura silábica padrão do alemão, segundo a qual seria possível a presença de apenas uma semivogal.

A onomatopeia [pɪɔ:ʏn] foi provavelmente criada *ad hoc* para a situação da entrevista, já que, ao ser solicitado a sugerir uma expressão escrita, o informante preferiu utilizar expressões consagradas da linguagem dos quadrinhos (“PING” e “BOING”).

Conforme previsto, a maior parte das onomatopeias sugeridas para este quadro pode ser considerada consagrada na linguagem dos quadrinhos. Isso pode ocorrer por este se tratar de um estímulo de fácil interpretação: os informantes não precisaram, para este quadro, se esforçar muito em criar novas expressões, sendo mais fácil a utilização de expressões conhecidas.

3.1.2 Quadro 2 - Impacto contra objeto mole

A onomatopeia originalmente empregada na edição alemã (“PFLATSCH!”) possui duas consoantes fricativas (na [pf] e [ʃ]) uma no *onset* e outra em posição de coda. De acordo com NOGUEIRA (1950a:

146), as consoantes fricativas proporcionam a “imagem da continuidade”. O ruído que teria sido produzido pela ação representada neste quadro, em comparação com aquele relativo ao quadro 1, possuiria maior duração. Além do ruído que seria provocado pelo impacto da fruta contra a personagem, ainda há o ruído que seria causado pela fruta se espatifando.

Foram sugeridas 32 onomatopeias para este quadro, 14 de forma oral e 18 de forma escrita. Três onomatopeias ([hʷiçʊ], [ʃʷu:] e [ʒu:m:]) foram excluídas da análise quantitativa, por não se tratarem de representações do ruído do impacto da fruta contra a personagem. Estas três onomatopeias podem ser consideradas ótico-miméticas: os entrevistados sugeriram essas expressões pensando no deslocamento rápido da fruta, e não no impacto dela contra a personagem.

INFORMANTE	ORAIS	ESCRITAS	LEITURAS
1	[flɪtʃ]	FLITSCH	[flɪtʃ]
		FLATSCH	[flætʃ]
2	[vyʃ]	WUUUUUSH!	[vuʃ:]
3	[hʷiçʊ]	Platsch	[platʃ]
4	[platʃ]	Platsch	[platʃ]
5	[pʰɪtʃkʰ]	BATSCH	[batʃ]
6	[ʒu:m:]	sdijuu	[ʃʷu:]
7	[plæʃ]	platz	[platz]
8	[pfr] (vibração intensa dos lábios)	Pffrpf	[pfɔfɔpf:]
9	[flætʃ]	flatsch	[flatʃ]
		watsch	[vatʃ]
10	[vuʃ]	WUUSCH!	[vuʃ]
11	[platʃ]	platsch	[platʃ]
		spritz	[ʃprɪtʃ]
12	[flatʃ]	Flatsch	[flatʃ]
13	[platʃ]	Plaftsch	[plaftʃ:]
14	[matʃ]	Matsch	[matʃ]
		Platsch	[platʃ]

Na primeira posição do *onset*, há 44,8% de fricativas, sendo todas elas labiodentais com a exceção de um caso ([ʃprɪtʃ]). Dentre as onomatopeias iniciadas por consoantes fricativas labiodentais, há sete casos em que elas são vozeadas (Ex. [vyʃ], [vuʃ]) e cinco em que elas são desvozeadas (Ex. [flɪtʃ], [flætʃ]).

Além das fricativas, 44,8% das expressões sugeridas possui uma consoante oclusiva como primeiro fone. Dentre estas onomatopeias, 92,8% apresentam como primeiro fone do *onset* uma consoante oclusiva bilabial desvozeada. Apenas uma das onomatopeias sugeridas conta nesta posição com uma consoante oclusiva bilabial vozeada ([batʃ]).

Há duas onomatopeias semelhantes, uma sugerida de forma oral e outra de forma escrita, que foram sugeridas pelo mesmo informante e possuem uma nasal como primeiro fone do *onset*. Trata-se da onomatopeia [matʃ], provavelmente derivada do substantivo “*Matsch*” (espécie de lama formada também pelo gelo derretido, além da água e da terra, existe também a derivação verbal “*matschen*”, algo como enlamear ou sujar alguém com “*Matsch*”).

A maior parte das onomatopeias (55,1% das sugestões) possui uma consoante lateral na segunda posição do *onset* (Ex. [flatʃ], [platʃ]). A estrutura dessas onomatopeias é predominante nas sugestões relativas a este quadro. Todas as onomatopeias que possuem uma lateral como segundo fone no *onset* possuem também uma oclusiva seguida por uma fricativa na posição de coda (Ex. [flɪtʃ], [flætʃ], [platʃ]). Do total de onomatopeias sugeridas para este quadro, 75,8% apresenta apenas o final dessa estrutura, a consoante oclusiva seguida por uma fricativa na posição de coda.

Essa alta incidência de consoantes fricativas era esperada em relação a este quadro, devido ao fato de a fruta ter sido representada no momento em que se espatifa. Em comparação com o quadro 1, em que a fruta apenas atinge a personagem, sem se espatifar, não há muitas ocorrências de consoantes fricativas em qualquer posição nas sílabas.

Em relação ao núcleo das onomatopeias sugeridas, existe a predominância (presença em 44,8% das onomatopeias) da vogal aberta [a] (Ex. [flatʃ], [plafʃ], [matʃ]). Além dela, há a presença de outras vogais com menor frequência (Ex. [flɪtʃ], [plæʃ], [vufʃ]). Em comparação com os resultados da figura anterior, é perceptível a presença da vogal [a], quase inexistente entre as onomatopeias referentes àquele quadro.

A maior parte (93,1%) das onomatopeias sugeridas apresenta uma consoante fricativa como último fone da posição de coda. Dentre elas, a maioria (88,9% do total

das onomatopeias) apresenta nesta posição uma consoante fricativa pós-alveolar desvozeada.

Neste quadro, além de atingir a personagem, a fruta explode e cobre a personagem com sua polpa úmida. Estas ações podem ser responsáveis por proporcionar a possibilidade de utilização dessas onomatopeias que apresentam fricativas, sugerindo uma continuação do som.

Com poucas exceções, as onomatopeias sugeridas de forma oral pelos entrevistados são semelhantes às sugeridas na forma escrita. Assim como ocorreu no Quadro 1, informantes que fizeram sugestões orais de expressões criadas *ad hoc* acabaram fazendo uma sugestão mais convencional de forma escrita.

O informante 3 sugeriu, na expressão oral, a onomatopeia [huiço], excluída da análise quantitativa por ser ótico-mimética, conforme descrito anteriormente. No entanto, no momento de sugerir uma onomatopeia escrita, o mesmo informante sugeriu a expressão “Platsch”, também sugerida por diversos outros informantes. Assim como ocorreu com o primeiro informante no quadro 1, este informante fez uma sugestão oral de uma expressão incomum, mas preferiu uma expressão consagrada na linguagem dos quadrinhos para a sugestão escrita.

Já o informante 8 sugeriu na forma oral a expressão [pfr], proferida com uma vibração intensa dos lábios. Trata-se de uma expressão quase não linguística, o informante simplesmente posicionou a língua entre os lábios e pressionou fortemente o ar para fora da boca enquanto os lábios tocavam sua língua, provocando uma vibração.

A sugestão escrita deste informante foi “Pffrpf”. Trata-se de uma interpretação linguística gráfica do som que ele produziu como sugestão oral. A forma dessa onomatopeia, com a repetição da letra “f” e com essa sequência de consoantes impossível em uma palavra do vocabulário alemão possui, além do valor de imitação sonora, um caráter mais icônico e específico da linguagem escrita das histórias em quadrinhos.

Quando requisitado para ler em voz alta essa onomatopeia, o falante proferiu a expressão [pfɔfɔf:], diferente daquela que ele produziu em sua sugestão oral. É possível identificar que este informante propôs uma expressão escrita impossível de ler, pela falta de vogais. Trata-se de uma onomatopeia que não pode ser lida em voz alta, mas cuja forma evoca o som da fruta se espatifando. Para proferir a expressão, o informante precisou incluir uma vogal criando um núcleo silábico. Mesmo assim, a transcrição da onomatopeia lida possui uma estrutura que foge aos padrões silábicos da língua alemã.

Também o informante 5 propôs a criação *ad hoc* da expressão [p^hɪtʃk^h] na forma oral. Esta expressão foge aos padrões silábicos do idioma, pela presença da sequência de consoantes oclusiva, fricativa e novamente oclusiva na posição de coda. A sugestão escrita do mesmo informante, no entanto, é convencional, em comparação com a oral: “BATSCH!”. Assim como nos casos anteriores, o informante se sentiu mais confortável utilizando uma forma mais consagrada e mais conforme aos padrões do idioma na forma escrita.

Este quadro também não foi interpretado com dificuldade pelos entrevistados, conforme esperado. A maior parte das sugestões foi de onomatopeias conformes ao padrão silábico do idioma. Além disso, a maior parte das expressões sugeridas (“PLATSCH” e suas variantes) pode ser considerada consagrada na linguagem dos quadrinhos.

As onomatopeias “PLATSH”, “MATSCH”, “Platz” e “SPRITZ” podem ser consideradas descritivas, formadas a partir do radical dos verbos “*platschen*” (produzir o ruído de impacto de algo contra a água), “*matschen*” (algo como “enlamear”), “*platzen*” (estourar) e “*spritzen*” (nesse caso, com o sentido de molhar, encharcar alguém ou alguma coisa).

As onomatopeias descritivas totalizam 34,5% das expressões sugeridas para este quadro. Trata-se de um número elevado, ainda mais se for efetuada a comparação com o quadro 1, para o qual não foi sugerida nenhuma onomatopeia descritiva.

Conforme comentado anteriormente, as onomatopeias descritivas são comuns na linguagem das histórias em quadrinhos em alemão. A análise evidencia que essas expressões tendem a ser frequentemente utilizadas quando existe a possibilidade.

3.1.3 Quadro 3 - Impacto contra o vidro

Em relação a este quadro, existia a expectativa de que fossem sugeridas expressões com a presença de consoantes vibrantes, pois, segundo exemplos constantes em NOGUEIRA, (1950a: 72), estas se encontram frequentemente presentes quando ocorre a representação do ruído das ações de quebrar ou rasgar algum objeto.

Outra expectativa é de que haveria diversas sugestões da onomatopeia descritiva “KLIRR” (derivada do verbo “*klirren*” utilizado para representar o ruído do vidro quebrando). Conforme comentado anteriormente, a utilização de onomatopeias descritivas é recorrente na linguagem das histórias em quadrinhos em língua alemã, e a onomatopeia “KLIRR” pode ser considerada consagrada no idioma alemão. A existência dessa expressão consagrada possibilitaria a verificação de como ocorre o uso de tais expressões em uma situação nova, e também de como ocorre o uso dessas expressões consagradas na linguagem oral e na linguagem escrita.

Foram sugeridas 31 onomatopeias para este quadro, 17 de forma escrita e 14 de forma oral. Há sete casos em que os informantes não procuraram interpretar o ruído do vidro sendo quebrado, mas sim sugerir uma expressão adequada ao rápido deslocamento da personagem após o impacto ([fi:u:], [zu:/], [hʏi:]). Essas onomatopeias podem ser consideradas ótico-miméticas, pois essa ação de deslocamento rápido não produz realmente nenhum ruído marcante. Realizaremos primeiramente comentários relativos à análise quantitativa das 24 expressões referentes ao ruído de quebra do vidro.

INFORMANTE	ORAIS	ESCRITAS	LEITURAS
1	[fʏɪn]	KLIRR	[klɪɐ]
		Fiiuu	[fi:u:]
2	[krɛʃ]	KLIRR	[klɪɐ]
3	[z:/]	Zuiiu	[zu:/]
4	[hʏi]	Krach	[kʰɾax]
5	[plɪŋg]	KLIRR	[klɪɐ]
6	[hʏi:]	huuii	[hʏi:]
7	[krax]	krach	[krax]
8	[krʃ:]	Kschschsch	[kʃʃʃ]
9	[klɪɐ:]	Klirr	[klɪɐ]
		Knall	[knal]
10	[tʃɪŋ]	TSCHIIING!	[tʃɪn]
11	[klɪɐ]	klirr	[klɪɐ]
		splitter	[ʃplɪtɐ]
12	[klɪɐ]	klirr	[klɪɐ]
13	[klɪɐ]	KLIRRR	[klɪɐ]
14	[klɪɐ]	Klirr	[klɪɐ]

Observando as onomatopeias sugeridas para este quadro, é possível perceber rapidamente que a expectativa foi confirmada, e a maior parte dos informantes, tanto de forma oral quanto escrita, sugeriu a onomatopeia descritiva “KLIRR”. (54,1% dentre as 24 onomatopeias sugeridas para o ruído da quebra do vidro).

Entre as sugestões apresentadas de modo oral, existem algumas variações. Conforme comentado anteriormente, as onomatopeias são geralmente pronunciadas com uma entoação peculiar, que muda a forma comum de pronunciar algumas sílabas. A maior parte dos falantes deu ênfase à vibrante, pronunciando [klɪr] ao invés da pronúncia possível [kliɐ] (o informante 9 inclusive prolongou a vibrante). Essa ênfase na consoante vibrante parece representar adequadamente o ruído do vidro se despedaçando.

A quase totalidade das onomatopeias sugeridas para este quadro (95,8%) apresenta uma consoante oclusiva como primeiro fone do *onset*. Há apenas uma exceção, a onomatopeia “Splitter”, que se trata do emprego onomatopaico do radical do verbo “*splittern*”, que significa lascar, rachar.

Ao contrário do que foi constatado no quadro 1, a maior parte dessas oclusivas no início do *onset* (83,3%) é velar e desvozeada. Conforme descreve NOGUEIRA (1950a: 79-81) quanto maior a câmara de ar formada pela oclusão deste no momento da produção da consoante, mais adequada à representação de um ruído com alta ressonância. O autor faz essa explicação ao comentar sobre o ruído de uma bomba explodindo, que possui grande ressonância e volume alto, ruído para o qual são adequadas expressões iniciadas por consoantes bilabiais.

No caso da quebra do vidro, o ruído provocado possui grande ressonância, mas menor que o de uma bomba explodindo, por exemplo, além de se tratar de um ruído mais agudo. Essas características foram interpretadas pelos entrevistados com a utilização das consoantes velares e a utilização de vogais fechadas no núcleo da maior parte (62,5%) das onomatopeias. Vale ressaltar que esta é apenas uma suposição, pois a maioria desses casos ocorre quando é empregada a onomatopeia “KLIRR”, muito frequente em relação a este quadro. A comprovação dessa hipótese talvez fosse possível através de uma entrevista em que fosse vetada a utilização da onomatopeia “KLIRR”.

Há apenas três casos em que foi utilizada uma vogal aberta no núcleo das onomatopeias: trata-se da onomatopeia [krax] (que foi empregada pelo informante 7 tanto de forma oral quanto escrita) e da onomatopeia “Knall”, descritiva derivada do substantivo “*Knall*” (que designa ruídos como o de um tiro ou de uma explosão).

Há uma presença elevada de consoante laterais, geralmente como segundo fone do *onset* (54,1%). Há também o caso das onomatopeias [knaɪ] e [ʃplɪtə], já citadas, que possuem laterais em posições diversas.

Porém, o fato de o quadro 8 apresentar um tipo de ruído parecido e não apresentar uma alta incidência do uso de consoantes laterais em relação a ele indica que talvez, neste caso, a recorrência da expressão “KLIRR” justifique a recorrência de consoantes laterais aqui constatada.

Há também a presença de consoantes vibrantes em algumas das ocorrências como segundo fone do *onset* ([kʰɾax], [kɾax], e [kɾʃː]). Em comparação com o quadro 8, que apresenta uma situação semelhante, é um número pequeno de onomatopeias com esse tipo de consoante nessa posição. Porém, conforme já explicado, talvez essa baixa incidência seja explicada pela alta frequência da descritiva “KLIRR”. Novamente, caso não fosse permitida a utilização dessa onomatopeia, talvez fosse maior a quantidade de expressões com vibrantes como segundo fone do *onset*.

Há diversos casos de vibrantes como último fone na posição de coda. Esses casos também se referem às sugestões da onomatopeia “KLIRR”, mas percebeu-se que vários entrevistados deram bastante ênfase à vibração, ao invés de pronunciar a onomatopeia com uma vogal [kliɐ̃]. A ênfase da vibrante nessa posição pode ser um modo de representação do prolongamento do ruído que seria produzido pela quebra do vidro.

Outro modo de interpretação do ruído do vidro estilhaçando é a utilização de consoantes fricativas como último fone na posição de coda. Nessas onomatopeias (Ex. [kɾɛʃ], [kʰɾax], [kɾʃː]), parece haver um primeiro momento do ruído, o do impacto, representado pelo *onset* formado por uma oclusiva, seguida ou não por uma vibrante, e em seguida o ruído mais prolongado que seria provocado pelos estilhaços.

Isso fica claro quando observamos as onomatopeias [kɾʃː] e [kʃʃʃʃ], sugeridas pelo informante 8. A sugestão oral do informante foi [kɾʃː] que, apesar de não possuir vogais, se assemelha a outras sugestões de outros informantes, como [kɾɛʃ], por exemplo. É possível perceber que o informante se preocupou em representar a duração prolongada do ruído através do prolongamento da consoante fricativa final.

Já a sugestão escrita desse informante foi a onomatopeia “Kschschsch”. Neste caso, ele procura traduzir o prolongamento sonoro imaginado através da repetição das letras que representam a consoante fricativa. A leitura efetuada pelo informante é interessante: ele produziu realmente as três consoantes pós-alveolares em sequência,

sem incluir nenhuma vogal entre elas. Não se tratou de um prolongamento, mas sim da repetição do fone por três vezes, formando uma expressão curiosa para os padrões do idioma.

Em relação às onomatopeias ótico-miméticas relativas ao deslocamento da personagem, percebe-se a tentativa de representar o distanciamento da personagem através de dois recursos, a utilização de ditongos e a utilização de um tom ascendente. Durante a análise das onomatopeias relativas ao quadro 6 da pesquisa, esses recursos serão discutidos em maiores detalhes.

Outra forma para representar o distanciamento é o uso de ditongos: das sete onomatopeias ótico-miméticas sugeridas, cinco utilizam o recurso do ditongo para representar o distanciamento (Ex. [f̥i̯u̯ɪn], [h̥u̯i]). O informante 3 utilizou um ditongo na sugestão escrita, mas na leitura efetuada por ele não ocorreu o ditongo, mas sim o prolongamento da vogal [u] com um tom ascendente.

É possível perceber que os ditongos, tanto abertos como fechados, além do caso em que há duas semivogais na onomatopeia ([f̥i̯u̯ɪn]), são adequados para a representação do deslocamento veloz de uma personagem ou de um objeto. Este assunto será tratado com maiores detalhes durante a análise das onomatopeias do quadro 6 da pesquisa.

3.1.4 Quadro 4 - Impactos sucessivos contra a água

Neste quadro, existia a expectativa da presença de sugestões de onomatopeias semelhantes às utilizadas na edição alemã dos quadrinhos, por se tratarem de expressões consagradas em língua alemã, especialmente a onomatopeia “PLATSCH”. Assim como o verbo “*klirren*” (“vibrar, tilintar”), o verbo “*platschen*” (“chapinhar”) pode ser encontrado em diversos dicionários de língua alemã).

Além disso, existia a expectativa de que as expressões sugeridas para este quadro contassem com a presença de consoantes laterais e também de consoantes fricativas, devido ao fato de onomatopeias tradicionalmente empregadas para a representação do impacto contra a água contarem com a presença de consoantes laterais

(Ex. “PLATSCH”, em alemão, e “SPLASH”, em inglês) e consoantes fricativas (Ex. “TCHIBUM”, em português).

Foram sugeridas 31 onomatopeias para este quadro, 17 de forma escrita e 14 de forma oral. Para a análise quantitativa não foram consideradas as reduplicações de onomatopeias, que ocorrem na maioria das sugestões relativas a este quadro. Desse modo, “[bɔ̃ɪŋ] [bɔ̃ɪŋ] [bɔ̃ɪŋ]” será considerada como somente uma onomatopeia, [bɔ̃ɪŋ], repetida.

Um dos entrevistados sugeriu, tanto de modo oral quanto escrito, expressões que representam uma expressão linguística da personagem retratada. Trata-se de duas interjeições expressivas, [aɾg] e [a:], que representam um grito que teria sido emitido pela personagem. Por não se referirem ao impacto dos pés da personagem contra a água, estas duas expressões não foram contabilizadas para a análise quantitativa.

Também a onomatopeia [ʃpritz], sugerida por um dos entrevistados de forma tanto oral quanto escrita, trata-se de uma descritiva derivada do verbo “*spritzen*” (neste caso, com o sentido de espirrar água, tendo o informante inclusive comentado isso após a entrevista). Por se tratar de uma expressão que não se refere ao ruído dos impactos sucessivos dos pés da personagem contra a água, estas ocorrências também foram desconsideradas para a análise quantitativa.

INFORMANTE	ORAIS	ESCRITAS	LEITURAS
1	[bɔɪ̯ŋ] [bɔɪ̯ŋ] [bɔɪ̯ŋ]	BOING BOING BOING	[bɔɪ̯ŋ] [bɔɪ̯ŋ] [bɔɪ̯ŋ]
2	[dɔɪ̯ŋ] [dɔɪ̯ŋ] [dɔɪ̯ŋ] [dɔɪ̯ŋ]	tok-tok-tok-tok	[tɔk] [tɔk] [tɔk] [tɔk]
		dong-dong-dong...	[dɔŋ] [dɔŋ] [dɔŋ]
3	[platʃ] [platʃ] [platʃ] [platʃ]	Platsch Platsch Platsch	[plætʃ]
4	[plak] [plak] [plak] [plak ^h]	Plitsch, Plitsch, Plitsch	[plitʃ] [plitʃ] [plitʃ]
5	[plepplepplepplek]	Platsch, Platsch, Platsch...	[platʃ] [platʃ] [platʃ]
6	[ʒu:m] [ʒu:m] [ʒu:m]	doing doing doing	[dɔɪ̯ŋ] [dɔɪ̯ŋ] [dɔɪ̯ŋ]
7	[pflum]	plum	[plum]
8	[platʃ] [platʃ] [platʃ] [platʃ] [platʃ]	Platsch, Platsch, Platsch, Platsch, Platsch, Platsch	[platʃ] [platʃ] [platʃ] [platʃ] [platʃ] [platʃ]
9	[ʃpritz]	Bumm Bumm	[bum] [bum]
		spritz	[ʃpritz]
10	[tʰak] [tak] [tak]	TACK, TACK, TACK!	[tak] [tak] [tak]
		PLATSCH, PLATSCH, PLATSCH	[platʃ] [platʃ] [platʃ]
11	[a:]	Ahhr̥g	[aʁg]
12	[platʃ]	Platsch	[platʃ]
13	[ploɪ̯nploɪ̯nploɪ̯nploɪ̯n]	Ploingploingploing	[ploɪ̯nploɪ̯nploɪ̯n]
14	[platʃ]	Platsch	[platʃ]

A onomatopeia descritiva “PLATSCH”, conforme esperado, foi empregada por diversos entrevistados, totalizando 37% das sugestões relativas a este quadro. Conforme comentado durante a análise dos quadros 2 e 3 da pesquisa, a possibilidade de uso de uma expressão descritiva consagrada no idioma é efetivamente aproveitada por boa parte dos falantes.

A maior parte das onomatopeias relativas a este quadro (96,3%) conta com a presença de uma consoante oclusiva como primeiro fone do *onset*. A exceção é a sugestão “[ʒu:m] [ʒu:m] [ʒu:m]”. Neste caso, é possível que o informante estivesse pensando no deslocamento da personagem, e não no impacto contra a água.

Dentre as consoantes oclusivas como primeiro fone do *onset* (92,8% dos casos), a maior parte (65,4% dessas onomatopeias) consiste em uma bilabial desvozeada

(Ex. [platʃ], [ploɪnploɪnploɪn]). Há também três ocorrências de bilabiais vozeadas, três de alveolares desvozeadas e três de alveolares vozeadas nessa posição.

Como segundo ou terceiro fone do *onset*, há uma predominância (62,9% das onomatopeias) de consoantes laterais. Há apenas um caso ([pflum]) em que a lateral encontra-se como terceiro fone do *onset*. Em todos os outros casos, a lateral encontra-se após uma consoante oclusiva bilabial desvozeada.

A maior parte desses casos explica-se pela utilização recorrente da onomatopeia descritiva “PLATSCH”, comum em alemão para representar o impacto de algum corpo ou objeto contra a água. Além disso, a lateral parece adequada para a representação do barulho produzido pelo impacto de algum objeto ou corpo contra a água, existindo expressões como “SPLASH”, da língua inglesa, familiar para falantes de diversos idiomas.

Em relação ao núcleo das sílabas, há a predominância da utilização da vogal [a], presente em 33,3% destas onomatopeias. Essa predominância pode ser explicada pelo emprego recorrente da onomatopeia “PLATSCH”.

Outra vogal que aparece com frequência nas expressões sugeridas para este quadro é o [ɔ], presente em 29,6% destas onomatopeias. Na maior parte dos casos em que essa vogal é utilizada, é utilizada também a semivogal [i], formando o ditongo [ɔi] (Ex. [bɔɪn], [dɔɪn]). Nas onomatopeias em que ocorre esse ditongo, existe sempre a presença de uma nasal em posição de coda sucedendo-o.

Como último fone em posição de coda, há uma predominância de consoantes nasais (40,7%) e fricativas (40,7%). A ocorrência de consoantes oclusivas nessa posição é baixa, totalizando 18,5% das sugestões.

O ruído imitado é bem traduzido pela estrutura da maior parte das onomatopeias sugeridas. O início com um fone oclusivo representa a brusquidão do ruído do impacto, e as fricativas e nasais representam o prolongamento desse ruído, que não possui um final abrupto.

A maior parte das sugestões (74%) conta com reduplicações das onomatopeias, tanto de forma oral quanto escrita. Como o quadro representa um movimento claramente repetitivo, indicado pelas linhas gráficas de movimento que descrevem o percurso efetuado pela personagem até o momento retratado, a interpretação do ruído que seria produzido conta com essas repetições.

Um dos entrevistados sugeriu a expressão “[ʒu:m] [ʒu:m] [ʒu:m]”, empregando uma consoante fricativa coronal vozeada como primeiro fone do *onset*. Conforme

exposto na seção relativa à grafemática do presente trabalho, a consoante fricativa coronal vozeada só aparece no idioma em palavras estrangeiras, como “*Genie*”, por exemplo.

Porém, seria impossível grafar em alemão a onomatopeia [ʒu:m] seguindo as normas ortográficas, pois não há nenhuma letra que poderia representar esse fone seguido pela vogal [u]. Ao fazer sua sugestão escrita, o mesmo informante utilizou a expressão “doing doing doing”, que pode ser considerada convencional em relação à sugestão oral.

Outros dois informantes fizeram sugestões de onomatopeias orais ([plak] [plak] [plak^h] e [ple̞p̞le̞p̞le̞p̞le̞k]) diferentes das sugestões escritas. Nesses dois casos, como em quadros anteriores desta pesquisa, as sugestões escritas (“Plitsch, Plitsch, Plitsch” e “Platsch, Platsch, Platsch...”, respectivamente) desses entrevistados foram mais conformes ao padrão da linguagem das histórias em quadrinhos.

Novamente, é possível observar que existe uma tendência para a adequação ao sistema linguístico do idioma nas expressões escritas. Durante a análise do quadro 6 serão feitos mais comentários sobre esse tema.

3.1.5 Quadro 5 - Personagem é cuspid

Na edição alemã original, foi utilizada a onomatopeia descritiva “SPUCK”, derivada do verbo “spucken”, que significa cuspir. A informação contribuiria para a compreensão da cena, mas foi removida do quadro para a pesquisa, o que possivelmente dificultou a interpretação da ação retratada.

Ainda assim, dada a existência de uma onomatopeia descritiva consagrada para esta ação, esperava-se que essa expressão fosse utilizada pelos entrevistados, facilitando o processo de interpretação linguística do ruído imitado. A expectativa, assim como em relação aos quadros 3 e 4, era a de que aqui seria possível observar a frequência com que os alemães utilizam as onomatopeias descritivas (como “KLIRR”, “PLATSCH” e “SPUCK”) na linguagem oral e escrita.

Foram sugeridas 32 onomatopeias para este quadro, 14 de forma oral e 18 de forma escrita. Ao contrário das expectativas e das expressões sugeridas para os quadros anteriores, a maior parte das onomatopeias relativas a este quadro foi criada *ad hoc*.

INFORMANTE	ORAIS	ESCRITAS	LEITURAS
1	[flp]	FFLP	[flɪp]
		FLLOP	[flop]
2	[fʊɪç]	shuuu!	[ʃu ^h]
3	[p ^h ɹ]	Puh	[p ^h]
4	[pʊə]	Puäh	[pʊɛ:]
5	[p ^h u ^h]	Pfuch	[pfux]
6	[pf:]	phhh	[pf:]
7	[tsɔlɔ]	pffh	[pfox]
8	[ʃəɹ]	Schhhhh	[ʃ:]
9	[ʃpuk]	flutsch	[flotʃ]
		rülps	[hɹlps]
10	[flup]	FLUP!	[flup]
11	[pfi]	Flutsch	[flotʃ]
		spuck	[ʃpuk]
12	[ff:]	-	
13	[hapfu:]	hapfiuu	[hapf̥i:u:]
14	[ʃlɪəɹp]	Sßp	[s:p ^h]
		Rmp	[ɹ:p ^h]
		Spuck	[ʃpuk]

Há registros de seis onomatopeias descritivas: trata-se das expressões “FLUTSCH” (sugerida duas vezes), “SPUCK” (sugerida três vezes) e “RÜLPS”, derivadas respectivamente dos verbos *flutschen* (escorregar), *spucken* (cuspir) e *rülpsen* (arrotar). A ocorrência da expressão “RÜLPS”, sugerida de forma escrita, não foi contabilizada na análise quantitativa por não representar linguisticamente o ruído da cuspada, mas sim evocar a ação do arroto.

O informante 12 apresentou grande dificuldade para interpretar o ruído de forma escrita. Ele preferiu não sugerir nenhuma onomatopeia escrita para esta cena, apesar de ter realizado a sugestão de forma oral ([ff:]).

A sugestão oral deste informante foi um ruído quase não linguístico, por ser resultado de uma imitação o mais fiel quanto possível do ato de cuspir. É possível que o caráter não vocabular dessa sugestão tenha dificultado a sugestão escrita, pois este informante sempre repetiu suas sugestões orais na escrita. O informante não conseguiu representar linguisticamente, de forma escrita, o ruído que havia emitido, preferindo não sugerir outra expressão, provavelmente também por dificuldade em imaginar uma forma escrita para o ruído em questão.

Ao contrário do esperado, foram utilizadas na maioria expressões criadas *ad hoc*. A expectativa para este quadro era de que seriam empregadas diversas onomatopeias descritivas, por ser um meio mais fácil para o alemão representar o ruído que seria emitido pela ação da cuspada.

No entanto, a maior parte dos informantes procurou, na verdade, imitar o ato de cuspir produzindo algum tipo de ruído. Esse fato fez com que a maior parte das onomatopeias sugeridas para esse quadro fosse criada *ad hoc*. O ato de cuspir, conforme descrito na seção referente à constituição do *corpus*, possui uma difícil interpretação sonora pelo fato de ser produzido por órgãos do próprio aparelho fonador.

A maior parte das onomatopeias sugeridas para este quadro (61,3%) possui uma consoante fricativa como primeiro fone do *onset*. Dentre essas fricativas, a maioria (47,3%) é labiodental desvozeada (Ex. [flip], [flop]). Há também diversas ocorrências da consoante fricativa pós-alveolar desvozeada [ʃ] nessa posição.

Há uma presença significativa (em 80,6% das onomatopeias) de consoantes fricativas nas onomatopeias sugeridas para este quadro, tanto em posição de coda quanto no *onset*. Acreditamos que as consoantes fricativas, especialmente a labiodental desvozeada [f] e a pós-alveolar desvozeada [ʃ], são especialmente adequadas para a representação do ruído produzido pelo ato de cuspir, já que este envolve a expulsão de ar pela boca.

Há também diversas ocorrências de consoantes oclusivas como primeiro fone do *onset* dessas sugestões (35,5% das onomatopeias sugeridas para este quadro). A maior parte dessas consoantes oclusivas nesta posição é bilabial desvozeada (Ex. [p^h], [puɛ:], [pflux]). O grande número de ocorrências deve-se ao ruído imitado: efetivamente, ao cuspir, a pessoa começa a ação com os lábios fechados, abrindo-os bruscamente para realizar o ato. A imitação linguística desse ato, portanto, é adequadamente realizada com o emprego da consoante bilabial.

Dentre as vogais utilizadas, predomina no núcleo a vogal fechada [u], presente em 25,8% destas onomatopeias. Há apenas duas onomatopeias que possuem uma vogal aberta, sugeridas pelo mesmo informante de modo oral e escrito ([hapfu:] e [hapfju:], respectivamente).

A ausência de vogais abertas pode ser explicada pelo tipo de ruído que está sendo imitado. O ato de cuspir só pode ser realizado com a boca fechada, pois isso é necessário para que o ar seja expelido com pressão suficiente, é impossível cuspir com a boca aberta. Como os informantes procuraram imitar de maneira fiel o ato de cuspir, é natural que as onomatopeias sugeridas para este quadro não contem com a presença de vogais abertas.

No caso das expressões [hapfu:] e [hapfju:], é possível que o entrevistado tenha pensado em uma ação com dois momentos: o primeiro de abertura da boca, no qual o ar seria primeiramente aspirado e o segundo do ato da cuspada. O informante deve ter imaginado um ruído semelhante ao produzido pelo espirro, que também é caracterizado por esses dois momentos (sendo grafado como “atchim” em português, por exemplo).

Neste caso, a vogal aberta encontra-se na primeira sílaba das onomatopeias, sendo as segundas sílabas aquelas que representam propriamente o momento da cuspada. O núcleo das segundas sílabas dessas expressões também é composto por vogais fechadas.

Diversas expressões sugeridas para este quadro (25,8% das onomatopeias) não possuem núcleo vocálico, ou seja, são formadas apenas por consoantes (Ex. [flp], [p^h], [f:]). Este fato também se deve, provavelmente, ao fato de estar sendo realizada uma imitação linguística do ruído produzido pelo ato de cuspir. Esses informantes procuraram imitar com fidelidade o ato de cuspir, expelindo somente ar pela boca. Essa imitação gera tal tipo de onomatopeia sem vogais, bastante fiel ao ato imitado, mas fugindo aos padrões ortográficos.

Há dois casos em que os informantes sugeriram de forma escrita onomatopeias sem vogais, mas pronunciaram essas onomatopeias com vogais (“FFLP” e “pffh”). Isso se deve provavelmente à dificuldade para a expressão linguística oral de uma palavra sem vogais. A pronúncia dessas expressões foi, respectivamente, [flp] e [pfox].

Três informantes sugeriram onomatopeias em que a letra <h> no final serviu para a representação do prolongamento sonoro. Trata-se das expressões “Puäh”, “phhh” e “Schhhhh”, cujas pronúncias foram [pue:], [pf:] e [f:], respectivamente. A repetição da

letra <h> no final das onomatopeias foi o modo como esses informantes interpretaram de forma escrita o prolongamento sonoro.

No caso do informante que sugeriu a onomatopeia “phhh” de forma escrita, é possível imaginar que sua intenção era de representar o prolongamento sonoro que ele imaginou. Porém, ao ser requisitado a pronunciar a expressão, ele pode ter tido dificuldades para interpretar essa onomatopeia de forma oral. Desse modo, o informante produziu uma consoante fricativa labiodental para representar de modo oral o prolongamento da letra <h>.

Um informante sugeriu a expressão escrita “pffh”. Para indicar o prolongamento, ele duplicou a letra <f> e utilizou também uma letra <h> no final da expressão. A pronúncia da expressão foi [pfox]. A sequência de letras <ffh> foi interpretada na pronúncia do informante como uma vogal seguida por uma consoante fricativa. A expressão escrita poderia ser considerada formada apenas pelo *onset*, enquanto a interpretação oral dessa expressão poderia ser considerada como composta por *onset*, núcleo e coda.

Outros casos demonstram que a repetição de letras nas onomatopeias escritas não indica necessariamente a representação do prolongamento sonoro. O primeiro informante sugeriu duas onomatopeias de forma escrita, “FFLP” e “FLLOP”. No momento da leitura, a pronúncia dessas onomatopeias foi [flɪp] e [flɒp], respectivamente.

As letras que foram duplicadas nas expressões escritas não foram interpretadas oralmente de modo peculiar em nenhum dos casos. Devido ao caráter icônico das onomatopeias na linguagem das histórias em quadrinhos, e também à possibilidade de utilizar nelas livremente recursos como a repetição de letras, essas repetições podem assumir diversos sentidos. A duplicação de letras pode ser realizada para enfatizar o som representado por ela, para criar uma expressão com uma forma mais “suja” ou bagunçada, que o informante pode associar com o ruído imitado, pode representar o prolongamento sonoro, há diversas possibilidades.

Outro informante sugeriu a onomatopeia “shuuu!”, cuja pronúncia foi [ʃu^h]. Neste caso, a repetição da letra <u> foi interpretada com o emprego de uma aspiração. A pronúncia dessa expressão é marcada por um prolongamento sonoro, que termina gradualmente, e não bruscamente. É possível que a intenção do informante tenha sido representar sonoramente a trajetória efetuada pela personagem, de modo ótico-mimético. A repetição da letra <u> pode então ter sido empregada pelo informante com

a intenção de que fosse representado um ruído que termina gradualmente, e não bruscamente.

Algo semelhante pode ter ocorrido na sugestão efetuada pelo informante 13, “hapfiuu”. Neste caso, a pronúncia foi [hapfiu:], com a presença de um tom descendente na última vogal. Portanto, o informante efetuou a repetição da letra <u> com a intenção de representar um som que se torna mais grave na medida em que termina. A utilização da variação tonal será comentada com maior profundidade durante a análise do quadro seguinte.

3.1.6 Quadro 6 - Personagem escorrega

Como a ação representada não produziria um ruído marcante, havia a expectativa de que fossem utilizadas onomatopeias ótico-miméticas para representar o movimento rápido efetuado pela personagem. Porém, essa ausência de ruído na ação também poderia gerar dificuldades para a interpretação da cena.

Conforme comentado na seção referente aos métodos desta pesquisa, o ato de escorregar não produz um ruído marcante, como aquele que seria produzido pelas ações representadas nos outros quadros da pesquisa. Após uma pessoa escorregar, o impacto de seu corpo contra o chão produz um ruído marcante, mas simplesmente escorregar não produz tal tipo de som.

Além disso, não é uma situação frequente em histórias em quadrinhos. Isso torna mais difícil o processo de sugestão por parte dos informantes, pois eles podem não ter nenhum tipo de referência para realizar o exercício. Mesmo para uma pessoa que não está habituada a ler quadrinhos, é muito mais fácil sugerir uma onomatopeia para uma cena como a do quadro 7, por exemplo, onde estão representados tiros, ao contrário do que ocorre com a cena representada neste quadro.

Foram sugeridas 29 onomatopeias para este quadro, 16 de forma oral e 13 de forma escrita. Vários entrevistados, conforme esperado, comentaram sobre a dificuldade para apresentar sugestões referentes a este quadro. Mesmo assim, quase todos conseguiram sugerir onomatopeias (apenas o informante 7 preferiu não fazer nenhuma

sugestão). Foi excluída da análise quantitativa a onomatopeia [aæk], por não se referir ao escorregão, mas sim representar um grito que teria sido produzido pela personagem.

INFORMANTE	ORAIS	ESCRITAS	LEITURAS
1	[tʃɪŋ/]	FLITSCH	[flɪtʃ]
		AAARGH	[aæk]
		UII	[ʊi:/]
2	[xui:/]	huuuu	[xui:/]
3	[zui:/]	uuuuu	[u:/]
4	[u:/]	Hui	[hui/]
5	[tsʃɪt]	SCHLAPP	[ʃlap]
6	[uou/]	uuuaahhh	[ua:/]
7			
8	[flotʃ/]	Ratsch	[ratʃ]
9	[flutʃ]	schwupp	[ʃvup]
		rutsch	[rutʃ]
10	[flutʃ]	FLUTSCH!	[flotʃ]
11	[glɪtʃ]	glitsch	[glɪtʃ]
12	[rutʃ]	rutsch	[rɒtʃ]
13	[tsʃi:/]	Zzschuu	[tsʃi:/]
14	[rɒtʃ]	Rutsch	[rɒtʃ]

Como primeiro fone do *onset* das onomatopeias sugeridas para este quadro, há diversos casos de consoantes fricativas, presentes em 35,7% das onomatopeias sugeridas para este quadro. Há também a presença significativa de consoantes oclusivas (21,4%), vibrantes (21,4%) e de vogais (17,8%) nesta posição. A predominância de fricativas pode ocorrer devido à ausência de impacto na cena. Conforme constatado na análise das onomatopeias sugeridas para as outras cenas da pesquisa, especialmente das cenas constantes nos três primeiros quadros, as oclusivas representam com eficácia a brusquidão que marca o início de um ruído provocado por um impacto.

Em relação às vogais, ocorre a predominância das vogais fechadas ([u] e [i]), e quase fechadas ([ʊ] e [ɪ]) no núcleo das onomatopeias sugeridas. Essas vogais foram empregadas no núcleo de 85,7% destas onomatopeias. Apenas três das onomatopeias sugeridas para este quadro (10,7%) possuem uma vogal aberta como núcleo.

A predominância de vogais fechadas pode ocorrer devido ao tipo de som representado, cuja característica de movimentação rápida e correspondente deslocamento de ar talvez seja assim adequadamente representada. Trata-se apenas de uma hipótese, pois os dados coletados para a presente pesquisa não permitem esse tipo de conclusão.

Diversos informantes sugeriram onomatopeias escritas com sonoridade totalmente diferente das sugestões orais que haviam feito. Por exemplo, foram sugeridas, de forma oral e escrita, respectivamente, as expressões [tʃĩŋ/] e [flɪtʃ]; [zɹɪp̥/] e [u:i:]; [tsʃɪt] e [ʃlap]; [flʊtʃ:] e [ʀatʃ]; [flutʃ] e [ʃvup], sendo cada par de expressões relativo às sugestões de um informante.

Esse fato deve ter ocorrido devido à dificuldade de interpretação em relação à cena. Como diversos entrevistados sugeriram expressões criadas *ad hoc*, ao invés de uma expressão consagrada ou mais familiar, acabou-se optando pela criação de duas onomatopeias diferentes, cada uma delas mais adequada ao meio em que estava sendo produzida.

Em relação às repetições de letras nas sugestões de onomatopeias escritas, há três casos (“huiiiii”, “uiiiii” e “Zzschuu”) em que o prolongamento da vogal final foi empregado para indicar um prolongamento sonoro que havia sido imaginado pelos informantes, fato comprovado pelo modo como pronunciaram as onomatopeias durante a leitura ([xɹi:\], [u:i:/] e [tsʃɹu:]).

Outro informante sugeriu uma onomatopeia com a letra <h> repetida no final (uuuaaahhh). Através da análise da pronúncia realizada, é possível perceber que o informante utilizou a repetição da letra <h> no final da expressão para representar o prolongamento sonoro do ruído, assim como nos casos semelhantes de sugestões relativas ao quadro anterior da pesquisa.

Em outro caso, o primeiro informante sugeriu uma expressão em que a primeira vogal foi duplicada (“UUI”). No momento da pronúncia da expressão, porém, o informante realizou o prolongamento da vogal final da expressão. Como comentado durante a análise do quadro anterior, o caráter icônico das onomatopeias nas histórias em quadrinhos não permite afirmar que qualquer repetição de letras indique simplesmente o prolongamento sonoro do som representado por ela.

Foram sugeridas nove onomatopeias descritivas, 32,1% do total, tanto de forma oral quanto de forma escrita, a saber: “RUTSCH” (sugerida cinco vezes), “FLUTSCH”,

sugerida duas vezes e “GLITSCH”, sugerida duas vezes. Os três verbos dos quais elas são derivadas possuem a acepção de escorregar ou deixar escorregar (algo das mãos).

As descritivas foram empregadas tanto de forma oral quanto escrita. Nota-se na pesquisa uma tendência maior para a utilização desse tipo de expressão na linguagem escrita, mas as onomatopeias que foram sugeridas são derivadas de verbos que possuem uma forma sonora marcante, que serve bem para a evocação do ato de escorregar, mesmo de forma oral.

Para exemplificar com um exemplo do português, o ato de dormir poderia ser acompanhado, em uma história em quadrinhos, pela onomatopeia “RONC” ou pela onomatopeia “DORME”. No primeiro caso, a onomatopeia possui uma ligação sonora com a ação de roncar, que implica dormir. Já a onomatopeia “dorme” não possui nenhum tipo de relação sonora com o ato de dormir, ou com algum ato concomitante.

As descritivas “RUTSCH”, “FLUTSCH” e “GLITSCH”, portanto, possuem uma sonoridade que se aproxima de um ruído que evocaria a ação de escorregar. Isso ajuda a compreender porque essas onomatopeias descritivas foram utilizadas de forma oral, assim como outras referentes a outros quadros da pesquisa, como “PLATSCH”, por exemplo. Esse tipo de expressão pode inclusive ocorrer durante o discurso oral casual de um alemão.

A maior parte dos verbos dos quais derivam as descritivas que foram utilizadas para esta pesquisa possui essa relação sonora com os eventos a eles relacionados. Porém, é comum a derivação de todo tipo de verbo para a formação das onomatopeias descritivas que são empregadas nas histórias em quadrinhos em língua alemã, sejam verbos como os apresentados ou verbos cuja sonoridade não possui nenhum tipo de relação sonora com o evento a que ele se refere.

Um dos informantes sugeriu, de modo escrito, a expressão “SCHLAPP”. Trata-se de uma interjeição dicionarizada, utilizada para a representação de um movimento rápido, ou mesmo de uma ação realizada rapidamente. Esta interjeição possui caráter ótico-mimético, pois não imita nenhum som específico, mas sua forma e sonoridade evocam essa movimentação rápida durante o discurso ou mesmo em um texto escrito. (Em português há palavras que possuem essa característica, como “PIMBA” ou “ZÁS”, por exemplo). Outras onomatopeias ótico-miméticas (representando 50% das onomatopeias relativas a este quadro) foram criadas *ad hoc* para este quadro da pesquisa, tanto de forma oral quanto de forma escrita.

Um recurso que foi utilizado em diversas onomatopeias para este quadro foi o da variação tonal, sempre nos casos em que foram sugeridas onomatopeias ótico-miméticas criadas *ad hoc*. Fica evidente, pelo número de ocorrências de onomatopeias em que foi utilizado esse recurso em relação a este quadro (35,7%, uma porcentagem elevada em relação aos outros quadros da pesquisa), que este recurso evoca com sucesso um movimento rápido realizado por uma pessoa ou objeto. Conforme comentado anteriormente, esse ruído não se assemelha ao que seria produzido pelo ato de escorregar, mas serve bem no discurso, tanto oral quanto escrito, para representar esse tipo de movimentação.

Foram sugeridas 14 onomatopeias ótico-miméticas criadas *ad hoc* para este quadro, e dentre elas, 71,4% foram pronunciadas com esse recurso de variação tonal. A distribuição é equilibrada entre o emprego do recurso nas sugestões orais e nas leituras das sugestões escritas, assim como entre o emprego de variações ascendentes e descendentes. Isso indica que o importante para a criação do efeito de movimentação rápida é a presença da variação, independentemente do tipo.

As sugestões escritas de cinco informantes contavam com a presença de ditongos, “huiiiii”, “uiiiii”, “Hui” e “uuuaahhh”. No momento em que foram pronunciadas, essas cinco onomatopeias foram lidas com o emprego da variação tonal. Isso indica que estes entrevistados devem ter utilizado os ditongos na linguagem escrita para representar essa imagem sonora de movimento rápido, com um ruído que se afasta gradativamente.

3.1.7 Quadro 7 - Tiros de revólver

Esta é uma cena para a qual existe uma onomatopeia muito utilizada em quadrinhos em língua alemã (“PENG”), conforme evidenciado pelo emprego dessas expressões na publicação alemã desses quadrinhos. Havia a expectativa de que seriam sugeridas várias onomatopeias “PENG”, entre outras similares. Desse modo, tornar-se-ia possível a análise do uso desse tipo de expressão consagrada na linguagem dos quadrinhos em idioma alemão.

Foram sugeridas 30 onomatopeias para este quadro, 16 de forma escrita e 14 de forma oral. Assim como no caso das expressões sugeridas para o quadro 4 desta pesquisa, as diversas onomatopeias que foram sugeridas com reduplicação (Ex. “[pɛŋ] [pɛŋ]”, “[puf] [puf] [puf] [puf]”) foram consideradas como somente uma onomatopeia para a análise quantitativa.

INFORMANTE	ORAIS	ESCRITAS	LEITURAS
1	[pɛŋ] [p ^h ɛŋ] [p ^h ɛŋ] [p ^h ɛŋ]	PENG PENG	[pɛŋ] [pɛŋ]
2	[trəʃ]	tak-tak-tak	[taktaktak]
		wumm!	[vum\]
3	[bɛŋ]	Peng	[pɛŋ]
4	[ʃ:]	Sch, Sch	[ʃ:] [ʃ:]
5	[p ^h u ^h]	PENG	[pɛŋ]
6	[vum]	wumm	[vum]
7	[bam]	bang bang	[bank] [bank]
8	[duf] [duf] [duf] [duf]	Puff, Puff, Puff, Puff	[puf] [puf] [puf] [puf]
9	[kna]	Paff	[paf]
		Peng	[pɛŋ]
10	[pæŋ]	PENG, PENG!	[pæŋ] [pæŋ]
11	[pum]	bähm	[bæm]
12	[pæŋ]	Peng!	[pɛŋ]
13	[penpen]	pengpengpeng	[penpenpen]
14	[pɛŋ]	Peng	[pɛŋ]

A maior parte das onomatopeias sugeridas para este quadro (83,3%) possui uma consoante oclusiva como primeiro fone do *onset*. Nesta posição, predomina a oclusiva bilabial desvozeada (Ex. “[pɛŋ]”, “[pum]”), presente em 68%% das onomatopeias que possuem uma oclusiva como primeiro fone do *onset*.

Conforme comentado durante a análise do quadro 1 da pesquisa, as bilabiais provocam o maior acúmulo possível de ar dentro da boca durante sua produção pelos falantes. Esse maior acúmulo de ar é responsável pela adequada representação de um ruído com grande intensidade e sonoridade marcante, segundo NOGUEIRA (1950a: 79-81), como o de uma explosão ou de um tiro, como o representado neste quadro.

Além disso, o emprego recorrente de expressões semelhantes a “PENG”, consagrada nos quadrinhos em língua alemã, pode explicar a alta incidência das

consoantes bilabiais desvozeadas nesta posição. Esta expressão pode ser considerada como uma equivalente em língua alemã da expressão consagrada “BANG” em língua inglesa, também usualmente empregada para representar na linguagem das histórias em quadrinhos o som de um tiro sendo disparado.

As sugestões da onomatopeia “BANG”, assim como as leituras das expressões escritas, foram realizadas tanto com uma pronúncia alemã ([pɛŋ]) quanto com uma pronúncia inglesa ([pæŋ]). Um dos entrevistados comentou, no formulário, que a expressão deveria ser lida com pronúncia inglesa (antes de saberem que deveriam realizar a leitura das expressões escritas).

Há cinco casos em que os informantes sugeriram expressões iniciadas por consoantes fricativas (“[vum\]”, “[f:\] [f:\]”, “[f:]” e “[vum]”), sugerida tanto de modo oral quanto escrita pelo mesmo informante. Esses casos podem ser explicados pelo fato de os entrevistados terem interpretado a cena de outro modo, considerando uma rajada de tiros, e não tiros isolados. Isso pode ter ocorrido pelo modo como estão retratados os tiros no quadro: sem a referência de uma onomatopeia, fica impossível distinguir se foram dados tiros pontuais ou se foi disparada uma rajada de tiros. Esse efeito se deve em parte às linhas gráficas retas que foram desenhadas ao redor dos tiros, que podem causar uma impressão de continuidade.

Em relação ao núcleo das onomatopeias, a predominância é da vogal [ɛ], presente em 26,6% das sugestões neste quadro, um percentual elevado devido principalmente ao emprego de onomatopeias como “PENG”. Outra vogal que foi empregada recorrentemente no núcleo foi a fechada [u], presente em 16,6% das onomatopeias. Como também foi constatada a presença de vogais como [e], [a] e [æ] em posição nuclear, é possível afirmar que a distribuição entre vogais foi equilibrada em relação a este quadro, considerando que o maior número de vogais [ɛ] foi constatado ao emprego recorrente de ao emprego de onomatopeias como “Peng”.

O último fone em posição de coda destas onomatopeias foi uma consoante nasal na maior parte dos casos (66,6% das onomatopeias). Além disso, há diversas ocorrências de consoantes fricativas nesta posição (20% do total de sugestões).

NOGUEIRA comenta que as consoantes nasais representam com eficácia a ressonância sonora (1950a: 150) e que as fricativas expressam com eficácia a duração sonora prolongada (op. cit. pp. 145-146). Desse modo, é possível compreender o emprego de fricativas e nasais nesta posição final. O som de tiros possui grande ressonância e duração prolongada, e o emprego de consoantes oclusivas em posição

final implicaria um final brusco do ruído imitado, característica que não foi interpretada desse modo pela maior parte dos informantes (apenas duas onomatopeias, representando 6,6% do total, contavam com consoantes oclusivas nesta posição (“[taktaktak]” e “[bank] [bank]”).

Houve apenas um informante que sugeriu uma onomatopeia descritiva, de modo oral ([kna]). Em sua sugestão escrita, o informante preferiu utilizar a expressão “Paff”. A baixa incidência de descritivas em relação a este quadro pode ter ocorrido em função da alta incidência de expressões similares a “PENG” e “BANG”, consagradas na representação do ruído de tiros em língua alemã (e inglesa, no caso das onomatopeias similares a “BANG”).

Além disso, a ausência de uma onomatopeia descritiva usada frequentemente para representar esse tipo de ruído pode também explicar a ausência de descritivas em relação a este quadro. Ao contrário do ruído que seria produzido pela quebra do vidro ou pelo impacto de algo ou de algum corpo contra a água, para os quais as onomatopeias “KLIRR” e “PLATSCH” são utilizadas com frequência na linguagem das histórias em quadrinhos, o ruído de tiros provavelmente não possui uma forma descritiva recorrente nesta linguagem no idioma alemão.

3.1.8 Quadro 8 - Mordidas na madeira

Tanto para este quadro quanto para o quadro 3, existia a expectativa de que fossem sugeridas onomatopeias com a presença de consoantes vibrantes, de acordo com os exemplos apresentados por NOGUEIRA (1950a: 72) em relação a onomatopeias que representam as ações de quebrar ou rasgar algum objeto.

Além disso, havia a expectativa de que fossem sugeridas onomatopeias contendo consoantes oclusivas velares desvozeadas, para a indicação da característica estridente do ruído, como ocorre com as onomatopeias “KRACK”, “KRACH”, “KRECK”, consagradas na linguagem das histórias em quadrinhos em idioma alemão, e também com as expressões “CRASH”, em inglês e “CRÁS”, em português.

Expressões como essas são comumente utilizadas em histórias em quadrinhos para a representação desse tipo de ruído estridente gerado pela quebra do vidro, de

madeira ou de outros objetos. Por esse motivo, havia a expectativa de que elas fossem empregadas em relação a este quadro, possibilitando a análise desse uso por parte dos falantes da língua alemã.

Foram sugeridas 34 onomatopeias para este quadro, 19 de forma escrita e 14 de forma oral. Duas onomatopeias descritivas (“[ʃplitə]”, sugerida por dois informantes, derivada do verbo “*splittern*”, cuja acepção é despedaçar, quebrar em pedaços) sugeridas de forma oral foram excluídas da análise fonética quantitativa por não apresentarem aproximação com o ruído que representado na cena.

INFORMANTE	ORAIS	ESCRITAS	LEITURAS
1	[kʀɪk] [kʀɪk] [kʀɪk]	KRCK	[krk]
		KNACK	[knæk]
2	[kʀɪʃ] [kʀɪʃ] [kʀɪʃ] [kʀɪʃ]	crack crack	[krɛk] [krɛk]
		brech-berst!	[brɛç] [bɛʁst]
3	[kʰʀ:]	Krr	[kʰʀ:]
4	[ham] [ham] [ham]	Ham, ham	[ham] [ham]
5	[kʰʁ] [kʰʁ] [kʰʁ]	KRACK KRACK KRACK	[krak] [krak] [krak]
6	[kʰʀk]	Krrrr	[kr:k]
7	[gəɪə]	grrch	[grɛç]
8	[kr] [kr] [kr] [kr]	Krrr, Krrr, Krrr, Krrr	[kr:][kr:][kr:][kr:]
9	[kʰʀax]	Kraks	[kraks]
		splitter	[ʃplitə]
10	[ratʃ]	RATSCH, RATSCH, RATSCH!	[ratʃ] [ratʃ] [ratʃ]
11	[kʰʀak]	Knacks	[knaks]
		splitter	[ʃplitə]
12	[kʰʀak]	Krrrk	[krkʰ]
13	[krəm]	Hanngrrrrr	[hangr:]
14	[knak̂knak̂knak̂]	Knack Knack	[knak̂knak̂knak̂]
		rtzz rtzz	[R:ts] [R:ts]

Outras descritivas sugeridas para este quadro são derivações da expressão [knaks] (sugerida três vezes) e [brɛç bɛʁst], além de variantes da onomatopeia “KRACK”. Os verbos “*knacken*”, “*kracken*”, “*brechen*” e “*bersten*” possuem a mesma

acepção, “quebrar, despedaçar algo”. Todas essas onomatopeias foram consideradas para a análise quantitativa por apresentarem uma aproximação sonora com o ruído que seria produzido pela cena representada neste quadro.

Um dos informantes fez a sugestão escrita da expressão “brech-berst”. Trata-se de duas descritivas diferentes, mas que foram sugeridas como uma única expressão, inclusive com o emprego do hífen entre elas para sinalizar que se tratava de uma única expressão. Por se tratarem de duas onomatopeias descritivas derivadas de verbos diferentes, essa sugestão foi contabilizada na análise fonética quantitativa como duas onomatopeias distintas.

Além disso, um dos informantes sugeriu, de forma escrita, a expressão “RATSCH, RATSCH, RATSCH!”. Trata-se de uma interjeição dicionarizada em língua alemã, empregada para representar o som de algo sendo rasgado. Apesar de a interjeição não representar fielmente a ação representada no quadro, ela também possui semelhança fonética com as outras expressões relativas a este quadro que procuram imitar com fidelidade o ruído que seria produzido pela ação nele representada. Desse modo, esta onomatopeia também foi contabilizada para a análise quantitativa.

Primeiramente, é necessário indicar que a maior parte dos entrevistados sugeriu para esta cena onomatopeias derivadas da expressão “KRACK”. O verbo “*kracken*” é dicionarizado em língua alemã, com a acepção de quebrar/despedaçar algo. Esse fato poderia ter influenciado a análise quantitativa, mas, por tratar-se de uma expressão de origem onomatopaica, consideraram-se válidas para a análise quantitativa essas sugestões.

A maior parte destas onomatopeias (68,75%) possui uma consoante oclusiva velar desvozeada como primeiro fone do *onset*. Além disso, há poucas ocorrências de consoantes velares vozeadas (6,25%), bilabiais vozeadas (6,25%), fricativas glotais desvozeadas (9,3%) e vibrantes (9,3%) nesta posição. Conforme descrito, a predominância de consoantes oclusivas velares desvozeadas nesta posição pode ser devida à recorrência de sugestões derivadas da expressão “KRACK”.

A expressão “KRACK” pode ser considerada recorrente na linguagem das histórias em quadrinhos em língua alemã. O fato de terem sido sugeridas diversas onomatopeias que podem ser consideradas derivadas dessa expressão, apesar de não possuírem uma semelhança formal estrita com a expressão original, evidencia isso. Essa expressão é muito familiar para os falantes do idioma alemão, de modo que os informantes se sentem confortáveis para efetuar variações derivadas dessa expressão,

seja com o a exclusão ou alteração do núcleo vocálico ([krk^h], [krɛk]) ou com a adição de uma consoante ([kraks]), por exemplo.

Há também a predominância de consoantes oclusivas velares desvozeadas como último fone em posição de coda, presentes em 37,5% das onomatopeias relativas a este quadro. Na mesma posição, também foi identificada a ocorrência significativa de consoantes fricativas diversas (31,25% das sugestões), além de algumas nasais (9,3%) e vibrantes (15,6%).

A presença significativa de consoantes oclusivas velares desvozeadas nesta posição também pode ser explicada pela recorrência de expressões derivadas da onomatopeia “KRACK”, cuja eficiência ao representar ruídos de quebra de objetos rígidos pode ser comprovada através de seu elevado emprego neste quadro da pesquisa. A presença de consoantes oclusivas velares desvozeadas em posição de coda, mas não necessariamente como último fone da onomatopeia, é ainda maior, correspondendo a 40,6% das onomatopeias sugeridas para este quadro.

A influência da expressão “KRACK” também pode ser verificada pelo total de onomatopeias sugeridas que contam com uma consoante vibrante no *onset*, que representam 65,6% das sugestões.

Além da inspiração nessa onomatopeia consagrada, é possível afirmar que a presença de vibrantes nessa posição se deve à eficiência desse tipo de consoante para representar o ruído de um corpo sólido que se fragmenta, conforme explica NOGUEIRA (1950a: 158). Acreditamos que as sugestões referentes ao quadro 3 desta pesquisa também apresentariam recorrentes casos de consoantes vibrantes no *onset*, caso fosse vedada aos participantes da pesquisa a utilização da descritiva “KLIRR”.

A minoria das onomatopeias sugeridas para este quadro (34,3%) conta com consoantes fricativas em posições variadas da sílaba. Como o ruído imitado possui como características a brusquidão no início e no final, além de tratar-se de um ruído “seco”, sem prolongamento sonoro, é possível entender porque não há muitas onomatopeias com consoantes fricativas. Segundo NOGUEIRA (1950a: 145-146) As fricativas representam com efetividade o fenômeno do prolongamento sonoro de um ruído natural.

Em relação ao núcleo destas onomatopeias, existe a predominância (40,6%) de ocorrências de vogais abertas (Ex. “[krak] [krak] [krak]” e “[knaks]”) e de expressões que não apresentam vogais (31,2%; Ex. [k^hr:], [kr:k]). Há um baixo número de ocorrências de outras vogais.

A expressiva presença de vogais abertas também pode estar relacionada à incidência elevada de expressões derivadas da onomatopeia consagrada “KRACK”. Além disso, a ocorrência de vogais abertas parece indicar a representação de ruídos mais agudos, como aqueles representados neste quadro, assim como no quadro 2 e no quadro 4, por exemplo.

Já a presença elevada de expressões sem vogal pode ser explicada pelo ruído que está sendo representado por estas onomatopeias, caracterizado pela brusquidão e sonoridade mais inclinada para os tons agudos. Embora a onomatopeia “KRACK” possa ser considerada como altamente consagrada em língua alemã, ~~mas~~ é possível uma imitação sonora ainda mais fiel do ruído representado neste quadro, porém menos conforme à estrutura silábica do idioma, com a utilização de expressões derivadas da onomatopeia “KRACK” que não possuem vogais.

3.2 Discussão dos resultados

Neste item, os resultados da análise empírica são discutidos em relação aos objetivos específicos da pesquisa, a saber:

- as relações entre a estrutura fonética e os sons representados;
- as relações de conformidade das expressões sugeridas com a estrutura silábica do alemão;
- as relações entre o uso de forma consagradas e criações *ad hoc*;
- as relações entre formas orais e escritas.

3.2.1 Relações entre a estrutura fonética e os sons representados

Em relação à estrutura fônica das onomatopeias compiladas para o *corpus* da pesquisa, houve apenas um caso em que foi empregada uma consoante que não pertence ao sistema linguístico do alemão. Trata-se da aproximante retroflexa vozeada [ɭ], registrada na onomatopeia [gəɭə], sugerida em relação ao quadro 8, a fim de representar o ruído produzido pela madeira sendo mordida e quebrada.

No estágio inicial do desenvolvimento do presente estudo acreditávamos que seriam registradas diversas onomatopeias contendo fones que não fazem parte do sistema fonético alemão, pois as onomatopeias não são limitadas pelo inventário fonético de um idioma, sendo possível o emprego de fones diversos na linguagem oral. A análise dos dados obtidos evidenciou que essa possibilidade existe, mas prevalece a tendência à conformação dessas expressões com o sistema fonético do idioma.

Apesar de sua antiguidade, os estudos de NOGUEIRA (1950a; 1950b) foram os únicos encontrados que são voltados para a compreensão do processo de imitação sonora com a utilização de meios linguísticos. As classificações e categorias estabelecidas pelo autor são rudimentares, mas acreditamos também serem pioneiras. O mais interessante ponto discutido pelo autor é o modo de interpretação das características dos ruídos naturais através das onomatopeias. As constatações seguintes refletem e corroboram, entre outros aspectos, as teorias por ele sugeridas.

Uso de consoantes oclusivas

As consoantes oclusivas foram empregadas como primeiro fonema do *onset* na maior parte das onomatopeias relativas aos quadros que representavam ações com um impacto ou um ruído brusco e intenso (tiro de revólver). Conforme descrito por NOGUEIRA, essas consoantes parecem representar com êxito a característica da brusquidão de um ruído natural, como aquele produzido por algum tipo de impacto. Como o ruído imitado possui um início brusco, são empregadas essas consoantes para representar essa característica.

Em relação aos quadros 1, 2, 4 e 7, foi registrada uma maior incidência de ocorrências de oclusivas bilabiais nessa posição. Já em relação aos quadros 3 e 8 desta pesquisa (vidro sendo quebrado e madeira sendo despedaçada), há uma predominância de consoantes oclusivas velares desvozeadas. A alta recorrência deste tipo de consoante nessa posição em relação a esses estímulos pode indicar que ela é satisfatória para a representação de ruídos caracterizados por um tom mais agudo.

Outro motivo para o emprego de oclusivas velares desvozeadas em relação a esses quadros é o fato de os ruídos que seriam produzidos nas cenas representadas possuírem como característica uma ressonância menor em relação aos ruídos que seriam produzidos pelas cenas representadas nos quadros 1, 2, 3 e 7.

Conforme NOGUEIRA (op. cit. pp. 79-81) comenta em relação à imitação linguística da característica da ressonância, as oclusivas bilabiais são mais adequadas

para a representação de um ruído com maior ressonância. Isso ocorre devido ao acúmulo de uma quantidade maior de ar na boca do que a quantidade acumulada durante a produção de uma consoante velar, que decorre na produção de uma consoante com sonoridade mais intensa. Essa intensidade sonora representa linguisticamente de forma adequada a ressonância de um ruído natural.

O quadro 8 foi o único em relação ao qual foi constatada a recorrência do emprego de consoantes oclusivas como último fone em posição de coda. Do mesmo modo como ocorre com o emprego de oclusivas em posição inicial, as onomatopeias com esse tipo de consoante em posição final representam com êxito um som que termina de forma brusca. No caso da cena representada no quadro 8, o ruído que seria produzido teria um caráter repetitivo, e o emprego de oclusivas nessa posição contribui para a representação da interrupção sonora que ocorreria entre cada um desses ruídos.

Há também ocorrências de consoantes oclusivas como fone final em posição de coda entre as onomatopeias sugeridas para os quadros 1, 4 e 7. Apesar de ocorrerem com menor frequência nesses quadros, é possível constatar que predominam nessa posição as oclusivas velares. Esse predomínio pode ser explicado pela imitação sonora da ressonância. Como as bilabiais representam linguisticamente de modo adequado a característica da ressonância de alta intensidade sonora, seu emprego é mais efetivo em posição inicial, pois é efetuada a desobstrução do ar acumulado na boca após a pronúncia da consoante. Além disso, geralmente o ar é desobstruído no momento em que está sendo pronunciada uma vogal, nos casos em que a consoante oclusiva encontra-se no *onset*. Em posição final, sem preceder uma vogal, essa desobstrução ocorre de modo diverso, tornando-se a produção sonora menos ressoante. Desse modo, acreditamos que as oclusivas velares foram encontradas em maior número em posição final, em relação às bilabiais, porque elas foram empregadas com o intuito de representar a característica da brusquidão com que o ruído imitado é interrompido.

Em relação ao quadro 6 foi constatada a frequência mais baixa de ocorrências de consoantes oclusivas. Entre as onomatopeias sugeridas para esse quadro encontram-se inclusive diversas ocorrências de onomatopeias formadas somente por vogais. Acreditamos que a ausência de consoantes oclusivas ocorre nesse caso pelo fato de a cena representada não possuir nenhum tipo de impacto ou ruído marcante. Há diversas onomatopeias empregadas em relação a esse quadro que são ótico-miméticas, tentativas de representar um som que evocaria a ação de escorregar. Essa evocação parece ocorrer

com mais êxito com o emprego de onomatopeias com consoantes fricativas ou apenas vogais, empregadas em abundância em relação a esse quadro.

Uso de consoantes fricativas

As consoantes fricativas, segundo NOGUEIRA (op. cit. pp. 145-146), representam adequadamente a característica de duração sonora prolongada nas onomatopeias (assim como as laterais e vibrantes). O ar é expelido ininterruptamente pela boca durante a produção desse tipo de consoante. A continuidade sonora produzida por esse efeito representa o prolongamento sonoro de um ruído com eficiência.

Além disso, também segundo NOGUEIRA (op. cit. p. 148), as consoantes fricativas representam nas onomatopeias a característica de continuidade sonora. Também pelo fato de não ser interrompida a corrente de ar, os segmentos formados por essas consoantes representam a característica da continuidade de um som natural. Essa característica não deve ser confundida com o prolongamento sonoro. Sons sem continuidade, segundo o autor, são aqueles como os que seriam produzidos pelos quadros 7 e 8, por exemplo, caracterizados pela repetição e descontinuidade sonora.

As consoantes fricativas foram empregadas com maior frequência no final da posição de coda. Conforme descrito por NOGUEIRA o emprego de fricativas nessa posição representa adequadamente o prolongamento de um ruído. É possível observar com clareza esse fenômeno ao compararmos as onomatopeias sugeridas para o quadro 1 com aquelas sugeridas para o quadro 2. O quadro 1 possui a representação de uma fruta rígida atingindo uma personagem na cabeça. A mesma ação é retratada também no quadro 2. A diferença é que a fruta que atinge a personagem no quadro 2 é mole e se espatifa com o impacto.

Uma grande parcela (93,1%) das onomatopeias sugeridas em relação ao quadro 2 possui uma consoante fricativa no final da posição de coda. O mesmo não ocorre com as onomatopeias sugeridas para o quadro 1. Apenas 29,6% das onomatopeias sugeridas em relação a esse quadro contém uma fricativa, independente da posição. É possível concluir que a recorrência de fricativas em posição final no quadro 2 ocorre devido à tentativa de representação de um ruído que não possui um final brusco, mas sim prolongado, pelo ruído que seria produzido pela fruta ao espatifar-se

Estes quadros foram selecionados com a intenção de que essa comparação pudesse ser efetuada. Efetivamente, é possível perceber com clareza a diferença formal

entre as onomatopeias sugeridas para cada um dos dois quadros. Conforme comentado na seção referente aos métodos da pesquisa, a disposição desses quadros em sequência foi empregada com o intuito de que os entrevistados pensassem na diferença entre os sons que seriam produzidos pelas ações representadas nos dois quadros e procurassem expressá-las em suas sugestões.

Também foi constatada uma presença significativa de consoantes fricativas entre as onomatopeias sugeridas para os quadros 5 e 6. Em relação ao quadro 5, no qual está representado um peixe cuspidor, é possível afirmar que as fricativas foram empregadas pelo fato da sonoridade do ruído produzido pelo cuspe ser caracterizado pela livre passagem do ar pelos lábios, como ocorre durante a produção desse tipo de consoante.

Em relação ao quadro 6, no qual está representada uma personagem escorregando, é possível deduzir que as consoantes fricativas foram empregadas com o intuito de que as expressões compostas por elas representassem um ruído que evocaria uma movimentação rápida, como a do ato de escorregar, deslizar, de forma ótico-mimética.

Esse tipo de ruído não seria adequadamente representado pelo emprego de oclusivas, pois sua utilização implica na interrupção da corrente de ar, o que provocaria um ruído que não seria compatível com esse tipo de movimento rápido de deslizamento.

Uso de consoantes vibrantes

As consoantes vibrantes, de acordo com NOGUEIRA (op. cit. pp. 145-146), podem ser empregadas com sucesso com o intuito de representar o prolongamento sonoro, assim como as consoantes fricativas e laterais. Além disso, o autor comenta que esse tipo de sílaba costuma ser empregado para a representação do ato de quebrar ou rasgar um objeto (op. cit. p. 72).

Foram registradas recorrências significativas de consoantes vibrantes entre as onomatopeias sugeridas para os quadros 3 e 8. No quadro 3, foram registradas ocorrências de vibrantes, tanto como último fone em posição de coda quanto na segunda posição do *onset*.

O emprego de vibrantes como último fone em posição de coda nesse caso pode ser explicado pela recorrência do emprego da onomatopeia descritiva “KLIRR”. Mesmo

assim, trata-se de uma descritiva baseada em um verbo originado através da imitação sonora. Desse modo, a ocorrência de consoantes vibrantes em posição final representa adequadamente o prolongamento sonoro que seria produzido por um ruído como o de uma superfície de vidro sendo estraçalhada.

Nas onomatopeias sugeridas para o quadro 8, as consoantes vibrantes encontram-se prioritariamente como segundo fone do *onset*, sempre seguindo uma consoante oclusiva, na maior parte dos casos uma oclusiva velar desvozeada. Essas podem ser explicadas pela recorrência de onomatopeias derivadas da expressão “KRACK”. Mesmo assim, essa também se trata de uma onomatopeia descritiva derivada de um verbo de origem onomatopaica. Desse modo, a presença de consoantes vibrantes nessa posição nessas onomatopeias também representa adequadamente o ruído de quebra de um objeto rígido, conforme observado por NOGUEIRA.

Uso de consoantes nasais

As consoantes nasais, segundo NOGUEIRA (op. cit. p. 150), são utilizadas com eficácia para a representação linguística da característica de intensa ressonância dos ruídos naturais. Recorrências relevantes de consoantes nasais foram registradas nas onomatopeias sugeridas para os quadros 1 e 7.

No quadro 1 é representada uma cena que produziria um ruído brusco, “seco”. Mesmo assim, a apresentação gráfica da cena indica que o impacto foi intenso, pela da representação do desvio de trajetória efetuado pela fruta após o impacto e pela expressão da personagem atingida, que indica que o golpe foi recebido com grande intensidade. Consideramos que essa grande intensidade do ruído imitado nesse quadro foi representada pelos informantes através do emprego das consoantes nasais, geralmente como último fone em posição de coda.

As consoantes nasais foram empregadas da mesma forma pelos informantes nas onomatopeias relativas ao quadro 7 da pesquisa, no qual estão representadas personagens atirando com revólveres. O ruído produzido pelos tiros também possui como característica uma ressonância intensa.

Assim como constatado em relação ao quadro 1, as consoantes nasais empregadas nas onomatopeias sugeridas para o quadro 7 encontram-se sempre em posição de coda, na maior parte dos casos como último fone da expressão. Esse fato demonstra que as consoantes nasais foram empregadas nesses casos para a

representação da ressonância intensa que caracteriza o prolongamento sonoro característico desses ruídos.

Uso de consoantes laterais

Em relação às consoantes laterais, NOGUEIRA (op. cit. pp. 145-146) comenta que seu emprego representa de forma adequada o prolongamento de um ruído. As consoantes laterais são frequentemente empregadas como segundo fone do *onset*. A presença desse tipo de consoante em uma palavra provoca a impressão de prolongamento sonoro. Comparando duas onomatopeias sugeridas para o quadro 2 da pesquisa, [platʃ] e [batʃ], é possível constatar que o emprego de uma consoante lateral nessa posição provoca a impressão de uma duração maior do ruído imitado.

Nesta pesquisa foi constatado o emprego desse tipo de consoante nos quadros 2, 3, 4 e 5. É possível afirmar que existe uma semelhança entre os ruídos que seriam produzidos pelas cenas representadas nos quadros 2, 3 e 4 (fruta mole se espatifando, passos contra a água e vidro sendo quebrado). Esses três ruídos possuem como característica o prolongamento sonoro.

A presença desse tipo de consoante nas onomatopeias sugeridas para o quadro 5 pode ser justificada por outro motivo. O ruído produzido pelo ato de cuspir pode ser representado adequadamente através do emprego de consoantes laterais. Esse ruído é produzido pela intensa expulsão de ar através dos lábios em posição semicerrada.

Quando um objeto é cuspidado (ou uma pessoa, como ocorre na imagem representada nesse quadro), a passagem de ar é interrompida no momento em que o objeto passa através dos lábios do sujeito que executa a ação. As consoantes laterais representam esse ruído específico com sucesso. É possível verificar esse emprego das consoantes laterais nas expressões [flp], [flɪp], e [flotʃ], por exemplo.

Uso de vogais

Em relação às vogais empregadas nas onomatopeias sugeridas, serão apresentadas a seguir algumas considerações.

As vogais abertas foram empregadas com mais frequência em relação aos quadros 2, 4 e 8, prevalecendo nos quadros 1, 3 e 7 uma disposição razoavelmente

equilibrada entre as vogais, sem a predominância relevante de nenhuma vogal específica.

O emprego de um maior número de vogais abertas, na maior parte dos casos anteriores, no núcleo das onomatopeias relativas aos quadros 2, 4 e 8 pode ser justificado pela característica sonora comum aos ruídos que seriam produzidos pelas ações representadas nessas três cenas. Trata-se de três ruídos caracterizados pelo tom agudo e pela sonoridade intensa.

Em relação ao quadro 5, no qual a ação representada é o ato de cuspir algo, foi constatada a ausência de vogais abertas e a recorrência de vogais fechadas posteriores (25,8%) e de onomatopeias sem vogais (25,8%). Conforme comentado durante a análise, o ruído imitado, produzido também através do aparelho linguístico, implica no fechamento dos lábios para que seja possível a ação de cuspir.

A imitação sonora da ação de cuspir, portanto, implica no fechamento da boca, a fim de que seja imitada com precisão a ação. Considerando isso, é possível entender porque as vogais abertas não representariam adequadamente esse tipo de ruído. Além disso, diversos informantes sugeriram expressões que imitam o ato de cuspir através do fechamento dos lábios e da execução rápida de uma expulsão de ar. Esse procedimento é considerado responsável pela recorrência de expressões sem vogais em relação a esse quadro.

Uso de variação tonal

Uma constatação importante para o estudo foi o emprego de variações tonais para a evocação de movimentos rápidos, que pode ser verificado em diversas onomatopeias relativas ao quadro 6. Esse recurso confere uma maior expressividade às onomatopeias que classificamos como ótico-miméticas. Esse recurso representa, através de sua sonoridade expressiva, um movimento rápido ou um deslocamento rápido de algo ou de alguma pessoa, implicando em seu afastamento.

O termo “ótico-mimética” foi sugerido por KOLLER, cujo estudo das interjeições considera apenas expressões escritas. Como foi constatado nesta pesquisa o emprego desse tipo de expressão de modo oral, é possível questionar se o termo “ótico” seria o mais adequado para a designação desse tipo de expressão. HOUAISS usa o termo “palavras expressivas” em relação a esse tipo de onomatopeia, que não é tão específico quanto aquele sugerido por KOLLER.

A variação tonal ascendente ou descendente foi empregada, na maior parte dos casos, em expressões que contêm um ditongo. O emprego de semivogais implica em uma maior duração sonora das onomatopeias. Além disso, a sonoridade do ditongo possui já certa característica variação.

Não foi constatada nenhuma correspondência entre o emprego de ditongos abertos e fechados e a variação tonal ascendente ou descendente. A distribuição de variações ascendentes e descendentes foi equilibrada entre essas onomatopeias. Isso indica que a presença desse tipo de variação, seja ascendente ou descendente, é suficiente para a evocação de um movimento rápido ou de um deslocamento rápido.

3.2.2 Estrutura silábica

A maior parte das sugestões de onomatopeias que compõem o *corpus* desta pesquisa é monossilábica. Há ocorrências nas quais a mesma onomatopeia foi sugerida sucessivamente, mas mesmo nesses casos é possível identificar a repetição de expressões monossilábicas, e não a formação de uma palavra bi, tri ou polissilábica.

Apesar de poderem ser formadas com uma estrutura silábica diferenciada, que não segue as mesmas regras às quais as outras palavras do idioma estão submetidas, percebeu-se uma tendência à conformação das expressões sugeridas para a pesquisa com a estrutura silábica alemã.

A maior incidência de onomatopeias cuja estrutura silábica diverge do padrão foi constatada em relação aos quadros 4 (“impactos sucessivos contra a água”), 5 (“personagem é cuspid”) e 8 (“mordidas na madeira”). Especialmente os quadros 4 e 5 apresentam representações de ações cuja interpretação sonora é muito difícil, em relação aos outros quadros da pesquisa. Essa dificuldade provavelmente fez com que houvesse um número maior de criações de onomatopeias sugeridas *ad hoc*, fato que justifica a maior incidência de onomatopeias cuja estrutura não segue os padrões silábicos do idioma.

Em relação ao quadro 8 foram sugeridas diversas expressões que podem ser consideradas variantes da onomatopeia consagrada “KRACK”, empregada para representar linguisticamente o ruído da quebra de um objeto rígido. Provavelmente por tratar-se de uma expressão altamente recorrente na linguagem das histórias em quadrinhos em alemão, vários entrevistados sugeriram expressões com uma sonoridade

que se aproximava dessa onomatopeia, efetuando, porém, variações em relação à sequência sonora. Dentre essas variantes há várias onomatopeias que não apresentavam vogais, o que levou à alta incidência de expressões com uma estrutura silábica diferente do padrão do idioma.

Em relação aos demais quadros, a predominância foi de onomatopeias com estrutura silábica conforme aos padrões da língua alemã. Isso pode ser um reflexo da facilidade de interpretação das cenas neles representadas: os ruídos que seriam gerados pelas ações representados nesses quadros são recorrentemente imitados linguisticamente na linguagem oral. Além disso, essas ações são facilmente encontradas em histórias em quadrinhos, acompanhadas por onomatopeias. Isso faz com que a maioria dos entrevistados já conheça uma expressão que poderia ser empregada em relação a essas cenas.

A maior facilidade para o emprego de onomatopeias existentes, corriqueiras na linguagem dos quadrinhos em alemão, além da presença de descritivas, contribui para que a maior parte das onomatopeias sugeridas para esses quadros possuam estrutura vocabular conforme aos padrões da língua.

3.2.3 Uso de formas consagradas em relação a criações ad hoc

Foram compiladas diversas sugestões de onomatopeias descritivas, derivadas geralmente de verbos e que possuem estrutura silábica conforme aos padrões do idioma. Trata-se de um tipo de onomatopeia muito utilizado nos quadrinhos em alemão, em relação aos quadrinhos em português, por exemplo. Quando foi possível o emprego desse tipo de expressão, diversos entrevistados utilizaram esse recurso.

Apenas em relação aos quadros 1 e 8 não foram registradas sugestões de onomatopeias descritivas. Nos dois quadros estão representadas ações (fruta atingindo uma personagem e revólveres sendo disparados) que provocariam ruídos que possuem algumas semelhanças entre si. Trata-se de ruídos bruscos e intensos, com uma alta ressonância. A maior parte dos entrevistados preferiu então sugerir onomatopeias com esse tipo de sonoridade. A ausência de onomatopeias descritivas consagradas em relação a esses quadros aponta para a inexistência desse tipo de expressão em relação a esses tipos de ruído.

Em relação ao meio oral, foi constatada uma tendência à criação de onomatopeias *ad hoc*. Muitos entrevistados sugeriram expressões orais com estrutura estranha ao sistema linguístico alemão, caracterizadas por fenômenos como a ausência de vogais, sequências incomuns de consoantes, emprego de fones peculiares, variações tonais e entoação expressiva, por exemplo. Em diversos casos, o mesmo informante que sugeriu uma onomatopeia oral que utilizava um desses recursos, criada *ad hoc*, sugeriu de forma escrita uma expressão mais conforme ao padrão do idioma.

Um fator que pode explicar a maior presença de criações *ad hoc* de forma oral é o modo como a entrevista foi conduzida. Os informantes primeiramente apresentavam sugestões orais, desconhecendo o fato de que deveriam apresentar sugestões escritas posteriormente. É possível que eles tenham tido dificuldades ao tentar representar o ruído produzido anteriormente de forma escrita, preferindo utilizar uma onomatopeia mais conforme aos padrões linguísticos ou uma previamente conhecida.

Para exemplificar, em relação ao quadro 2, um informante sugeriu a onomatopeia [hũĩçũ] de forma oral e a onomatopeia “Platsch” de forma escrita. Outro informante, em relação ao mesmo quadro, sugeriu [p^hɪtʃk^h] de forma oral e “BATSCHE” de forma escrita. É possível que eles tenham observado a cena e imaginado um ruído específico. A imitação linguística desse ruído de modo oral teria sido bem sucedida, pois o ruído imaginado teria sido imitado com sucesso. De forma escrita, os mesmos informantes podem ter tido dificuldades para interpretar o ruído imaginado, optando por utilizar uma onomatopeia convencional.

A onomatopeia descritiva “PLATSCH”, conforme esperado, foi empregada por diversos entrevistados em relação ao quadro 4, totalizando 37% das sugestões relativas a esse quadro. Conforme comentado durante a análise dos quadros 2 e 3 da pesquisa, a possibilidade de uso de uma expressão descritiva consagrada no idioma é efetivamente aproveitada por boa parte dos falantes. Ao invés de procurar criar expressões *ad hoc*, percebe-se que boa parte dos entrevistados acha mais fácil utilizar esse tipo de expressão, fato que fica mais evidente na análise das expressões do quadro 3.

3.2.4 Relações entre formas orais e escritas

A comparação entre as onomatopeias sugeridas de forma oral e de forma escrita permitiu a constatação de dados relevantes. Em primeiro lugar, foi constatada uma tendência à maior conformidade com a estrutura linguística alemã na forma escrita. Além disso, constatou-se a tendência ao emprego de onomatopeias consagradas na forma escrita.

Essa tendência ao emprego de onomatopeias mais conformes ao sistema linguístico de forma escrita pode ser devida a uma influência da linguagem das histórias em quadrinhos. Conforme comentado anteriormente, os alemães utilizam com frequência nos quadrinhos onomatopeias descritivas, que possuem estrutura conforme aos padrões do idioma. Isso pode ter influenciado os informantes, levando-os tanto a sugerir onomatopeias descritivas, registradas em grande quantidade em relação à maior parte dos quadros, quanto onomatopeias com estrutura conforme aos padrões linguísticos alemães.

A maior parte das expressões sugeridas de forma escrita está de acordo com os padrões grafemáticos do idioma alemão. Os desvios são, na maior parte dos casos, devidos a repetições de letras semelhantes efetuadas pelos entrevistados. Esse recurso confere maior expressividade às onomatopeias escritas.

Conforme mencionado anteriormente, as onomatopeias geralmente são pronunciadas de forma peculiar, com uma entonação que procura conferir o máximo de expressividade a elas. De forma similar, as onomatopeias escritas utilizam recursos como a repetição de letras para, por exemplo, enfatizar o som por elas representado, em relação aos outros sons da expressão.

As repetições de letras podem ter sido efetuadas com intenções diversas; a análise dos quadros 4 e 5 evidenciou que há repetições de letras cujos sons que elas representam não são pronunciados de forma prolongada pelos informantes. O caráter icônico das onomatopeias na linguagem das histórias em quadrinhos possibilita a utilização desse tipo de recurso com intenções diversas. A imitação sonora em meio escrito torna-se mais expressiva através desses recursos, conforme descrito por HAVLIK (1981: 17-19).

De forma escrita, também houve diversas incidências de ditongos em relação ao quadro 6. A maior parte dessas onomatopeias foi grafada com uma das letras do

ditongo repetida (“Zzschiuu”, “uuuaaahhh”, “huiiii”). As sugestões escritas de cinco informantes contavam com a presença de ditongos: “huiiii”, “uiiii”, “Hui” e “uuuaaahhh”. No momento em que foram pronunciadas, estas cinco onomatopeias foram lidas com o emprego da variação tonal. Isso indica que estes entrevistados devem ter utilizado os ditongos na linguagem escrita para representar essa imagem sonora de movimento rápido, cujo ruído se afasta gradativamente. Acreditamos que o emprego dos ditongos e das repetições foram os recursos que os informantes utilizaram de forma escrita para representar a variação tonal.

Duas sugestões de forma escrita relativas ao sexto quadro podem ser consideradas derivações da onomatopeia inglesa “BANG”, (“bang bang” e “bähm”). Mesmo assim, essas duas onomatopeias possuem características do idioma alemão. A primeira foi grafada do mesmo modo que seria em inglês, “bang bang”. Porém, o informante realizou a leitura com a pronúncia alemão da vogal [a], “[bank] [bank]”, além de ter realizado a pronúncia da letra <g> como [k], característica do idioma alemão. O outro informante realizou a leitura com a pronúncia inglesa da vogal ([bæm]). Porém, este informante grafou a expressão como uma palavra alemã, com a utilização do trema sobre a vogal <a> para indicar a utilização da vogal [æ].

CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tinha por objetivo verificar empiricamente a produção e o uso de onomatopeias em língua alemã nas formas oral e escrita, em um contexto referente às histórias em quadrinhos. Para tanto, foram analisadas as estruturas fonética e silábica, as relações entre produção oral e escrita e o uso de formas consagradas por parte de falantes nativos do idioma.

Consideramos que o objetivo foi atingido, e que a análise comparativa entre as onomatopeias sugeridas possibilitou a verificação de tendências importantes para a compreensão do processo de criação e uso dessas expressões linguísticas em língua alemã. A variedade de estímulos apresentada aos entrevistados levou à formação de um *corpus* que tornou possível a verificação dos fenômenos descritos na seção referente aos fundamentos teóricos da pesquisa. Além disso, os dados compilados possibilitaram a análise comparativa no âmbito de cada um dos quadros utilizados, em número que possibilitou a observação de tendências em relação ao emprego de determinados fonemas para a imitação de ruídos específicos ou de peculiaridades sonoras desses ruídos.

Houve a ocorrência, entre os dados do que compõem o *corpus* da pesquisa, de apenas uma expressão que apresenta um fone que não faz parte do sistema fonético padrão do alemão (a aproximante retroflexa vozeada [ɭ]). A praticamente nula incidência desse tipo de fone nos leva a indicar uma tendência geral à conformação fonética na criação de onomatopeias em alemão. É possível, porém, que a baixa incidência de ocorrências de fones estranhos ao sistema fonético do idioma se deva aos estímulos empregados: talvez a representação de ruídos específicos, diversos dos representados nos quadros desta pesquisa, resultasse em um maior número de ocorrências de fones que não pertencem ao sistema fonético alemão. Seria necessária uma pesquisa específica, para a qual deveria ser compilado um *corpus* extenso, para a confirmação de tal tendência.

Em relação à estrutura silábica, a predominância foi de onomatopeias monossilábicas, com tendência à conformidade com a estrutura padrão, em especial nas formas escritas. Quadros que apresentavam situações corriqueiras na linguagem dos quadrinhos, para as quais já há mais onomatopeias consagradas em alemão, e a presença

de onomatopeias descritivas contribuíram para que a maior parte das onomatopeias sugeridas nessas situações apresentassem estrutura vocabular conforme aos padrões da língua. Quando os estímulos visuais exigem apresentem situações menos comuns ou que exigem maior interpretação, cresce a tendência a sugestões ad hoc que se distanciam mais da estrutura silábica padrão, notadamente a ausência de vogais.

Constatou-se o uso de variação tonal em algumas formas orais e também de sua representação nas formas escritas. A variação tonal foi empregada, na maior parte dos casos, em onomatopeias ótico-miméticas, que não se tratam de tentativas de reprodução linguística de um ruído natural, mas sim de expressões cuja forma e sonoridade evocam a impressão de uma movimentação rápida, por exemplo.

A distribuição é equilibrada entre o emprego do recurso nas sugestões orais e nas leituras das sugestões escritas, assim como entre o emprego de variações ascendentes e descendentes. Isso indica que o importante para a criação do efeito de movimentação rápida é a presença da variação, independente do tipo.

Várias sugestões escritas que contavam com a presença de ditongos apresentavam o emprego da variação tonal. A maior parte dessas onomatopeias foi grafada com uma das letras do ditongo repetida, o que indica que os entrevistados devem ter utilizado tal recurso para representar essa variação. Isso pode ser comprovado pelo fato de as leituras dessas onomatopeias escritas terem sido efetuadas, na maior parte dos casos, com o emprego de variação tonal.

É possível constatar que existe a influência da forma em língua inglesa, apropriada pelas histórias em quadrinhos em alemão e integrada ao idioma. Pode-se perceber que tais formas estão integrada ao sistema do idioma alemão, já que são enunciadas, na maior parte dos casos, com a pronúncia desse idioma.

Ainda assim, ocorrências de onomatopeias provenientes do idioma inglês foram escassas, o que pode indicar que o idioma alemão possui um inventário satisfatório de onomatopeias (pelo menos em relação aos estímulos apresentados na pesquisa). A comum utilização de onomatopeias descritivas pode também justificar a ausência de expressões provenientes do idioma inglês: quando algum informante não sabia o que sugerir, podia recorrer ao recurso de criar uma onomatopeia descritiva, ao invés de empregar uma expressão proveniente de outro idioma.

Apesar de serem mais conformes ao sistema linguístico alemão, as onomatopeias escritas compiladas contavam com letras repetidas, empregadas com intenções diversas, conforme demonstrado na análise.

É possível que os informantes tenham sugerido expressões mais convencionais de modo escrito pelo fato de a linguagem escrita não contar com os recursos expressivos do meio oral. Nas histórias em quadrinhos, os recursos aplicados para conferir expressividade às onomatopeias são tanto relacionados à sequência das letras e sílabas quanto à disposição gráfica (HAVLIK, 1981: 17-23). Em relação à disposição gráfica, o tamanho da letra, o local de colocação no quadrinho, o formato e tipo de traçado utilizado, a cor, a possibilidade de figuração no cenário ou nos balões de fala e a utilização (em geral) de letras maiúsculas são características que conferem expressividade às onomatopeias no meio escrito (op. cit. 20-23).

Esses recursos não foram empregados na pesquisa conduzida, o que pode ter influenciado os informantes a sugerir expressões escritas mais conformes ao padrão linguístico ou já conhecidas. A menor disponibilidade de recursos expressivos em meio escrito pode ter levado os informantes a recorrer a expressões consagradas. Conforme comentado durante a análise, a possibilidade de uso de uma expressão descritiva consagrada no idioma é efetivamente aproveitada por boa parte dos falantes, que, ao invés de procurar criar expressões *ad hoc*, opta por utilizar esse tipo de expressão.

Esperamos que essas constatações e hipóteses, assim como a sugestão de metodologia aqui apresentada, possam contribuir para o estudo do tema. Conforme aqui apresentado, há diversas interpretações em relação às onomatopeias no âmbito da linguística, mas ainda poucas pesquisas específicas.

Outros estudos sobre o tema ajudariam a compreender com maior profundidade o fenômeno da imitação sonora linguística. Por exemplo, estudos com maior número de informantes e estímulos mais variados, ou ainda estudos que contemplassem também o aspecto visual, em conjunto com o linguístico, das onomatopeias nas histórias em quadrinhos, contribuiriam enormemente para o estudo do tema.

Uma pesquisa na mesma linha de estudo, em que os informantes fossem solicitados a considerar também o aspecto visual, por exemplo, sendo solicitados a posicionar e criar o design das onomatopeias de um quadro de quadrinhos, poderia contemplar diversas questões que não puderam ser discutidas neste estudo, mas que estão intimamente ligadas ao processo de criação e uso de onomatopeias na linguagem das histórias em quadrinhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIZEM, Naumin - “Onomatopéias nas Histórias em Quadrinhos”. In: Moya, Álvaro de. *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 3ª ed. 1977.
- AZEREDO, José Carlos de - *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BACK, Eurico e MATTOS, Geraldo - *Gramática Construtural da língua Portuguesa, Primeiro Volume*. São Paulo: Editora FTD, 1972.
- BARBIERI, Danielle - *Los Lenguajes del Cómic*. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, 1998.
- BARROS, Enéias Martins de - *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Atlas, 1985.
- BECHARA, Evanildo - *Moderna Gramática Portuguesa: Cursos de 1º e 2º Graus*. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- BLASCO FERRER, EDUARDO – *Linguistik für Romaniste: Grundbegriffe im Zusammenhang*. Berlim: Erich Schmidt, 1996.
- CEGALLA, Domingos Paschoal - *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1970.
- CALDAS, Raoni Naraoka – “Estudo Linguístico Comparativo sobre Onomatopéias em Histórias em Quadrinhos: Português / Alemão”. In: *Pandemonium Germanicum: Revista de Estudos Germanísticos*. Nº. 18. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2011.2. pp. 153-184.
- CLÉMENT, DANIELE – *Linguistisches Grundwissen – Eine Einführung für zukünftige Deutschlehrer*. Wiesbaden: Westdeutscher Verlag GmbH, 2000.
- CUNHA, Celso Ferreira da - *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.
- DUBOIS et al. – *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- DUDEN - *Die Grammatik*. Mannheim / Leipzig / Wien / Zürich: Dudenverlag, 2005.
- ECO, Humberto - *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva 2004.

- EISNER, Will - *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- ERBEN, Johannes - *Deutsche Grammatik, Ein Abriss*. München: Max Hueber Verlag, 1972.
- GÄRTNER, Eberhard - *Grammatik der Portugiesischen Sprache*. Tübingen : Niemeyer, 1998.
- GONÇALVES, Miguel - *A Interjeição em Português - Contributo para uma Abordagem em Semântica Discursiva*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002. (Tese de Doutorado publicada como livro).
- GRÜNEWALD, Dietrich - *Comics*. Tübingen: Niemeyer, 2000.
- HAVLIK, Ernst. *Lexikon der Onomatopöien*. Frankfurt a.M.: Fricke, 1981.
- HOUAISS - *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa - Versão 1.0*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2001.
- KOHLER, KLAUS J. – *Einführung in die Phonetik des Deutschen*. Berlin: Erich Schmidt, 1995.
- KOLLER, Erwin - "Interjektionen, Deutsch - Portugiesisch". In: BLÜHDORN, Hardarik; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (Ed.). *Die kleinere Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*. (Rostocker Romanistische Arbeiten 7). Frankfurt a.M.: Peter Lang, 2003. pp. 173-211.
- KURY, Adriano da Gama - *Português Básico, Gramática - Antologia - Exercícios*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A, 1990.
- LUFT, Celso Pedro - *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1976.
- MCCLLOUD, Scott - *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2005.
- MEIRELES, Selma Martins - "Onomatopéias e Interjeições em Histórias em Quadrinhos". In: *Pandemonium Germanicum: Revista de Estudos Germanísticos*. n. 11. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 11/2007a. pp. 157-188.
- MOYA, Álvaro de - *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 3ª ed. 1977.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá - *Estudos sobre as onomatopéias*. Lisboa: Livraria Clássica Editora A.M. Teixeira & Cia. (Filhos), 1950a.

- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá - *As Onomatopeias e o Problema da Origem da Linguagem*. Lisboa: Livraria Clássica Editora A.M. Teixeira & Cia. (Filhos), 1950b.
- SAID ALI, Manoel - *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1964.
- TRASK, Robert L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- VATER, Heinz. *Einführung in die Sprachwissenschaft*. Paderborn - Wilhelm Fink GmbH & Co. Verlags – Kg. 1994.
- VAZQUÉZ CUESTA, Pilar E DA LUZ, Maria Albertina Mendes. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Império LTDA., 1980.